

# **Resolução Política**

**6.º Congresso do POM**

**31 de janeiro e 01 de  
fevereiro de 2004.**

## Resolução Política do 6.º Congresso do POM 31 de janeiro e 01 de fevereiro de 2004.

### Conjuntura:

O Sistema capitalista passa por uma crise mundial. Na sua totalidade, os países estão submetidos em uma profunda crise. Os países oprimidos estouram, rastejam, adotam planos e mais planos e mesmo assim, sobrevivem em meio ao aumento da barbárie. A crise atinge inclusive os grandes centros imperialistas, que recorrem ao aumento das taxas de exploração sobre os países oprimidos, com guerra comercial, formação de blocos econômicos com vistas ao domínio, conquista e ampliação de novos mercados. Recorrem mesmo ao armamentismo e às guerras no intuito de dominar novos mercados, regiões e o mundo, matérias-primas (petróleo e todo tipo de minerais, biodiversidade, água e fontes de energia). A crise que atravessamos não é resultado de maus ou bons governos e sim do fenômeno da **crise de superprodução** inerente ao regime capitalista, que o conduzirá ao aprofundamento da barbárie.

O regime capitalista está agonizando há décadas, porém respira, e para respirar, necessita rebaixar cada vez mais o nível de vida das massas em geral, rebaixando salários com o conseqüente alto custo de vida, com substituição dos trabalhadores que ganham mais por trabalhadores de menor salário, com empregos terceirizados e sem registro, trabalho temporário, tirando os direitos trabalhistas, desemprego em massa, diminuição do estado no que se refere aos direitos dos trabalhadores (saúde pública, transporte, escola pública, aposentadoria, desregulamentação da Legislação Trabalhista etc). De um lado, o Estado é diminuído (no que refere aos gastos sociais, fruto das conquistas históricas dos trabalhadores do mundo) e de outro, o Estado é ampliado (fascistizado), ou seja: O Estado se transforma, avança no grau de repressão tendo em vista o aumento dos miseráveis e da revolta. As desregulamentações legais das conquistas históricas são trocadas pelo instrumento das cooptações, que são instrumentos de caráter fascista visando a disciplina do próprio trabalho, qualidade deste, bem como a produtividade. Podemos citar dois instrumentos a título de exemplo: A política de participação nos lucros incorporada pela burocracia sindical no Brasil, que traça as metas a serem alcançadas pelo burguês no que se refere à produção, qualidade e vendas. Que a tal a participação nos lucros fica condicionada a permanente vigilância dos operários em relação aos seus próprios companheiros visando, não faltar ao trabalho, não se acidentar, produzir com qualidade e no menor tempo possível. Instaura na fábrica e na sessão um regime de deduragem entre trabalhadores, com a supervisão dos dirigentes sindicais da burocracia, objetivando atingir as metas e a boa “participação nos lucros”. Na política de Educação Oficial do Estado de São Paulo se introduziu a política do Bônus. Acaba-se com os dissídios coletivos e com os reajustes salariais, mesmo as correções inflacionárias, em troca, estimula a “competição” entre o professorado e funcionários da Educação, com vistas a abrirem mão de Direitos conquistados como: Direito às faltas abonadas, a tirar licença saúde, a participação nas atividades Sindicais. Greve, nem pensar, caso ocorra, a participação impedirá de concorrer ao Bônus. O Bônus de 2003 variou (para os professores com 40 horas semanais), de R\$1220,00 a R\$ 6.000,00. Até a criação dos Grêmios estudantis dóceis faz parte do critério de premiação do Bônus. Uma política de compra mesmo, de dissimilação de vantagens a indivíduos que representam ou tem potencial de representar algum grupo de trabalhadores famintos. A caridade, a benevolência, a solidariedade está na ordem do dia, mas

uma solidariedade, caridade e benevolência no sentido de desviar os trabalhadores famintos de suas lutas e das organizações independentes. Aqui o Estado toma uma feição aprimorada para nossa época, de barbárie de avançado estágio de crise de superprodução. Amplia-se entre os becos, locais mais longínquos e de dentro da miséria, da fome combate os lutadores que ousarem a erguerem a cabeça contra a barbárie capitalista. Muitas vezes serão hostilizados pelos próprios companheiros de classe, uma vez que, se parar a produção em uma greve ou se ousar independência política em relação ao patrão, não terá o tal de prêmio do final de ano. Não conta com nenhuma benevolência, poder de propiciar caridade ou mesmo poder desempregar um irmão do trabalho regulamentado e empregar dois a título de bom samaritano. Sofre os lutadores, toda uma pressão dos próprios oprimidos exercida pelo combate ao capitalismo e ao estado benevolente. Neste aspecto cumpre um papel histórico particular o Governo PT. Tanto a nível Federal como os Governos Estaduais e Municipais.

A burguesia mundial se encanta com a nova forma de combater a luta direta e independente representada pela política de “participação Popular” dos governos Petistas. Acabar com o Estado de Direito burguês que não mais é viável e possível com o avanço da crise de superprodução, no entanto ampliar o Estado na repressão legal e ilegal, envolvendo os miseráveis na política de conciliação de classe, cooptação e caridade, de extensão deste Estado opressor e pré-fascista.

Vale realçar uma ligeira comparação em forma de contrários. Já Marx e Engels e posteriormente Lênin, de forma mais desenvolvida com base no materialismo histórico e dialético pode constatar o aburguesamento dos operários Ingleses e Americanos, ou seja: dos países imperialistas que, graças à exploração da mais-valia e das benesses do capital financeiro podem pagar aos operários destes países salários 5 ou 10 vezes maiores que dos países oprimidos de forma que estes operários acabam, como retrata nossos teóricos, em operários com tendências ao aburguesamento, dando origem e sustentação política às aristocracias operárias e o fenômeno político da burocracia Sindical, que trava a luta direta do proletariado.

Já com o fenômeno PT e seus “governos de participação popular” (Social Reformismo) que se transforma em Social Imperialista nos países oprimidos e principalmente, com o avançar da crise de superprodução, barbárie (desemprego em massa, baixíssimos salários, trabalho informal, desregulamentação do emprego, falta de moradia, sem-terra, destruição dos serviços públicos, destruição da educação pública, impedimento do atendimento às mínimas condições e necessidades das crianças, jovens se entrelaçando com o fenômeno das drogas, tráfico e violência). Torna-se imprescindível à burguesia manter a ordem social ou manter as aparências desta ordem a qualquer custo. A política de “participação popular”, da solidariedade entre os miseráveis como forma de destruição e negação dos direitos sociais, a benevolência econômica atrelada à benevolência política que possibilita a conciliação de classe, as cooptações e o envenenamento contra os opositores e, principalmente contra o movimento independente, se torna polícia política e arma da burguesia decadente em favor do imperialismo.

Com a crise de superprodução, o mercado fica estreito para desovar a sede de lucro dos capitalistas. As mercadorias produzidas pelo maquinário cada vez mais moderno e robotizado, preparado para produzir em quantidades infinitas e no menor tempo possível ficam encalhadas.

A contradição da produção coletiva e o usufruto individual desta, a sede de lucro e a necessidade de vender cada vez mais, contraditam com os salários rebaixados, desemprego e baixo poder de compra dos oprimidos do mundo.

A crise atinge a todos, inclusive os países imperialistas, como: EUA, Inglaterra, Alemanha, França, Japão, Itália, Espanha. Os grandes capitalistas (imperialistas) estão em uma constante guerra comercial representada pelos esforços de constituição dos blocos econômicos como NAFTA, UE, e agora a ALCA, além de vários outros blocos de menor monta, como forma de imitação dos grandes blocos imperialistas para aumentar o poderio comercial e assim, ampliar os mercados, de desovar mercadoria, demolir, quebrar, fechar as fábricas e os meios de produção concorrentes. Ocorre que, a política dos blocos econômicos está estreita, precisa-se mais e mais. Ao lado da crise de superprodução e como consequência desta, se desenvolvem somas infundáveis de capitais parasitário e especulativo (capital financeiro), como retaguarda dos imperialistas, agravando a crise e minando as finanças públicas dos países oprimidos, causando os estrondos como os ocorridos na Argentina, Venezuela, Bolívia, Peru, e que ainda também nos ameaça.

O armamentismo aparece como a saída acima dos blocos, em acordo às vezes, em atritos e disputas em outras.

Devido aos acordos advindos das últimas duas grandes guerras mundiais, os EUA se potenciaram econômica e militarmente. Impõem aos concorrentes sanções e condições de desenvolvimento armamentista. Há casos de proibição de dedicar recursos em pesquisas e em política armamentista, como é o caso do Japão em que na luta do mundo capitalista versus o que se chamava de mundo socialista (União Soviética), no período da guerra fria. Os países capitalistas liderados pelos EUA, promoveram programas e mais programas de ajuda financeira e tecnológica às indústrias, visando afastar e conter a expansão soviética. Mas a ajuda se deu unicamente no campo econômico com a dependência armamentista ao império americano. Mesmo no acordo com a Alemanha e Itália, se introduziu mecanismos de limitação bélica.

Hoje, os EUA além da política de formação dos blocos econômicos como o NAFTA e agora a ALCA como forma de conquistar mercados para se safar da crise e desovar mercadoria, necessita e recorre ao poderio bélico com duas estratégias: Visando a conquista de matérias-primas, petróleo, riquezas naturais, fonte de energia, domínio de mercado e do mundo. Instalou e quer instalar mais bases militares em todas regiões estratégicas do planeta. A destruição da Iugoslávia, Kosovo, Israel x Palestina, Sadan-Iraque, Venezuela-Chaves, Colômbia. Por outro lado, com os investimentos na política armamentista tenta aquecer sua economia para assim tirar o país da ameaça contínua de recessão. A crise não tem tamanho, o orçamento público estoura, o desemprego não dá sinal de uma recuperação tranquila.

Da parte da União Européia, em crise, e com menos poderio militar, coloca a Inglaterra na condição de nação Irmã dos EUA e assim mesmo, com toda contradição interna, se arrasta por traz do império Americano e lhes dá retaguarda. Com a decadência francesa e italiana, resta a Alemanha espernear de forma desvantajosa. Na ex- União Soviética, grande parte dos estados independentes já aderiram à OTAN. Resta à Rússia, com sua política de ajoelhar-se, espernear em vão e, hora fazer coro com os falidos europeus, hora saldar a política Americana. Contenta-se com as migalhas que sobram da mesa imperialista. Na Ásia tem o Japão, sem poderio militar e abraçado com os EUA. Resta à China com sua política de capitalismo de estado, potenciar sua economia e seu bloco asiático e fazer frente ao império

armamentista americano, caso rompa com os acordos de cavalheiros. Já vislumbra um conflito estratégico também nesta região. Os EUA não descansarão enquanto não montarem bases militares, dominando e neutralizando totalmente a Região, para isto, não vacilarão em transformar a Coreia do Norte em um Iraque.

As correntes internas da burguesia Americana representada historicamente nos Partidos Republicanos e Democratas recomeçam a se digladiar pelo controle do império, pelo poder. Os Republicanos, com Bush a frente e também candidato à reeleição e de outro lado, os Democratas e as disputas internas entre seus quatros candidatos. Kerry lidera o caucus do Iowa com uma margem de 37,7%, seguido pelo senador da Carolina do Norte, John Edwards, com 31,8%, segundo resultados oficiais do Partido Democrata. O favorito na corrida democrata, o ex-governador de Vermont Howard Dean, e o veterano político Richard Gephardt aparecem na terceira e quarta posições, com 18% e 10,5% respectivamente. Os pré-candidatos Joe Lieberman e o general da reserva Wesley Clark decidiram não participar das prévias do Iowa.

Diante desta conjuntura internacional, os EUA avançam no sentido da dominação militar, causando sinais de contradições e de interesses entre as nações imperialistas. No geral a fome, miséria, fascismo e as guerras imperialistas são o que vislumbra no futuro próximo no mundo capitalista.

O imperialismo americano recorre à guerra para conquistar novos mercados, matérias-primas, nações, projeto político e como plano econômico para aliviar a crise. Usam como pretexto o terrorismo e as drogas como justificativa para a guerra.

O terrorismo foi muito utilizado pelos EUA e seus aliados no século XX contra os trabalhadores de todo o mundo. Trata-se do que podemos chamar terrorismo de Estado. Para isso os EUA montaram a CIA, que financiou e armou vários grupos terroristas no mundo todo. E não só isso. Apoiou regimes terroristas como os de Pinochet no Chile, as ditaduras no Brasil e na Argentina e outras pelo mundo afora.

O mesmo ocorreu com o Bin Laden. Não era o Bin Laden o responsável pelo atentado de 11 de setembro? Ele não era o motivo da guerra contra o Afeganistão? Pois bem. O que a guerra contra o Afeganistão provou? Que se tratava de uma desculpa para os EUA poder instalar um regime político dócil aos seus interesses, base militar e que assegurasse os negócios do petróleo e gás.

Derrubar Saddam Hussein foi parte de uma ampla ação para gerar novos negócios para a indústria americana, de estabilizar o Oriente Médio através de governos favoráveis aos interesses econômicos dos EUA.

Vejamos a situação econômica americana e a relação com a guerra:

Graças à exploração da mais-valia do proletariado do mundo inteiro e da exploração através do capital financeiro sobre os países oprimidos. O aumento de 3,1% em 2002 para o funcionalismo é maior do que a inflação de 2,1% deste mesmo ano e mais do que o dobro de 1,4% - reajuste que foi dado aos aposentados pelo sistema de

previdência social. Os cerca de 325 mil funcionários federais que trabalham na área metropolitana de Washington receberam em 2001 um salário médio anual de US\$ 68.700, ou US\$ 5.700 por mês.

Embora o salário médio dos funcionários federais seja maior do que o salário médio dos americanos de US\$ 3.100 à US\$ 5.500 por mês, em 2001, sua remuneração estavam entre 20% e 25% abaixo da de profissionais do setor privado com qualificação equiparável. Contados os 860 mil funcionários do correio, que têm lugar próprio no organograma oficial, O governo federal dos EUA emprega 4,9 milhões de pessoas, ou o equivalente a 3,5% da mão-de-obra ativa do país).

## Gastos com a guerra

No mês que se seguiu à invasão iraquiana do Kuwait, em agosto de 1990, o governo de George W. Bush lançou o que ficou conhecido como "Operação Passar o Chapéu" - uma iniciativa diplomática destinada a convencer os aliados dos EUA a ajudar a pagar pela guerra contra o Iraque. Por isso, a conta da Guerra do Golfo para o contribuinte americano foi de cerca de US\$ 7 bilhões, apenas uma fração do custo total.

Estimativas de equipes do Congresso e institutos de estudos de Washington estimaram entre US\$ 100 bilhões e US\$ 200 bilhões o custo da invasão e ocupação do Iraque.

A Guerra do Golfo, de 1991, levou a uma breve disparada dos preços do petróleo e a uma queda na confiança do consumidor, ajudando a levar os EUA à recessão, o que custou a reeleição ao pai do atual presidente. Apesar de muito estar em jogo, política e economicamente, desta vez não houve "Operação Passar o Chapéu", e o atual governo (orçamento Americano) arcou com o custo da guerra, razão e pretexto para abocanhar sozinho a reconstrução e exploração do petróleo iraquiano.

## As guerras e o capitalismo.

A política armamentista e as guerras capitalistas fazem parte da política de extensão da guerra comercial, que vemos entre os vários países e blocos imperialistas, com vistas à conquista de novos mercados, domínio, controle político e militar do mundo, de restabelecer o poder de um setor sobre o outro e de criar campo para mais negócios.

Do ponto de vista econômico, o que mais interessa na guerra, para os capitalistas, são as oportunidades de negócios geradas antes, durante e depois da guerra. O maior exemplo disso foi a primeira e segunda guerra mundial, que consolidou os EUA como a grande potência mundial.

Os EUA vêm impondo uma nova ordem mundial, no sentido de garantir segurança aos negócios capitalistas em todo mundo. No entanto, o que tem conseguido foi aumentar a miséria e aguçar lutas contra si mesmo.

Mais do que nunca, a etapa atual da luta de classes tem sido marcada por guerras. O que temos visto é um mundo em permanente ebulição, com as classes sociais se enfrentando no mundo inteiro.

E, com o agravamento da crise capitalista, expresso na falência do modelo neoliberal em todo o mundo, no agravamento da crise de superprodução, dá lugar ao surgimento de



movimentos sociais por toda parte. O Movimento antiglobalização nos EUA e Europa (apesar de seu caráter pacifista), com manifestações em várias capitais do mundo. O imperialismo na ofensiva contra os direitos sociais e aumentando as taxas de exploração, enfrenta cada vez mais movimentos e protestos de cunho variado no mundo inteiro. Com o intuito de se safarem da crise econômica, do desemprego que assola inclusive os países imperialistas, da violência, dos movimentos de resistência, inclusive da oposição fundamentalista do mundo Muçumano, da resistência armada de cunho religioso inclusive com métodos de terror, das guerrilhas como no caso da Colômbia e etc.

Os atentados de 11 de setembro que atingiu o coração dos EUA e motivaram as massas de todo o mundo a se levantarem contra este império, também foram, uma oportunidade para o imperialismo partir com tudo para cima do movimento, desatando uma violenta contra-ofensiva econômica, política e militar de alcance mundial.

Deflagrou a guerra contra o Afeganistão, contra o Iraque ameaçou e ameaça constantemente seus opositores no mundo. A sustentação política e financeira da interminável ofensiva do estado de Israel contra a palestina. Israel, que foi criado artificialmente como instrumento estratégico militar e geográfico de controle e expansão capitalista americana é responsável pela expulsão de milhões de palestinos de suas terras, além de manter os que ainda resistem cercados e sob ameaça constante das suas forças armadas. Desta forma, o EUA vão tentando se consolidar na Região apesar da heróica resistência dos povos Árabes e Muçumanos.

Na América Latina os EUA promoveram e continuam a auxiliar o governo da Colômbia com ações militares de toda ordem de olho nas fontes de matérias primas, contra as Organizações do povo colombiano no sentido de consolidar e assegurar o terrorismo e o tráfico de drogas pelas autoridades oficiais. Retomando o controle do território das FARC's e outras organizações revolucionárias. Assim como no Iraque foi utilizada a falácia da luta contra o terror para justificar a invasão armada, na Colômbia é utilizada a questão do terror e das drogas. Neste último caso é bom lembrar que o comércio das drogas na Colômbia é feito pelos paramilitares, com a organização apoiada pelos EUA às Auto defesa Unidas da Colômbia (AUC). Se existe realmente algo relacionado às drogas é a disputa pelo controle e comercialização desta alta fonte de lucro fácil, que faz parte da política capitalista e imperialista.

Na Venezuela com a Invasão e ocupação do Iraque saciou momentaneamente a sede de Petróleo do EUA. Assim, resta ao Governo de Hugo Chaves a briga pelo referendo.

Também é parte dessa ofensiva imperialista a pressão para a implementação da ALCA com o que pretendem não só conquistar novos mercados para os grupos norte-americanos, como também, estabelecer um maior controle sobre a América Latina. Fazendo com que se perda o mínimo de soberania ainda existente. Assim, como nas outras regiões do planeta instalar novas bases militares. Sobre este último, ponto vale ressaltar a tentativa já empreendida de controle da base de Alcântara. O governo Brasileiro, diante da pressão do Movimento e da própria igreja, manobra uma ALCA Light, mas ao final com certeza cederão às pressões Americanas.

É tarefa de primeira necessidade, termos clareza da política imperialista e suas guerras. Pois para os imperialistas o que interessa são os saques, anexações, introduzir colônias, controlar mercados. Tudo isto às custas do sangue dos trabalhadores que morreram e morrerão na guerra. Devemos ser contra a guerra imperialista, assim como, devemos lutar para acabar com as guerras, para isto, teremos que organizar a Revolução Proletária

internacionalista, instalar a Ditadura do Proletariado (Socialismo) e marchamos para por abaixo o regime capitalismo no mundo. Transformando a base material de exploração, ganância, fome e miséria (acabando com a propriedade privada dos meios de produção, coletivizando-a), transformar a cultura, as idéias em geral, libertando o ser humano da ganância e cobiça nos colocando em harmonia com a natureza em uma sociedade comunista, sem necessidade de estado para oprimir uma vez que, não existirá mais divisão de classes social e tão pouco a exploração do homem pelo homem. A socialização dos meios de produção è o instrumento de acabar com as guerras e as crises.

A luta contra a guerra só tem sentido se lutarmos pela revolução proletária, ou seja, pela expropriação dos expropriadores (burguesia mundial), dos que lucram, saqueiam e sobrevivem da guerra. Defender a paz simplesmente como fazem os movimentos pacifistas ou humanistas sem lutar pelo fim do capitalismo e a socialização dos meios de produção se torna utopia.

FORA o IMPERIALISMO DO IRAQUE!

NÃO À GUERRA IMPERIALISTA!

FORA ISRAEL DA PALESTINA !

FORA EUA DA AMÉRICA LATINA!

NÃO À ALCA! NÃO AO MERCOSUL! POR UMA COOPERAÇÃO LIVRE E SOCIALISTA ENTRE OS POVOS DA AMÉRICA LATINA.

Pela implantação da Ditadura do Proletariado (governo Operário e Camponês).

Pelo Socialismo mundial, rumo ao Comunismo (uma sociedade sem explorados nem exploradores, sem classes sociais, leis e repressão, sem polícia, cadeias e exércitos, sem fronteiras, com a economia planificada em favor da humanidade e não mais em favor do lucro e de assassinos imperialistas).

## O Governo PT e o papel em relação a burocracia Sindical e ao Fascismo

O PT, com sua estreita relação com a burocracia Sindical, juntamente com a Igreja (Social Reformismo), se transformou em social imperialismo. Às vezes se mesclam devido às pressões de classe e às próprias diversidades de correntes que o compõem.

O papel que desempenham:

- Que a política imperialista seja aplicada na sua essência;
- Que a burocracia nas Organizações operárias e populares dê retaguarda, apoio, e funcione em prol da conciliação de classe, bem como polícia política do movimento independente em favor do estado repressor.



O Stalinismo no período que antecedeu a segunda guerra mundial confundiu esta tendência do Social Imperialismo e suas funções históricas com o próprio Fascismo e a denominaram de Social-fascismo.

Precisamos ter uma caracterização precisa sobre este fenômeno, principalmente devido esta corrente política (PT) estar no governo hoje no Brasil.

Como assinalado no Programa de transição de Leon Trotsky, a grande burguesia permite e tolera a Social Democracia e a Frente popular no governo (mesmo por um tempo) desde que dê provas de sua lealdade ao Social Imperialismo (se transforme) em última e necessária condição desde que, mantenham o controle sobre as massas famintas e mantenham intactos os interesses da grande burguesia.

No Brasil necessitava a grande burguesia de executar as reformas imperialistas e as correntes do grande capital legítimas não reuniam as condições de cumprir esta tarefa. Além do mais, o PT teria que sair da posição de atirador oportunista.

Cumprir as metas das reformas imperialistas, não as reformas que visam o desenvolvimento social (criação de empregos, reforma agrária etc.). Isto não é pretensão da grande burguesia e na fase em que vivemos, de decadência imperialista, estas reformas só são possíveis na imaginação e enganação dos Sociais-Reformistas e que, uma vez transformados em Sociais-Imperialistas terão que se contentarem como polícia política do movimento independente.

Esta fase do Social-Imperialismo, de polícia política que o Stalinismo confundiu com o fascismo puro, por exemplo na Alemanha, em que se negou a realizar aliança com a Social Democracia para combater a corrente de Hitler, alegando que a Social Democracia Alemã tinha se transformado no Social Fascismo.

Na verdade, a Social Democracia, que para chegar ao poder tem que se transformar em Social Imperialismo e em polícia política do movimento independente se constitui em uma fase de política pré-fascista, ajustando-se as características do estado moderno atual. Cumprirão as metas imperialistas, atuarão na repressão oficial e polícia política, mas não poderão cumprir as promessas de distribuição de renda, diminuir o desemprego e executar a reforma agrária.

Ao cumprir satisfatoriamente as reformas imperialistas e suas metas econômicas, cessa sua utilidade principal. Caso as massas se rebelem pelas reformas sociais prometidas, entrarão em sena duas alternativas clássicas: primeiro, a ditadura militar pura; segundo, o fascismo puro como forma de se livrar totalmente do Movimento operário e popular independente (Revolucionário) e da própria Social Democracia (Social Reformismo) mesmo com sua evolução para o Social Imperialismo.

Temos uma particularidade nesta política do Social Imperialismo no Brasil.

Com o avançar da crise de superprodução capitalista, as necessidades do grande capital de destruir cada vez mais forças produtivas, de ampliar mercados e ainda, aumentar a taxa de exploração da mais-valia, aumentando como conseqüência, as desigualdades sociais: desemprego, baixos salários, destruição dos serviços públicos e desregulamentação da legislação trabalhista. Juntamente com a corrupção, das drogas elevando a níveis insuportáveis o fenômeno da violência, instalando mesmo o período de barbárie capitalista.

Nestas condições, não se tolerará o Movimento de massa independente. O próprio estado assume a política pré-fascista de cooptação e combate pelos próprios oprimidos da luta independente.

O fascismo é uma política decorrente da crise do capitalismo, não é obra deste ou daquele mal feitor ou sanguinário.

Hoje, principalmente nos países oprimidos, como é o caso do Brasil, a manutenção do “Estado Democrático” com a barbarização da Sociedade se torna cada vez mais estreito e impraticável.

Dizia o velho Trotsky que nesta fase o período dos Decretos e Leis ficam para traz e em seus lugares, entra a função histórica do fascismo.

Vale retomar o seguinte: que a função histórica do fascismo é desbaratar as organizações operárias independentes e também o social reformismo, mesmo com sua evolução para o social imperialismo.

Neste sentido temos duas linhas de desenvolvimento em potencial no Brasil.

- 1- É a tendência de aumentar a crise econômica, por mais que digam ao contrário os sociais reformistas transformados em sociais imperialistas;
- 2- Juntamente com o aumentar da crise econômica aumentará a fome e miséria, com o Social Imperialismo no poder que controla a grande maioria dos aparatos Sindicais no País servindo de política de sustentação ao Social Imperialismo. No poder esta corrente política, a dialética aponta para uma outra tendência, ou seja: O desgaste, devido à própria corrupção e a ausência das reformas sociais que são e foram as bandeiras do social reformismo (reforma agrária, criação de empregos, redistribuição de renda etc) fazem o esgotar de uma experiência dos oprimidos da cidade e do campo com relação ao caudilho (governo) Lula e os aparatos do Social Imperialismo que os cercam.

Como a história nem sempre repete os mesmos fenômenos e os seres humanos são dotados de inteligência e a esperteza, esta corrente política e a própria burguesia mundial (imperialismo) aposta na capacidade do PT em apontar alternativas de administração do Estado burguês nesta fase de barbarização da sociedade.

Nesta aposta está presente uma corrente política que faz parte do Social Imperialismo que é a Igreja-Cristianismo.

Como conter as massas famintas? E nesta fase de barbarização da Sociedade manter a farsa da Democracia burguesa?

Aqui está o desafio do governo PT e CIA.

Aumentar os níveis de exploração do trabalho, destruir o estado de Direito, não executar as reformas sociais prometidas (Reforma Agrária. Geração de empregos, distribuição de renda, melhorar a qualidade de vida das massas etc.) por um lado. Por

outro não permitir o desenvolvimento da tendência de desgaste da burocracia Sindical e do próprio governo e ainda combater com maestria e competência as Organizações Independentes e Revolucionárias.

Parece impossível. E de fato o é. Mas os sociais imperialistas pretendem ir mais longe com a política da fase pré-fascista.

Em coro com a burguesia mundial desenvolve toda um política exemplar de contenção das massas. Desenvolve um espírito benevolente e caridoso, em desempregar um trabalhador legalmente registrado e em seu lugar com o espírito de bom samaritano clientilizar, 2, 3,4 e até 5 famintos com o tal do trabalho solidário ou cooperativo. Organizar outra parte na coleta do lixo e repartir o pão como no milagre dos peixes. Acaba com os gastos do Estado em relação aos benefícios sociais de direito e remete-os como obra de caridade. Diminui o funcionalismo legalmente contratado e em seus lugares colocam as terceirizações com vistas ao emprego dos clientes cooptações e os caixas-2. Aumentam os cargos de confiança com Assessores etc. para que sirva de suporte para as cooptações e compra da vanguarda de lutadores que se desponta entre as massas. Perseguir até chegar ao aniquilamento todos os combatentes, as Organizações e Movimentos Independentes. Trazer para o Estado os combatentes e os Movimentos dóceis que possam ser cooptados e joga-los contra a luta independente e aos lutadores.

Os oprimidos, os lutadores e as organizações que não se deixam levar e vender-se por migalhas tiradas da mesa de seus irmãos devem, trabalhar incansavelmente e em um grito de guerra permanente, exigir diariamente a independência do movimento Sindical e Popular das Organizações do Estado, exigir e gritar bem alto todos os minutos e segundos de nossas vidas o exercício da Democracia Operária e a morte a democracia burguesa e formal, com suas falsidades, mentiras, perseguições, cooptações, fome, miséria e a ampliação da barbárie.

- Queremos empregos e salários capazes de garantir uma vida com dignidade;
- Repartição das horas de trabalho a todos os trabalhadores sem redução de salários;
- Salário mínimo real, que nos países imperialista é de R\$1200 dólares;
- Queremos Terra e Moradia para todos;
- Queremos conhecimento histórico e tecnológico para viver melhor, trabalharmos menos, usufruirmos da riqueza e do desenvolvimento da civilização, da Cultura e do Lazer;
- Queremos o fim da exploração do homem pelo homem;
- Queremos a natureza libertada para a própria natureza;
- Que o homem se liberte para viver feliz sem precisar viver de ilusão em abstrações e seres celestes.

No período de transição e no primeiro ano de governo (PT) o poder de compra dos assalariados e oprimidos fora defasado além dos níveis já insuportáveis que estavam. A situação do desemprego e carestia de vida se agravou ainda mais. Um governo de frente popular, para enfrentar a crise de superprodução mundial refletida no país oprimido seguindo as receitas do imperialismo, de mais saques salariais, mais desempregos, de corte de direitos sociais e trabalhistas, privatizando o que resta.

A campanha contra a fome cumpre papel ideológico mais que social uma vez que a fome irá aumentar com o agravamento da crise. A figura de “bom samaritano” comparece perante as massas como instrumento de bondade do governo e alimenta também a cooptação e aprofunda a degeneração dos oprimidos. Apesar da grande ilusão criada entre os oprimidos e até do empresariado da possibilidade de recuperação da economia. Esta ilusão se voltará contra os próprios causadores desta.

Tendo em vista o avolumar da crise, as necessidades que o imperialismo impõem como forma de fazer cumprir os acordos do PT, firmados com os organismos internacionais, o pacto social se apresenta como única forma teórica e pratica de fazer calar os oprimidos para que a sede de lucros altos e os interesses do capital financeiro sejam realmente cumpridos e ampliados.

No primeiro ano de governo o PT (Lula) passou no vestibular e ainda se apresenta como vanguarda e exemplo de administração burguesa. Está cumprindo a risca os compromissos com a grande burguesia, sendo conivente com o tremendo arrocho de salários, golpeando os trabalhadores com a reforma da previdência, aumentando os impostos com a reforma tributária e criando as taxas de luz pública e de coleta de lixo (Os trabalhadores e moradores de seis das sete cidades do Grande ABC pagarão este ano cerca de R\$ 33 milhões de Contribuição de Iluminação Pública (CIP), mais um item a pesar no bolso do contribuinte, que banca uma carga tributária equivalente a 37% do PIB (soma de riquezas do país). A cobrança da CIP pelos municípios, muito questionada, tornou-se possível graças à aprovação da emenda número 39, que em dezembro 2002 (período de transição de governo e sob a pressão do movimento encabeçado pelos prefeitos PETISTAS de São Paulo) acrescentou ao artigo 149-A da Constituição, o texto: *(os municípios e o Distrito Federal poderão instituir contribuição, na forma das respectivas leis, para o custeio do serviço de iluminação pública)*.

Os gastos com acordos para viabilizar votações no Congresso e Senado não ficaram devendo nada a seu antecessor, o toma lá da cá continuou, começam a aparecer as denúncias de corrupção nas cobranças das propinas para as campanhas eleitorais. Expulsou opositores do próprio partido, mas a marca registrada deste governo e que por em quanto vai levando nota dez é a tal da modernização das relações – estado – sociedade.

O caráter de Frente Popular deste Governo está acrescido da fascistização e extensão do estado até os mais longínquos bolsões de miséria. A desregulamentação do trabalho e a substituição por relação de caridade nas relações trabalhistas; a política de bom samaritano com o fome zero e outros programas que juntamente com setores da Igreja cooptam os oprimidos no sentido de bloquear a resistência e a luta independente. A propaganda e a demagogia juntamente com o ampliar do Estado no sentido da compra e controle das organizações dos oprimidos da cidade e do campo foi o que tornou possível a permanência dos altos índices de aceitação deste governo em seu primeiro ano.

O Pacto Social esteve e estará presente nas reformas contra os trabalhadores.

- A reforma da previdência foi a ampliação da idade para se aposentar em média de 7 anos, com o atrelamento dos 35 ano de contribuição e 60 anos de idade se homem e 30 de contribuição e 55 de idade se mulher. Foi o fortalecimento

da previdência particular como forma de complementação dos proventos e o descarregar nas costas dos trabalhadores do déficit da previdência criado pelos rombos governamentais, do desemprego, trabalho informal e desfalques através da corrupção.

- A reforma Sindical irá aprofundar as relações, com o aprimoramento da representação dos trabalhadores de forma que estes não tenham nenhuma chance de se apresentarem no Movimento Sindical de forma independente. A democracia burguesa será enaltecida até a alma. Todo resquício de democracia operária presente no Sindicalismo Brasileiro será posto por terra. A relação de trabalho inspirada em Mussolini por ocasião da Constituição de Vargas, perderá de longe em seu caráter fascista para as relações sindicais centralizadas nas “representativas” Centrais Sindicais como CUT e Força Sindical. O Movimento Sindical oficial será um afronta a luta dos trabalhadores, primeiro e decisivo combatente da luta direta das massas. A solidariedade contra a classe operária será marca registrada. O emprego será obra de solidariedade e não um direito etc. A proposta da CUT para discussão no Fórum Nacional do Trabalho formado pelas Centrais Sindicais (CUT, SDS, CAT, Força Sindical, CGT e CGTB), entidades empresariais e representante do Governo que estão formulando o projeto de reforma Sindical que será enviada ao Congresso Nacional ainda este ano de 2004 prevê: A organização por ramos a nível nacional exemplo: metalurgia a nível nacional, funcionalismo, alimentação, construção, química, vestuário etc. e não mais por categoria, Esta forma de Sindicalismo ira transformar as próprias Centrais Sindicais em Sindicatos Nacionais (Sindicatos monstruosos e burocratizados) para intervir nesta forma de Sindicato só com os grandes partidos organizados a nível Nacional. Para fazer demagogia e enganar os trabalhadores da base a CUT esta propondo as negociações por fabricas e a legalização das comissões de fabricas atreladas ao patronato e governo. Dizem eles que os trabalhadores terão liberdade de escolher o seu Sindicato. Que acabará imposto Sindical o que obrigará os Sindicatos a realizar campanhas de filiação para se sustentarem. Mentirá! O que prevalecerá será as cobranças das taxas do assistencial a nível Nacional para um único Sindicato por ramo e a impossibilidade de controle da base sobre as Direções distantes e de status de representante de Estado. Desta forma significa o fim da ação independente no Sindicato e caso aja movimentos por fora desta estrutura será tratado como bandidos e fora da lei. Esta reforma está prevista para 2004 pois os trabalhadores não sentirão de imediato no bolso as mudanças.
- Já a reforma da CLT será deixada para depois das eleições, ou seja para 2005 uma vez que: irá flexibilizar as relações do trabalho, acabando com a multa de 40% do FGTS, parcelar o 13.º salário, mexer nas férias e no trabalho registrado. Será dado a tal da “livre negociação entre empregados e patrões” acima da Lei. A CLT será totalmente reformulada em favor dos empresários, governo e burocracia sindical transformará totalmente no interesse dos empresários, flexibilizando-a, ou seja: a negociação acima da lei. O trabalho registrado será secundário, as indenizações por demissões retiradas, férias e décimo terceiro corre sério risco.



Devemos nos unir contra o pacto de fome e miséria. Nenhuma trégua para nos matar e nos saquear. Nenhuma trégua para burguesia tirar nossos direitos. Nenhuma trégua para a burguesia acabar com o pouco de direitos que ainda temos na legislação trabalhista como: fundo de garantia, férias, 13.º e emprego com registro. Nenhuma trégua na tal da modernização da estrutura Sindical, porque realmente será a modernização no sentido de harmoniza-la as relações fascistas e de barbárie capitalista.

Cabe aos ativistas, aos trabalhadores e revolucionários se qualificarem perante os oprimidos no sentido da organização da luta direta, constituição de uma oposição revolucionária, e que os trabalhadores retomem o controle das organizações de classe.

Cabe aos ativistas e as organizações independentes a unificação das lutas e das organizações. Tudo deve ser feito para romper a relação corporativa. A unificação das organizações e das lutas deve nos dar lugar a criação de organizações superiores, tipo SOVIETES.

Pela redução da Jornada de trabalho com reposição de todas as perdas salariais;

Queremos emprego e salários para todos;

Salário mínimo que atenda todas as necessidades básicas para a sobrevivência digna de uma família (nos países imperialistas o salário mínimo varia em torno de 1200 dólares);

Em defesa das ocupações de terras no campo e na cidade, como única forma de conquistar e de destruir os latifúndios, colocando a terra a serviço dos que necessitam trabalhar, plantar e morar;

Que a reforma agrária cantada em verso e em prosa só será possível sua realização com a tomada do poder pelos operários e camponeses, pelo rompimento armado com o imperialismo;

Ruptura imediata com o FMI;

Não pagamento da dívida externa e interna;

Por um Governo Operário e Camponês, saído da insurreição e não do voto;

Pelo Socialismo e Ditadura do Proletariado.

## O que é o Socialismo?

A várias denominações de Socialismo.

Marx já na sua infância deparou e desmascarou várias destas formulas, as quais classificou como utópicas. Uns defendia que o próprio capitalismo com sua evolução, centralização e monopólios iria chegar naturalmente ao socialismo e com uma economia planejada. Outros afirmavam que o homem por si só iria se evoluir e se libertar e assim socializar os meios de produção por iniciativa própria. Outros ainda concebem como socialismo um capitalismo com investimento no social etc. etc. etc.

O Marxismo fundamenta o Socialismo do ponto de vista do materialismo histórico e dialético, de forma científica, como ciência social. Que a história das Sociedades não demonstrou outra coisa se não, que é a história das lutas de classes e que a violência é a parteira do processo histórico.



Por Socialismo o Marxismo concebe a Socialização dos meios de produção (base material da Sociedade e a planificação da economia). Que esta socialização da base material irá transformar a relação de produção e esta a cultura, a arte, a religião, as leis, a educação, as formas de poder e de relação entre os homens.

Abaixo anexamos em homenagem e parte de nossa resolução o texto de Rosa Luxemburgo sobre socialismo.

## O SOCIALISMO

### A socialização da sociedade

A revolução do proletariado, que acaba de começar, não pode ter nenhum outro fim nem nenhum outro resultado a não ser a realização do socialismo. Antes de qualquer coisa, a classe operária precisa tentar obter todo o poder político estatal. Mas para nós, socialistas, o poder político é apenas um meio. O fim para o qual precisamos utilizar o poder é a transformação radical da situação econômica como um todo.

Hoje, todas as riquezas – as maiores e melhores terras, as minas e empresas, assim como as fábricas - pertencem a alguns poucos latifundiários e capitalistas privados. A grande massa dos trabalhadores, por um árduo trabalho, recebe apenas desses latifundiários e capitalistas um parco salário para viver. O enriquecimento de um pequeno número de ociosos é o objetivo da economia atual.

Esta situação deve ser eliminada. Todas as riquezas sociais, o solo com todos os tesouros que abriga no interior e na superfície, todas as fábricas e empresas enquanto propriedades comuns do povo, precisam ser tiradas das mãos dos exploradores. O primeiro dever de um verdadeiro governo operário consiste em proclamar, através de uma série de decisões soberanas, os meios de produção mais importantes como propriedade nacional e em pô-los sob o controle da sociedade.

Só então começa propriamente a mais difícil tarefa: a construção da economia em bases totalmente novas.

Hoje, em cada empresa, a produção é dirigida pelo próprio capitalista isolado. O que e como deve ser produzido, quando e como as mercadorias fabricadas devem ser vendidas é o empresário quem determina. Os trabalhadores jamais cuidam disso, eles são apenas máquinas vivas que têm de executar seu trabalho.

Na economia socialista tudo isso precisa ser diferente. O empresário privado desaparece. A produção não tem mais como objetivo enriquecer o indivíduo, mas fornecer à coletividade meios de satisfazer todas as necessidades. Conseqüentemente, as fábricas, empresas, explorações agrícolas precisam adaptar-se segundo pontos de vista totalmente novos.

Primeiro: se a produção deve ter por objetivo assegurar a todos uma vida digna, fornecer a todos alimentação abundante, vestuário e outros meios culturais de existência, então a produtividade do trabalho precisa ser muito maior que hoje. Os campos precisam fornecer colheitas maiores, nas fábricas precisa ser utilizada a mais alta técnica; quanto às minas de carvão e minério, apenas as mais rentáveis precisam ser exploradas etc. Segue-se daí que a socialização se estenderá, antes de mais nada, às grandes empresas industriais e agrícolas. Não precisamos nem queremos tirar a pequena propriedade ao pequeno agricultor e ao pequeno trabalhador que, com seu próprio trabalho, vive penosamente com seu pedacinho de terra ou da sua oficina. Com o tempo, todos eles virão até nós voluntariamente e compreenderão as vantagens do socialismo sobre a propriedade privada.

Segundo: para que na sociedade todos possam usufruir do bem-estar, todos precisam trabalhar. Apenas quem executa trabalho útil párea a coletividade, quer trabalho manual, quer intelectual, pode exigir da sociedade meios para a satisfação de suas necessidades. Uma vida ociosa, como hoje levam na maioria das vezes os ricos exploradores, acaba. A obrigação de trabalhar para todos os que são capazes, exceto naturalmente as crianças pequenas, os velhos e os doentes é, na economia socialista, uma coisa evidente. Quanto aos incapazes de trabalhar, a coletividade precisa simplesmente tomar conta deles-não como hoje, com esmolas miseráveis, mas por meio de alimentação abundante, educação pública para as crianças, boa assistência social para os velhos, assistência médica pública para os doentes etc.

Terceiro: a partir do mesmo ponto de vista, isto é, do bem-estar da coletividade, é preciso que os meios de produção, assim como as forças de trabalho sejam inteligentemente administradas e economizadas. O desperdício, que ocorre hoje a cada passo, precisa acabar. Assim, naturalmente, é preciso suprimir as indústrias de guerra e de munição no seu conjunto, pois a sociedade socialista não precisa de armas assassinas. Em vez disso, é preciso que os valiosos materiais e a força de trabalhos aí empregados sejam utilizados para produzir coisas úteis. As indústrias de luxo, que hoje produzem todo tipo de futilidade para os ociosos, assim como as criadagens pessoais, precisam igualmente desaparecer. Toda a força de trabalho posta nisso encontrará ocupação mais útil e mais digna.

Se desta maneira criarmos um povo de trabalhadores, em que todos trabalhem para todos, para o bem-estar e o benefício coletivos, então, quarto: o próprio trabalho precisa adquirir uma configuração inteiramente diferente. Hoje em dia, o trabalho, tanto na indústria, quanto na agricultura ou no escritório é, na maioria das vezes, uma tortura e um fardo para o proletário. As pessoas vão para o trabalho porque é preciso, caso contrário não conseguirão meios de subsistência. Na sociedade socialista, onde todos trabalham em conjunto para o seu próprio bem-estar, é preciso ter a maior consideração pela saúde e pelo prazer de trabalhar. Tempo de trabalho reduzido, que não ultrapasse a capacidade normal, locais de trabalho saudáveis, todos os meios para o descanso e o revezamento no trabalho precisam ser introduzidos, para que cada um faça a sua parte com o maior prazer.

Porém, para todas estas grandes reformas é necessário o material humano correspondente. Hoje, atrás do trabalhador, está o capitalista com seu chicote em pessoa, ou através de seu contra-mestre ou capataz. A fome arrasta o proletário para trabalhar na fábrica, na grande propriedade ou no escritório. O empresário cuida então para que o tempo não seja desperdiçado, para que o material não seja estragado, para que seja fornecido trabalho bom e competente.

Na economia socialista é suprimido o empresário com seu chicote. Aqui os trabalhadores são homens livres e iguais, que trabalham para seu próprio bem-estar e benefício. Isso significa trabalhar zelosamente por conta própria, por si mesmo, não desperdiçar a riqueza social, fornecer o trabalho mais honesto e pontual. Cada empresa socialista precisa, naturalmente, de um dirigente técnico que entenda exatamente do assunto, que estabeleça o que é mais necessário para que tudo funcione, para que seja atingida a divisão do trabalho mais correta e o mais alto rendimento. Ora, isso significa seguir essas ordens de boa vontade, na íntegra, manter a disciplina e a ordem, sem provocar atritos nem confusões.

Numa palavra: o trabalhador da economia socialista precisa mostrar que também pode trabalhar zelosa e ordeiramente sem o chicote da fome, sem o capitalista e seus contra-mestres atrás das coisas, que pode manter a disciplina e fazer o melhor. Para isso é preciso auto-disciplina interior, maturidade intelectual, seriedade moral, senso de dignidade e de responsabilidade, todo um renascimento interior do proletário.

Com homens preguiçosos, levianos, egoístas, irrefletidos e indiferentes não se pode realizar o socialismo. A sociedade socialista precisa de homens que estejam, cada um em seu lugar,

cheio de paixão e entusiasmo pelo bem-estar coletivo, totalmente disposto ao sacrifício e cheios de compaixão pelo próximo, cheios de coragem e tenacidade para ousarem o mais difícil.

Porém, não precisamos esperar quase um século ou uma década até que tal espécie de homens se desenvolva . Precisamente agora, na luta, na revolução, as massas proletárias aprendem o idealismo necessário e adquirem rapidamente maturidade intelectual. Também precisamos de coragem e perseverança, clareza interna e disposição ao sacrifício para continuar a revolução até a vitória. Recrutando bons combatentes para a atual revolução, criamos futuros trabalhadores socialistas, necessários como fundamento de uma nova ordem.

A juventude trabalhadora, sobretudo, é chamada para esta grande tarefa. Como geração futura, ela formará com toda certeza o verdadeiro fundamento da economia socialista. Ela tem que mostrar já, como portadora do futuro da humanidade, que está à altura dessa grande tarefa. Há todo um velho mundo ainda por destruir e todo um novo mundo a construir. Mas nós conseguiremos. Como diz o poema:

Não nos falta nada, minha mulher, meu filho, a não ser tudo que cresce através de nós, para sermos livres como os pássaros: nada, a não ser tempo.

(Artigo acima publicado no jornal Die junge Garde (Berlim), 04/12/1918)  
Rosa Luxemburgo

Conforme os ensinamentos do Marxismo, Socialismo no termo científico equivale a fase da Ditadura do Proletariado ou seja: a fase em que se dá a expropriação dos meios de produção privados, colocando-os nas mãos de toda a Sociedade. É a fase de transformações culturais, valores e de consciência coletiva. A fase de exercitar o planejamento científico das reais necessidades dos trabalhadores em geral e de colocar os meios de produção de forma que corresponda a estes.

O Marxismo define o Socialismo como uma fase transitória do capitalismo para o comunismo (fase da Ditadura do proletariado).

O que é Ditadura do proletariado?

É exatamente a fase da implantação do socialismo. É um instrumento necessário nesta transição do capitalismo para o comunismo. O poder passando para as mãos das massas oprimidas. O Leninismo definiu estas formas de poder como o poder soviético.

Já na Comuna de Paris as Assembléias tipo Comunas transformaram o poder executivo, judiciário e legislativo em um só organismo (executivo). Porém sem a Ditadura do proletariado.

Em 1905 na Rússia as massas insurretas criaram e deram forma ao poder que buscavam, as grandiosas Assembléias operárias e populares (operários, estudantes, desempregados, empregados, dona de casa, pequeno camponês, pequeno comerciante, autônomos, professores, jovens, velhos, soldados). Esta forma de organização superior criadas pelas massas por ocasiões de agitação Revolucionária deu-se o nome de Soviete ou seja: Conselhos. Na revolução Russa esta forma de poder foi de suma importância para a tomada do poder e logo transformou-se em denominação da nova nação que nascia (União Soviética). Com o prolongar da Revolução, os enfrentamentos com o imperialismo, as investidas militares e as guerras contra o poder Soviético, as massas perderam toda aquela

eloquência, se cansaram, e os Sovietes se transformaram praticamente em uma forma mais democrática de parlamento (poder representativo).

A Ditadura do proletariado é expressão armada deste poder. Para uma boa compreensão, tomamos por exemplo hoje no capitalismo a polícia, exército, justiça cumprindo as ordens e a serviço da burguesia e em defesa da propriedade privada dos meios de produção. Neste contexto realiza-se uma Assembléia geral qualquer de pelo menos 1000 ou 2000 mil pessoas e se delibera uma série de atos contra por exemplo os exploradores de uma ocupação de terra, vendedores de barracos etc. Após a Assembléia o povo volta para as suas casas. Como será cumprido e colocado em prática as decisões da referida Assembléia? Iremos recorrer a polícia ou a justiça burguesa para defender a ocupação sem exploradores? A Ditadura do proletariado é o armamento de destacamentos operários (exército proletário) para poder assim tornar possível a expropriação total dos meios de produção das mãos da burguesia. A Ditadura do proletariado é a retaguarda que torna possível o cumprimento das ordens das Assembléias, Soviete ou Conselhos (poder supremo no Socialismo).

A Ditadura do proletariado (Socialismo) ou governo operário e camponês é a transição do capitalismo (expropriação da burguesia e manutenção da propriedade coletiva), Estado operário, com a planificação dos meios de produção e da economia no sentido do atendimento das necessidades dos trabalhadores em geral e não mais do lucro. Para que o Socialismo cumpra com seu princípio transitório e passageiro rumo ao Comunismo, este terá que ser internacional. Acabar com a burguesia e a propriedade privada dos meios de produção no mundo. É a condição para o desaparecimento, da própria Ditadura do proletariado, do estado e do próprio Socialismo. Com os meios de produção coletivos, a relação de produção transformará a sua imagem e semelhança as relações humanas. O ser humano que ao nascer traz o germe da liberdade, da justiça, do amor crescerá e se desenvolverá dentro deste princípio da nova sociedade, liberta. Não terá mais necessidade de leis, estado, polícia, ordens, cadeia, prisões e muito menos a exploração do seu semelhante. A sociedade Comunista Superior, onde o trabalho assim como no Comunismo primitivo era um prazer, colher frutos, pescar, plantar (em algumas regiões) e a repartição a todos sem discriminação se tornará a lei em si. O Comunismo será o Reino da Liberdade.

A burguesia e o imperialismo se aproveitou e usou da corrente política que nada mais foi que a expressão política da pequena burguesia, o stalinismo. Que traiu, denegriu e ainda denigre o comunismo, com a falácia de Socialismo em um só país, a convivência pacífica com o imperialismo, a política da revolução por etapas, as perseguições e assassinatos dos principais quadros do Marxismo, a eliminação da Internacional Comunista e a introdução da democracia formal nos Sovietes.

A burguesia mundial passava e passa a idéia que, os traidores do Socialismo (política de regressão ao capitalismo) compreendia e representavam o Marxismo e o comunismo. Quando era exatamente o contrário, sua negação. Com a volta natural ao capitalismo destes estados operários degenerados a burguesia mundial fez coro em canto e prosa de que, o Marxismo morreu, que o comunismo foi negado e está ultrapassado etc. etc. A juventude e a vanguarda lutadora ficou embaraçada. Muitos ainda hoje por causa do som da burguesia, querem modernizar o Marxismo em nome da dialética etc. Introduzem um tom anarquista e pequeno burguês de simplesmente ser contra, revisar o Marxismo, substituir o partido por grupos culturais, negando na essência o materialismo dialético, negam ainda a necessidade do centralismo. Neste sentido fazem coro com a burguesia mundial de que realmente o que caiu junto com o muro de Berlim foi o Marxismo e não sua negação e traição.. Reforçam o

individualismo, rejeitam a Ditadura do proletariado e o próprio estado operário. Quando negam a necessidade do estado e do partido bem como, a centralização e a Ditadura do proletariado vão para dois caminhos opostos ao Socialismo, introduzem a democracia formal e o anarquismo. Quando negam o Partido Revolucionário o fazem colocando-o em pé de igualdade com os partidos burgueses. Assim como rejeitam a participação Revolucionária no parlamento não distinguindo uma ação revolucionária nos espaços legais com as negociações dos políticos burgueses, nega assim os princípios Leninista de Partido, o trabalho legal e ilegal. O mesmo ocorre com relação aos Sindicatos burocratizados e que na decadência imperialista praticamente se transformam em extensão do Estado dominado pela burocracia Sindical eliminando a democracia operária em seus seios.

## POM e os Sindicatos

Abaixo reproduzimos com atualizações e posições o texto do 3.º Congresso da 3.ª Internacional Comunista sobre o assunto e o texto de Trotsky na íntegra

Verificamos o conteúdo sobre a luta sindical que foi aprovado em 1921 por ocasião do terceiro Congresso da 3.ª Internacional Comunista.

### A INTERNACIONAL COMUNISTA E A INTERNACIONAL SINDICAL VERMELHA

(A Luta Contra a Internacional Amarela de Amsterdã)

A burguesia mantém a classe operária na escravidão não só pela força bruta, mas também por suas mentiras refinadas. A Escola, a igreja, o parlamento, as artes, a literatura, a imprensa cotidiana, são poderosos instrumentos dos quais se serve à burguesia para embrutecer as massas operárias e fazer penetrarem as idéias burguesas entre o proletariado.

Entre essas idéias burguesas que a classe dominante conseguiu insinuar entre as massas trabalhadoras, se encontra a idéia da neutralidade dos Sindicatos, de seu caráter apolítico, estranho a todo partido.

Desde as últimas décadas da história contemporânea e, em particular, desde o fim da guerra imperialista, em toda a Europa e na América, os sindicatos são as organizações mais numerosas do proletariado: em certos países eles envolvem toda a classe operária sem exceção. A burguesia compreende perfeitamente que o destino do regime capitalista depende hoje da atitude desses sindicatos com relação à influência burguesa universal e seus criados social-democratas para manterem custe o que custar, os sindicatos cativos das idéias burguesas.

**A burguesia não pode convidar abertamente os sindicatos operários para sustentarem os partidos burgueses. Eis porque ela os convida a não sustentar nenhum partido, inclusive o partido do comunismo revolucionário.**

A divisa da "neutralidade" ou do "apoliticismo" dos sindicatos já tem atrás de si um longo passado. Ao longo de uma dezena de anos esta idéia burguesa foi inculcada nos sindicatos da Inglaterra, Alemanha, América e outros países, tanto pelos líderes dos sindicatos burgueses à la Hirsch-Dunker, quanto pelos dirigentes dos sindicatos clericais e cristãos, como pelos dirigentes dos sindicatos pretensamente livres da Alemanha, como pelos líderes das velhas e pacíficas trade-unions inglesas, e muitos outros partidários do sindicalismo. Leghien, Gompers, Jouhaux, Sidney Webb, durante dezenas de anos, pregaram a neutralidade dos sindicatos.

Na realidade, os sindicatos jamais foram neutros, jamais puderam sê-lo e nunca o serão. A neutralidade dos sindicatos só pode ser nociva à classe operária, mas ela é irrealizável. No



dualismo entre o trabalho e o capital, nenhuma grande organização pode ficar neutra. Em consequência, os sindicatos não podem ser neutros entre os partidos burgueses e o Partido do proletariado. Os partidos burgueses percebem isso claramente. Mas assim como a burguesia tem necessidade que as massas acreditem na vida eterna, tem também necessidade que se creia, igualmente, que os sindicatos podem ser apolíticos e podem conservar a neutralidade em relação ao Partido Comunista operário. Para que a burguesia possa continuar a dominar e a pressionar os operários para tirar deles a mais-valia, ela não tem necessidade apenas do padre, do policial, do general, ela precisa também da burocracia sindical, do "líder operário" que prega nos sindicatos operários a neutralidade e a indiferença à luta política.

Mesmo antes da guerra imperialista, a falsidade dessa idéia de neutralidade se tornava cada vez mais evidente para os proletários conscientes da Europa e da América. Na medida em que os antagonismos sociais se exasperam, a mentira se torna mais gritante. Quando começou a carnificina imperialista, os antigos chefes sindicais foram obrigados a tirar a máscara da neutralidade e caminhar ao lado da "sua" burguesia.

Durante a guerra imperialista, todos os social-democratas e sindicalistas, que tinham passado anos a pregar a indiferença política, colocaram esses sindicatos a serviço da mais sangrenta e mais vil política dos partidos burgueses. Eles, ontem campeões da neutralidade, são vistos agora como os agentes declarados de tal partido político, salvo apenas o partido da classe operária.

Depois do fim da guerra imperialista, esses mesmos chefes social-democratas e sindicalistas tentam novamente impor aos sindicatos a máscara da neutralidade e do apoliticismo. Passado o perigo militar, esses agentes da burguesia se adaptam as circunstâncias novas e tentam ainda desviar os operários da via revolucionária, colocando-os numa via mais vantajosa para a burguesia.

O econômico e o político estão sempre indissolúvelmente ligados. Esse laço é particularmente indissolúvel em épocas como a que atravessamos. Não existe uma única questão da vida política que não deva interessar ao partido e ao sindicato operário. Inversamente, não há uma questão econômica importante que possa interessar ao sindicato sem interessar ao partido operário.

Quando, na França, o governo imperialista decreta a mobilização de algumas classes para ocupar a bacia do Ruhr e para oprimir a Alemanha, um sindicato francês realmente proletário pode dizer que essa é uma questão estritamente política, que não deve interessar aos sindicatos? Um sindicato francês verdadeiramente revolucionário pode se declarar "neutro" ou "apolítico" nessa questão?

Ou então, inversamente, quando na Inglaterra, se produz um movimento puramente econômico como a última greve dos mineiros, o Partido Comunista tem o direito de dizer que esta questão não lhe diz respeito e que interessa unicamente aos sindicatos? Quando a luta contra miséria e a pobreza é engrossada por milhões de desempregados, quando se é obrigado a colocar politicamente a questão da requisição dos alojamentos burgueses para aliviar as necessidades do proletariado, quando as massas cada vez mais numerosas de operários são obrigadas, pela própria vida, a colocar na ordem do dia o armamento do proletariado, quando num ou noutro país os operários organizam a ocupação de fábricas e usinas, - dizer que os sindicatos não devem se envolver na luta política, ou devem se manter "neutros" entre todos os partidos é na realidade servir à burguesia.

Apesar de toda a diversidade de suas denominações, os partidos políticos da Europa e da América podem ser divididos em três grandes grupos: 1) partidos da burguesia; 2) partidos da pequena burguesia; 3) partido do proletariado (os comunistas). Os sindicatos que se proclamam "apolíticos" e "neutros" não fazem senão ajudar os partidos da pequena burguesia e da burguesia.



A associação sindical de Amsterdã é uma organização onde se encontram e se dão as mãos as Internacionais dois e dois e meio.

Esta organização é considerada com esperança e solicitude por toda a burguesia mundial. A grande idéia da Internacional Sindical de Amsterdã é no momento, a neutralidade dos sindicatos. Não é por acaso que essa divisa serve à burguesia e seus criados social-democratas ou sindicalistas de direita como meio para tentar reunir novamente as massas operárias do Ocidente e da América. Enquanto a Segunda Internacional, passando abertamente para o lado da burguesia, praticamente falida, a Internacional de Amsterdã, tentando novamente defender a idéia da neutralidade, tem ainda algum sucesso.

Sob a bandeira da "neutralidade", a Internacional Sindical de Amsterdã assume os encargos mais difíceis e mais sujos da burguesia: estrangular a greve dos mineiros na Inglaterra (como aceitou fazê-lo I.H. Thomas que é ao mesmo tempo o presidente da 2.º Internacional e um dos líderes em maior evidência da Internacional Sindical Amarela de Amsterdã), rebaixar os salários, organizar a pilhagem sistemática dos operários alemães para os pecados de Guilherme e da burguesia imperialista alemã. Leipart e Grassmann, Wissel e Bauer, Robert Schmidt e J.H. Thomas, Alberí Thomas e Jouhaux, Daszynski e Zulavski - repartem seus papéis: uns antigos chefes sindicais participam hoje dos governos burgueses na qualidade de ministros, de comissários governamentais ou de funcionários, enquanto os outros, inteiramente solidários com os primeiros, ficam à Testa da Internacional Sindical de Amsterdã para pregar aos operários a neutralidade política.

A Internacional Sindical de Amsterdã é atualmente o principal apoio do capital mundial. É impossível combater vitoriosamente esta fortaleza do capitalismo sem compreender antes a necessidade de combater a idéia mentirosa do apoliticismo e da neutralidade dos sindicatos. A fim de ter uma arma conveniente para combater a Internacional Amarela de Amsterdã, é preciso, antes de tudo, estabelecer relações claras e precisas entre o partido e os sindicatos em cada país.

O Partido Comunista é a vanguarda do proletariado, a vanguarda que reconheceu perfeitamente as vias e os meios para libertar o proletariado do jugo capitalista e que, por esta razão, aceitou conscientemente o programa comunista.

Os sindicatos são uma organização mais massiva do proletariado, que tendem cada vez mais a abranger sem exceção todos os operários de cada setor da indústria e a fazer entrar para suas fileiras não somente os comunistas conscientes, mas também as categorias intermediárias e mesmo setores atrasados dos trabalhadores que, aos poucos, apreendem pela experiência da vida o comunismo.

O papel dos sindicatos, no período que precede o combate do proletariado para a tomada do poder, no período desse combate e, depois, após a conquista do poder, difere quanto às relações, mas sempre, antes, durante e depois, os sindicatos permanecem como uma organização mais vasta, mais massiva, mais geral que o partido, em relação a esse último eles desempenham, até um certo ponto, o papel da circunferência em relação ao centro.

Antes da conquista do poder, os sindicatos verdadeiramente proletários organizam os operários, principalmente sobre o terreno econômico, para a conquista de melhorias possíveis, para o completo desmoronamento do capitalismo, mas colocam no primeiro plano de sua atividade a organização da luta das massas proletárias contra o capitalismo, tendo em vista a revolução proletária.

Durante a revolução proletária, os sindicatos verdadeiramente revolucionários, de mãos dadas com o partido, organizam as massas para tomar de assalto as fortalezas do capital e se encarregam do primeiro trabalho de organização da produção socialista.

Após a conquista e a afirmação do poder proletário, a ação dos sindicatos se transporta, sobretudo para o domínio da organização econômica e eles consagram quase todas as suas

forças à construção do edifício econômico sobre bases socialistas, tornando possível assim uma verdadeira escola prática do comunismo.

Durante esses três estágios da luta do proletariado, os sindicatos devem sustentar sua vanguarda, o Partido Comunista, que dirige a luta proletária em todas as suas etapas. Para isso, os comunistas e os elementos simpatizantes devem constituir no interior dos sindicatos grupos comunistas inteiramente subordinados ao Partido Comunista em seu conjunto.

A tática que consiste em formar grupos comunistas em cada sindicato, formuladas pelo 2º Congresso Universal da Internacional Comunista, foi executada inteiramente durante o ano passado e deu resultados consideráveis na Alemanha, na Inglaterra, na França, na Itália e em vários outros países. Se, por exemplo, grupos importantes de operários, pouco experientes e insuficientemente provados na política, saem dos sindicatos social-democratas livres da Alemanha, porque perderam toda esperança de obter uma vantagem imediata com sua participação nesses sindicatos livres, isso não deve, em nenhuma hipótese, mudar a atitude de princípio da Internacional Comunista em relação à participação comunista no movimento profissional. O dever dos comunistas é explicar a todos os proletários que a saída não é abandonar os velhos sindicatos para criar novos ou se dispersarem numa poeira de homens desorganizados, mas revolucionar os sindicatos, expulsar deles o espírito reformista e a traição dos líderes oportunistas, para fazer deles uma arma ativa do proletariado revolucionário.

Durante o próximo período, a tarefa capital de todos os comunistas é trabalhar com energia, perseverança, obstinação, para conquistar a maioria dos sindicatos; os comunistas não devem em nenhum caso se deixar desencorajar pelas tendências reacionárias que se manifestam nesse momento no movimento sindical, mas se aplicar na participação mais ativa em todos os combates, na conquista dos sindicatos para o comunismo, apesar de todos os obstáculos e todas as oposições.

A melhor medida da força de um Partido Comunista é a influência real que ela exerce sobre as massas operárias dos sindicatos. O partido deve saber exercer a influência mais decisiva sobre os sindicatos sem submetê-los à menor tutela. O partido tem núcleos comunistas em tais ou quais sindicatos, mas o sindicato enquanto tal não está submetido ao partido. Apenas por um trabalho contínuo, firme e devotado dos núcleos comunistas no seio dos sindicatos é que o Partido pode chegar a criar um estado de coisas tal que os sindicatos seguirão voluntariamente, com prazer, os conselhos do partido.

Um excelente processo de fermentação se observa nesse momento nos sindicatos franceses. Os operários se recuperam enfim da crise do movimento operário e aprendem hoje a condenar a traição dos socialistas e dos sindicalistas reformistas.

Os sindicalistas revolucionários estão ainda imbuídos, em certa medida, de preconceitos contra a ação política e contra a idéia do partido político proletário. Eles professam a neutralidade política tal como ela foi expressa em 1906 na "Carta de Amiens". A posição confusa e falsa desses elementos sindicalistas-revolucionários implica maior perigo para o movimento. Se conquistar a maioria, esta tendência não saberá o que fazer, e ficará impotente diante dos agentes do capital, dos Jouhaux e dos Dumoulin.

Os sindicalistas-revolucionários franceses não terão linha de conduta firme enquanto o Partido Comunista não a tiver. O Partido Comunista Francês deve se aplicar em estabelecer uma colaboração amigável com os melhores elementos do sindicalismo-revolucionário. Ele deve contar em primeiro lugar com seus próprios militantes, deve formar núcleos em todos os lugares onde haja três comunistas. O partido deve empreender uma campanha contra a neutralidade. Da maneira mais amigável, mas também mais resoluta, o partido deve sublinhar os defeitos da atitude do sindicalismo-revolucionário. Apenas dessa maneira pode-se revolucionar o movimento sindical na França e estabelecer sua colaboração estreita com o partido.

Na Itália temos uma situação semelhante: a massa dos operários sindicalizados está animada de um espírito revolucionário, mas a direção da Confederação do Trabalho está nas mãos de reformistas e centristas declarados, que estão alinhados com Amsterdã. A primeira tarefa dos comunistas italianos é organizar uma ação cotidiana animada e perseverante no seio dos sindicatos e se aplicar sistemática e pacientemente a desvelar o caráter equivocado e vacilante dos dirigentes, a fim de tirar-lhes os sindicatos.

As tarefas que cabem aos comunistas italianos com relação aos elementos revolucionários sindicalistas da Itália são, em geral, as mesmas dos comunistas franceses.

Na Espanha, temos um movimento sindical poderoso, revolucionário e também consciente de seus objetivos e temos um Partido Comunista ainda jovem e relativamente frágil. Dada esta situação, o partido deve tentar se fortalecer nos sindicatos, o partido deve ajudá-los com seus conselhos e sua ação, deve esclarecer o movimento sindical e ligar-se a ele através de laços amigáveis, tendo em vista a organização comum de todos os combates.

Acontecimentos da maior importância se desenvolvem no movimento sindical inglês que se revolucionariza muito rapidamente. O movimento de massas se desenvolve. Os antigos chefes dos sindicatos perdem rapidamente suas posições. O partido deve fazer os maiores esforços para se afirmar nos grandes sindicatos, como a Federação dos Mineiros etc. Todo membro do partido deve militar em algum sindicato e deve, através de um trabalho orgânico, perseverante e ativo, orientá-lo em direção ao comunismo. Nada deve ser negligenciado para estabelecer a ligação mais estreita com as massas.

Na América, observamos o mesmo desenvolvimento, mas um pouco mais lento. Em nenhum caso os comunistas devem se limitar a deixar a Federação do Trabalho, organismo reacionário: eles devem, ao contrário, colocar mãos à obra para penetrar nos antigos sindicatos e revolucioná-los. É importante colaborar com os melhores elementos dos IWW, mas esta colaboração não exclui a luta contra seus preconceitos.

Um poderoso movimento sindical se desenvolve espontaneamente no Japão, mas ele se ressent da falta de uma direção clara. A tarefa principal dos elementos comunistas do Japão é sustentar esse movimento e exercer sobre ele uma influência marxista.

Na Tchecoslováquia, nosso partido tem a maioria da classe operária, enquanto o movimento sindical permanece ainda, em grande parte, nas mãos dos social-patriotas e dos centristas e, de outra parte, está cindido por nacionalidades. Esse é o resultado da falta de organização e de clareza por parte dos sindicalizados, ainda que animados do espírito revolucionário. O partido deve fazer tudo para pôr um fim a essa situação e conquistar o movimento sindical para o comunismo. Para atingir esse objetivo, é absolutamente indispensável criar núcleos comunistas, assim como um órgão sindical comunista central para todos os países. É necessário, para isso, trabalhar energeticamente e fundir num todo único as diferentes uniões cindidas pelas nações.

Na Áustria e na Bélgica, os social-patriotas souberam tomar com habilidade e firmeza a direção do movimento sindical, que é o principal ponto de combate. É nessa direção que os comunistas devem colocar sua atenção.

Na Noruega, o partido, que tem a maioria dos operários, deve tomar seguramente nas mãos o movimento sindical e descartar os elementos centristas das direções.

Na Suécia o partido tem que combater resolutamente não apenas o reformismo, mas também a corrente pequeno-burguesa que existe no socialismo e deve aplicar nessa ação toda a sua energia.

Na Alemanha, o partido tem grandes condições para conquistar gradualmente os sindicatos. Nenhuma concessão deve ser feita àqueles que preconizam a saída dos sindicatos. Isso é fazer o jogo dos social-patriotas. Às tentativas de excluir os comunistas importa opor uma resistência vigorosa e obstinada; os maiores esforços devem ser feitos para conquistar a maioria nos sindicatos.

Todas essas considerações determinam as relações que devem existir entre a Internacional Comunista e a Internacional Sindical Vermelha.

A Internacional Comunista não deve apenas dirigir a luta política do proletariado no sentido estrito do termo, mas, também, toda sua campanha de libertação, seja qual for a forma que ela assuma. A Internacional Comunista não pode ser apenas a soma aritmética dos Comitês Centrais dos Partidos Comunistas dos diferentes países. A Internacional Comunista deve inspirar e coordenar a ação e os combates de todas as organizações proletárias, profissionais, cooperativas, soviéticas, educativas etc., além das estritamente políticas.

A Internacional Sindical Vermelha, diferente da Internacional Amarela de Amsterdã, não pode, em caso algum, aceitar o ponto de vista da neutralidade. Uma organização que desejar ser neutra, diante das Internacionais dois, dois e meio e três, será inevitavelmente um brinquedo nas mãos da burguesia. O programa de ação da Internacional Sindical Vermelha, que está exposto abaixo e que o Terceiro Congresso Universal da Internacional Comunista submete à atenção do Primeiro Congresso Universal dos Sindicatos Vermelhos, será defendido na realidade unicamente pelos Partidos Comunistas, unicamente pela Internacional Comunista. Por esta única razão, para insuflar o espírito revolucionário no movimento profissional de cada país, para executar lealmente sua nova tarefa revolucionária, os sindicatos vermelhos de cada país serão obrigados a trabalhar de mãos dadas, em contato estreito, com o Partido Comunista desse mesmo país, e a Internacional Sindical Vermelha deverá coordenar em cada país sua ação com aquela da Internacional Comunista.

Os preconceitos de neutralidade, independência, apoliticismo, de indiferença pelos partidos, que são o pecado dos sindicalistas revolucionários legais da França, Espanha, Itália e alguns outros países, não são objetivamente outra coisa que um tributo pago aos ideais burgueses. Os sindicatos vermelhos não podem triunfar sobre Amsterdã, não podem conseqüentemente, triunfar sobre o capitalismo, sem romper de uma vez por todas com esta idéia burguesa de independência e de neutralidade.

Do ponto de vista da economia das forças e da concentração mais perfeita dos golpes, a situação ideal será a constituição de uma Internacional proletária única, agrupando os partidos políticos e todas as outras formas de organização operária. Não há dúvida de que o futuro pertence a esse tipo de organização. Mas, no momento atual, de transição, com a variedade e a diversidade dos sindicatos, é preciso nos diferentes países, constituir uma união autônoma dos sindicatos vermelhos, aceitando o conjunto do programa da Internacional Comunista, mas de uma forma mais livre que os partidos políticos pertencentes a esta Internacional.

A Internacional Sindical Vermelha que será organizada sobre essas bases, terá direito ao apoio integral do 3.º Congresso Universal da Internacional Comunista. Para estabelecer uma ligação mais estreita entre a Internacional Comunista e a Internacional Vermelha dos Sindicatos, o Terceiro Congresso Universal da Internacional Comunista propõe uma representação mútua permanente de três membros da Internacional Comunista no Comitê Executivo da Internacional Sindical Vermelha e vice-versa.

O programa de ação dos Sindicatos Vermelhos, segundo a opinião da Internacional Comunista, é aproximadamente o seguinte:

#### Programa de Ação

1. A crise aguda na economia mundial, o aumento catastrófico dos preços dos principais produtos, a super produção que coincide com a escassez das mercadorias na vida da população, a política agressiva da burguesia em relação à classe operária, uma tendência obstinada em rebaixar os salários e conduzir a classe operária a várias dezenas de anos atrás, a irritação das massas que se desenvolve sobre esse terreno, de uma parte, e a impotência dos velhos sindicatos operários e seus métodos, de outra parte - todos esses fatos impõem aos sindicatos revolucionários de todos os países tarefas novas. São necessários novos métodos de luta econômica nesse período de desagregação capitalista: é preciso que os



sindicatos operários adotem uma política econômica agressiva, para repelir a ofensiva do capital, fortificar as antigas posições e passar à ofensiva.

2. A ação direta das massas revolucionárias e suas organizações contra o capital constitui a base da tática sindical. Todas as conquistas dos operários estão em relação direta com a ação direta e a pressão revolucionária das massas. Pela expressão "ação direta" é preciso entender toda sorte de pressões diretas exercidas pelos operários sobre os patrões e o Estado, a saber: boicote, greves, ações de rua, demonstrações, ocupação de usinas, oposição violenta à saída de produtos das empresas, levante armado e outras ações revolucionárias próprias para unir a classe operária na luta pelo socialismo. A tarefa dos sindicatos revolucionários consiste, portanto, em fazer da ação direta um meio de educar e preparar as massas operárias para a luta pela revolução social e pela ditadura do proletariado.

3. Esses últimos anos de luta mostraram com uma particular evidência toda a fraqueza das uniões estritamente profissionais. A adesão simultânea dos operários de uma empresa a vários sindicatos enfraquece-os durante a luta. É preciso passar, e esse deve ser o ponto inicial de uma luta incessante - da organização puramente profissional à organização por indústrias: "Uma empresa - um sindicato", tal é a palavra de ordem no domínio da estrutura sindical. É preciso tender à fusão dos sindicatos similares pela via revolucionária, colocando a questão diretamente para os sindicalizados das fábricas e empresas, levando mais tarde o debate até as conferências locais e regionais e aos congressos nacionais.

**\* O ponto acima mostra toda a evolução de nossos Sindicatos (acompanharam a evolução dos meios de produção e o desenvolvimento do capitalismo). Como vimos à orientação do terceiro Congresso da 3.º Internacional era de formação de Sindicatos por fabricas em contraposição aos sindicatos por ramos ou profissão. Hoje, com o avanço dos meios de produção e o agravamento da crise capitalista se coloca uma tarefa primordial aos Sindicatos. Exatamente, o de unificar os oprimidos em geral. O papel das centrais sindicais assumiu maior importância, tendo em vista o desemprego, o trabalho informal etc. etc. Hoje os dirigentes Sindicais devem concebê-los como verdadeiros SOVIETES (organizações amplas de todos os oprimidos). Só assim poderá se tornar em alternativa de luta contra a burguesia. Já em 1905 na Rússia se constata o aparecimento deste tipo de organização. Uma Organização que extrapola os limites estreitos dos marcos corporativos dos Sindicatos (a legislação, os impostos sindicais, os privilégios dos dirigentes).**

Os Sovites (Conselhos) são Organizações livres agrupando os oprimidos em geral. Não se limitam a esta ou aquela categoria. Hoje mais do que nunca é a única forma conseqüente de canalizar a luta de classe contra classe.

A união dos empregados, desempregados, subempregados, autônomos, funcionalismo público, pequena burguesia oprimida, sob a direção do movimento operário, com os Sindicatos dirigidos pelos revolucionários libertando-os e os transformando em ferramenta de união e luta de todos os oprimidos.

A teoria deve guiar a prática e a prática deve ser instrumento de aperfeiçoamento da teoria. Os Soviets apareceram nos momentos de grande convulsão social e é condição dos dirigentes sindicais revolucionários trabalharem sem cessar para o nascimento destas organizações superiores que em nossa época se tornaram fundamentais e indispensáveis.

As correntes e agrupamentos políticos que hoje no Brasil e no mundo defendem devido a burocratização dos sindicatos, o abandono dos mesmos, e da simples forma mágica de construção de organismos autônomos etc. acabam por negar o essencial da

**luta de classe que é expressa dentro das fábricas e nos sindicatos operários, de que os patrões querem cada vez mais aumentar seus lucros e para isto rebaixar os salários e diminuir o número empregados aumentando a jornada e a produção. Já os operários desejam o contrário, aumento de salário e diminuição da jornada.**

**Na verdade estas organizações acabam por revisar o Marxismo embalado pelo eco da burguesia mundial (imperialismo) de que após o fim da União Soviética, derrubada do muro de Berlim o Marxismo foi enterrado e assim estes sabichões em nome de um ultra “revolucionarismo” batem palmas às idéias da burguesia no seio do movimento socialista.**

4. Cada fábrica, cada usina deve se transformar num bastão, numa fortaleza da revolução. A antiga forma de ligação entre os sindicalizados e seu sindicato (delegados sindicais que recebiam as cotizações, representantes, pessoal de confiança etc.) deve ser substituída pela criação de comitês de fábrica e usinas. Esses devem ser eleitos por todos os operários da empresa, seja qual for o seu sindicato e suas convicções políticas. A tarefa dos partidários da Internacional Sindical Vermelha é levar os operários da empresa a participarem da eleição de seu órgão representativo. As tentativas para eleger os comitês de fábrica e de usinas apenas pelos comunistas têm como resultado o afastamento das massas "sem partido"; eis porque essas tentativas devem ser categoricamente condenadas. Isso seria um núcleo e não um comitê de fábrica. A parcela revolucionária deve reagir e influir, por intermédio dos núcleos, comitês de ação e simples membros, sobre a assembléia geral e sobre o comitê de fábrica eleito.

- **Este ponto coloca uma poderosa arma contra a burocratização quando substitui o trabalho sindical remunerado para este fim pelas organizações de base como suprema instancias, os comitês de fabricas, comissões, conselhos de representantes de setores etc.. Não como funcionários do Sindicato ou às vezes recebendo dos patrões e do Sindicato, más como militantes entre os trabalhadores, recebendo salários iguais aos seus companheiros, guiados pelas reuniões e Assembléias, mesmo que clandestinas.**

5. A primeira tarefa que é preciso propor aos operários e comitês de fábricas e usinas é exigir a manutenção, às expensas da empresa, dos empregados dispensados do trabalho. Não se deve tolerar que os operários sejam postos na rua sem que o estabelecimento se ocupe deles. O patrão deve pagar a seus desempregados seu salário completo: eis a exigência em torno da qual é preciso organizar não apenas os desempregados, mas, sobretudo os empregados que continuam trabalhando na empresa, explicando-lhes, ao mesmo tempo, que a questão do desemprego não pode ser resolvida nos limites do capitalismo e que o melhor remédio contra o desemprego é a revolução social e a ditadura do proletariado.

**\* O destaque na luta contra o desemprego. No Movimento contra o desemprego estamos defendendo a repartição das horas de trabalho sem redução dos salários a todos os trabalhadores e o salário desemprego pago pelo governo até o trabalhador arrumar outro emprego registrado.**



6. O fechamento das empresas é atualmente, na maior parte dos casos, um meio de depurá-las dos elementos suspeitos - a luta deve então se fazer contra o fechamento das empresas devendo os empregados verificar as causas do fechamento. É preciso criar Comissões especiais de controle sobre as matérias-primas, sobre os materiais necessários à produção e os recursos financeiros disponíveis nos bancos. As Comissões de controle especialmente eleitas devem estudar da maneira mais atenta as relações financeiras entre a empresa em questão e as outras empresas, e a supressão do segredo comercial deve ser proposta aos operários como uma tarefa prática.

7. Um dos meios de impedir o fechamento em massa das empresas, com o fim de rebaixar os salários e agravar as condições de trabalho, pode ser a ocupação da fábrica ou da usina e a continuação de sua produção a despeito do patrão.

Diante da atual escassez de mercadorias, é particularmente importante impedir toda parada na produção, também os operários não devem tolerar um fechamento premeditado das fábricas e usinas. Segundo as condições locais, as condições da produção, a situação política e a intensidade da luta social, a tomada das empresas pode e deve ser acompanhada de outros métodos de ação sobre o capital. A gestão da empresa tomada deve ser colocada nas mãos do comitê de fábrica ou de usina e do representante especialmente designado pelo sindicato.

- **Hoje é comum para a burocracia sindical diante de uma falência, concordata ou maracutaia patronal, a transformação da fábrica em Cooperativa. Desta forma os dirigentes sindicais dão uma mãozinha aos patrões e governo. Com a transformação da fábrica em Cooperativa os operários abrem mão dos direitos trabalhistas para em seguida a “justiça” leiloar todos os bens da empresa (máfia das massas falidas).**

8. A luta econômica deve ser levada sob a palavra de ordem de aumento dos salários e melhoria das condições de trabalho, que devem ser levadas a um nível sensivelmente superior àquele de antes da guerra. As tentativas para reconduzir os operários as condições de trabalho anteriores às da guerra devem ser rebatidas da forma mais decidida e mais revolucionária. A guerra teve como resultado o esgotamento da classe operária: a melhoria das condições de trabalho é uma condição indispensável para reparar essa perda de forças. As alegações dos capitalistas que colocam como causa a concorrência estrangeira não devem ser levadas em consideração: os sindicatos revolucionários não devem abordar a questão dos salários e das condições do ponto de vista da concorrência entre os aproveitadores das diferentes nações, eles devem se colocar no ponto de vista da conservação e proteção da força de trabalho.

9. Se a tática redutora dos capitalistas coincide com uma crise econômica no país, o dever dos sindicatos é não se deixar abater por questões separadas. A princípio, é preciso ensaiar na luta os operários dos estabelecimentos de utilidade pública (mineiros, ferroviários, operários do gás, eletricitários etc.) para que a luta contra a ofensiva do capital toque, desde o início, os pontos nevrálgicos do organismo econômico. Aqui, todas as formas de resistência são necessárias e, conforme o objetivo, desde a greve parcial intermitente, até a greve geral, se estendendo à grande indústria sobre um plano nacional.

10. Os sindicatos devem se propor como uma tarefa prática à preparação e a organização de ações nacionais por indústrias. A parada dos transportes ou da extração da hulha, realizada segundo um plano internacional, é um poderoso meio de luta contra as tentativas reacionárias da burguesia de todos os países.

Os sindicatos devem observar atentamente a conjuntura mundial para escolher o momento mais propício para sua ofensiva econômica; eles não devem esquecer um só

instante o fato de que uma ação internacional só será possível com a criação de sindicatos revolucionários, sindicatos que não tenham nada em comum com a Internacional Amarela de Amsterdã.

11. A crença no valor absoluto dos contratos coletivos, propagada pelos oportunistas de todos os países, deve encontrar a resistência áspera e decidida do movimento sindical revolucionário. Os patrões violam os contratos coletivos sempre que podem. Um respeito religioso pelos contratos coletivo testemunha a profunda penetração da ideologia burguesa entre os líderes da classe operária. Os sindicatos revolucionários não devem renunciar aos contratos coletivos, mas devem perceber seu valor relativo, devem sempre considerar o método a adotar para romper esses contratos sempre que isso for vantajoso para a classe operária.

12. A luta das organizações operárias contra o padrão individual e coletivo deve se adaptar às condições nacionais e locais, deve utilizar toda a experiência da luta de libertação da classe operária. Toda greve importante não deve ser somente bem organizada, os operários devem, desde o primeiro momento, criar quadros especiais para combater os fura-greves e fazer oposição à ofensiva provocadora das organizações brancas de todas as nuances, apoiadas pelos Estados burgueses. Os fascistas na Itália, a ajuda técnica na Alemanha, as guardas cívicas formadas por antigos oficiais e suboficiais na França e Inglaterra - todas essas organizações têm por objetivo a desmoralização, a derrota das ações da classe operária, uma derrota que não se limitará a uma simples substituição dos grevistas, mas buscará a derrocada material de sua organização e o massacre dos líderes do movimento. Nessas condições, a organização de batalhões de greve especiais, de destacamentos especiais de defesa operária, é uma questão de vida ou morte para a classe operária.

13. As organizações de combate assim criadas não devem se limitar a combater as organizações dos patrões e fura-greves, elas devem se encarregar de deter todas as encomendas e mercadorias expedidas com destino à usina em greve por outras empresas e se opor à transferência de comando a outras usinas e empresas. Os sindicatos dos operários dos transportes são chamados a desempenhar seu papel particularmente importante: cabe a eles a tarefa de entravar o transporte das mercadorias, o que não será possível sem a ajuda unânime de todos os operários da região.

14. Toda luta econômica da classe operária no próximo período deve se concentrar na palavra de ordem do controle operário sobre a produção, que se deve realizar antes que o governo ou as classes dominantes invente algum sucedâneo de controle. É preciso combater violentamente todas as tentativas das classes dominantes e dos reformistas para criar associações paritárias, comissões paritárias e um estrito controle sobre a produção deve ser feito: somente ele dará os resultados determinados. Os sindicatos revolucionários devem combater resolutamente a chantagem e a extorsão exercidas em nome da socialização pelos chefes dos velhos sindicatos com a ajuda das classes dominantes. Toda a verborrêia desses senhores sobre a socialização pacífica tem a finalidade única de desviar os operários dos atos revolucionários e da revolução social.

15. Para distrair a atenção dos operários de suas tarefas imediatas e despertar neles veleidades pequeno-burguesas, colocam-nos diante da idéia de participação nos lucros, isto é, da restituição aos operários de uma pequena parte da mais-valia criada por eles; essa palavra de ordem de perversão operária deve receber sua crítica severa e implacável. ("Não à participação nos lucros, destruição do lucro capitalista", tal é a palavra de ordem dos sindicatos revolucionários.).

16. Para entravar ou quebrar a força combativa da classe operária, os Estados burgueses aproveitaram a possibilidade de militarizar provisoriamente algumas usinas ou setores inteiros da indústria sob o pretexto de protegê-las por sua importância vital. Alegando a necessidade de se preservar tanto quanto possível contra as perturbações econômicas, os Estados

burgueses introduziram, para proteger o Capital, cortes de arbitragem e comissões de conciliação obrigatórias. Também no interesse do Capital, e para fazer recair inteiramente sobre os operários o peso dos custos da guerra, eles introduziram um novo sistema de percepção de impostos; eles são retidos sobre o salário do operário pelo patrão, que desempenha assim o papel de preceptor. Os sindicatos devem levar uma luta das mais obstinadas contra essas medidas governamentais que só servem aos interesses da classe capitalista.

17. Os sindicatos revolucionários que lutam para melhorar as condições de trabalho, elevar o nível de vida das massas e estabelecer o controle operário devem constantemente perceber que, no quadro do capitalismo, esses problemas permanecerão sem solução; eles também devem, arrancando passo a passo concessões das classes dominantes, obrigá-las a aplicar a legislação social, colocar claramente as massas operárias diante do fato de que só a derrota do capitalismo e a instauração da ditadura do proletariado são capazes de resolver a questão social. Assim, nem uma ação parcial, nem uma greve parcial nem o menor conflito devem passar sem deixar traços em relação a isso. Os sindicatos revolucionários devem generalizar esses conflitos, elevando constantemente a consciência das massas até a necessidade e a inevitabilidade da revolução social e da ditadura do proletariado.

18-Toda luta econômica é uma luta política, isto é, uma luta levada por toda uma classe. Nessas condições, por mais consideráveis que sejam as camadas operárias envolvidas na luta, esta não poderá ser realmente revolucionária, não poderá ser realizada com o máximo de utilidade para a classe operária em seu conjunto, se os sindicatos não estiverem de mãos dadas, unidos e em colaboração estreita com o Partido Comunista do país. A teoria e a prática da divisão da ação da classe operária em duas metades autônomas é muito pernicioso, sobretudo no momento revolucionário atual. Cada ação exige o máximo de concentração de forças, que só é possível com a condição da mais alta tensão de toda energia revolucionária da classe operária, isto é, de todos os seus elementos comunistas e revolucionários. As ações isoladas do Partido Comunista e dos sindicatos revolucionários estão de antemão destinadas ao fracasso e a derrota. Por isso, a unidade de ação, a ligação orgânica entre os Partidos Comunistas e os sindicatos operários constituem a condição preliminar do sucesso da luta contra o capitalismo.

## A integração das organizações sindicais ao poder do Estado\*

Leon Trotsky

Há uma característica comum no desenvolvimento ou, para sermos mais exatos, na degeneração das modernas organizações sindicais de todo o mundo: sua aproximação e sua vinculação cada vez mais estreitas com o poder estatal. Esse processo é igualmente característico dos sindicatos neutros, social-democratas, comunistas e anarquistas. Somente este fato demonstra que a tendência a "estretar vínculos" não é própria desta ou daquela doutrina, mas provém de condições sociais comuns a todos os sindicatos.

O capitalismo monopolista não se baseia na concorrência e na livre iniciativa privada, mas numa direção centralizada. As camarilhas capitalistas, que encabeçam os poderosos trustes, monopólios, bancos etc., encaram a vida econômica da mesma perspectiva como o faz o poder estatal, e a cada passo exigem sua colaboração. Os sindicatos dos ramos mais importantes da indústria, nessas condições vêem-se privados da possibilidade de aproveitar a concorrência entre as diversas empresas. Devem enfrentar um adversário capitalista centralizado, intimamente ligado ao poder estatal daí a necessidade que os sindicatos têm - enquanto se mantenham numa posição reformista, ou seja, de adaptação à propriedade privada - de adaptar-se ao estado capitalista e de lutar pela sua cooperação. Aos olhos da burocracia sindical, a tarefa principal é "liberar" o estado de suas amarras capitalistas, de

debilitar sua dependência dos monopólios e voltá-los a seu favor. Esta posição harmoniza-se perfeitamente com a posição social da aristocracia e da burocracia operárias, que lutam por obter algumas migalhas do sobrelucro do imperialismo capitalista. Os burocratas fazem todo o possível, em palavras e nos fatos, para demonstrar ao estado "democrático" até que ponto são indispensáveis e dignos de confiança em tempos de paz e, especialmente, em tempos de guerra. O fascismo, ao transformar os sindicatos em organismos do estado, não inventou nada de novo: simplesmente levou até às últimas conseqüências as tendências inerentes ao imperialismo.

Os países coloniais e semicoloniais não estão sob o domínio de um capitalismo nativo, mas do imperialismo estrangeiro. Mas este fato fortalece, em vez de debilitar, a necessidade de laços diretos, diários e práticos entre os magnatas do capitalismo e os governos que deles dependem, nos países coloniais e semicoloniais. À medida que o capitalismo imperialista cria nas colônias e semicolônias um estrato de aristocratas e burocratas operários, estes necessitam o apoio dos governos coloniais e semicoloniais, que desempenhem o papel de protetores, de patrocinadores e às vezes de árbitros. Esta é a base social mais importante do caráter bonapartista e semibonapartista (1) dos governos das colônias e dos países atrasados em geral. Essa é também a base da dependência dos sindicatos reformistas em relação ao estado.

No México, os sindicatos transformaram-se por lei em instituições semi-estatais e assumiram, por isso, um caráter semitotalitário. Segundo os legisladores, a estatização dos sindicatos fez-se em benefício dos interesses dos operários, para lhes assegurar certa influência na vida econômica e governamental. Mas enquanto o imperialismo estrangeiro dominar o estado nacional e puder, com a ajuda de forças reacionárias internas, derrubar a instável democracia e substituí-la por uma ditadura fascista declarada, a legislação sindical pode transformar-se facilmente numa ferramenta da ditadura imperialista.

## PALAVRAS DE ORDEM PELA INDEPENDÊNCIA DOS SINDICATOS

À primeira vista, poder-se-ia deduzir do que foi dito que os sindicatos deixam de existir enquanto tal na época imperialista. Quase não dão espaço à democracia operária que, nos bons tempos em que reinava o livre comércio, constituía a essência da vida interna das organizações operárias.

Não existindo a democracia operária não há qualquer possibilidade de lutar livremente para influir sobre os membros do sindicato. Com isso desaparece, para os revolucionários, o campo principal de trabalho nos sindicatos. No entanto, essa posição seria falsa até à medula. Não podemos escolher por nosso gosto e prazer o campo de trabalho nem as condições em que desenvolveremos nossa atividade. Lutar para conseguir influência sobre as massas operárias dentro de um estado totalitário ou semitotalitário é infinitamente mais difícil que numa democracia. Isto também se aplica aos sindicatos cujo destino reflete a mudança produzida no destino dos estados capitalistas. Não podemos renunciar à luta para conseguir influência sobre os operários alemães simplesmente porque ali o regime totalitário torna essa tarefa muito difícil. Do mesmo modo, não podemos renunciar à luta dentro das organizações trabalhistas compulsórias, criadas pelo fascismo. Menos ainda podemos renunciar ao trabalho sistemático no interior dos sindicatos de tipo totalitário ou semitotalitário somente porque dependam, direta ou indiretamente, do estado operário ou porque a burocracia não dá aos revolucionários a possibilidade de trabalhar livremente neles. Deve-se lutar sob todas essas condições criadas pela evolução anterior, onde é necessário incluir os erros da classe operária e os crimes de seus dirigentes. Nos países fascistas e semifascistas é impossível concretizar um trabalho revolucionário que não seja clandestino, ilegal, conspirativo. Nos sindicatos totalitários ou



semitotalitários é impossível ou quase impossível realizar um trabalho que não seja conspirativo. Temos de nos adaptar às condições existentes nos sindicatos de cada país para mobilizar as massas não apenas contra a burguesia, mas também contra o regime totalitário dos próprios sindicatos e contra os dirigentes que sustentam esse regime. A primeira palavra de ordem desta luta é: independência total e incondicional dos sindicatos em relação ao Estado capitalista. Isso significa lutar para transformar os sindicatos em organismos das grandes massas exploradas e não da aristocracia operária.

A segunda é: democracia sindical. Esta palavra de ordem deduz-se diretamente da primeira e pressupõe para sua realização a independência total dos sindicatos em relação ao estado imperialista ou colonial.

Em outras palavras, os sindicatos atualmente não podem ser simplesmente os órgãos da democracia como na época do capitalismo concorrencial e já não podem ser politicamente neutros, ou seja, limitar-se às necessidades cotidianas da classe operária. Já não podem ser anarquistas, quer dizer, já não podem ignorar a influência decisiva do estado na vida dos povos e das classes. Já não podem ser reformistas, porque as condições objetivas não dão espaço a nenhuma reforma séria e duradoura. Os sindicatos de nosso tempo podem ou servir como ferramentas secundárias do capitalismo imperialista para subordinar e disciplinar os operários e para impedir a revolução ou, ao contrário, transformar-se nas ferramentas do movimento revolucionário do proletariado.

A neutralidade dos sindicatos é total e irreversivelmente coisa do passado. Desapareceu junto com a livre democracia burguesa.

## NECESSIDADE DO TRABALHO DENTRO DOS SINDICATOS

De tudo que foi dito, depreende-se claramente que, apesar da degeneração progressiva dos sindicatos e de seus vínculos cada vez mais estreitos com o Estado imperialista, o trabalho da degeneração progressiva dos sindicatos e de seus vínculos com o Estado imperialista, o trabalho neles não só não perdeu sua importância, como é ainda maior para todo partido revolucionário. Trata-se essencialmente de lutar para ganhar influência sobre a classe operária. Toda organização, todo partido, toda fração que se permita ter uma posição ultimista (2) com respeito aos sindicatos, o que implica voltar às costas a classe operária, somente por não estar de acordo com sua organização, está destinada a acabar. E é bom frisar que merece acabar.

## NOS PAÍSES ATRASADOS

Como nos países atrasados quem joga o papel principal é o capitalismo estrangeiro e não o nacional, a burguesia nacional ocupa, quanto à sua situação social, uma posição muito inferior à que deveria ocupar em relação ao desenvolvimento da indústria. Como o capital estrangeiro não importa operários, mas proletariza a população nativa, o proletariado nacional começa muito rapidamente a desempenhar o papel mais importante na vida nacional. Sob tais condições, na medida em que o governo nacional tenta oferecer alguma resistência ao capital estrangeiro, vê-se obrigado, em maior ou menor grau, a se apoiar no proletariado. Por outro lado, os governos dos países atrasados, que consideram inevitável ou mais proveitoso marchar lado a lado com o capital estrangeiro, destroem as organizações operárias e implantam um regime mais ou menos totalitário. De modo que a debilidade da burguesia nacional, a ausência de uma tradição de governo próprio, a pressão do capital estrangeiro e o crescimento relativamente rápido do proletariado cortam pela raiz toda possibilidade de um regime democrático estável. O governo dos países atrasados, ou seja, coloniais ou

semicoloniais, assume, no seu conjunto, um caráter bonapartista ou semibonapartista. Diferem entre si porque enquanto alguns tratam de se orientar para a democracia, buscando o apoio de operários e camponeses, outros implantam uma rígida ditadura policial-militar. Isso determina também a sorte dos sindicatos: ou estão sob tutela do estado ou estão sujeitos a uma cruel perseguição. Essa tutela corresponde a duas tarefas antagônicas às quais o estado deve encarar: em primeiro lugar atrair a classe operária para assim ganhar um ponto de apoio para a resistência às pretensões excessivas por parte do imperialismo, e ao mesmo tempo, disciplinar os mesmos operários colocando-os sob o controle de uma burocracia.

## CAPITALISMO MONOPOLISTA E OS SINDICATOS

O capitalismo monopolista é cada vez menos capaz de conviver com a independência dos sindicatos. Exige que a burocracia reformista e a aristocracia operária, que juntam as migalhas que caem de sua mesa, transformem-se em sua polícia política aos olhos da classe operária. Quando não consegue isso, suprime a burocracia operária, substituindo-a pelos fascistas. E, diga-se de passagem, todos os esforços que a aristocracia operária faça a serviço do imperialismo não poderão salvá-la por muito tempo da destruição.

A um certo grau de intensificação das contradições de classe dentro de cada país, dos antagonismos entre um país e outro, o capitalismo imperialista não pode tolerar (ao menos por certo tempo) uma burocracia reformista, a não ser que esta lhe sirva diretamente como um pequeno, mas ativo acionista de suas empresas imperialistas, de seus planos e programas, tanto dentro do país como no plano mundial. O social-reformismo deve transformar-se em social-imperialismo para poder prolongar sua existência, mas para prolongá-la e nada mais. Esse caminho em geral não tem saída.

Isso significa que na era do imperialismo a existência de sindicatos independentes é, em geral, impossível? Seria basicamente incorreto colocar assim esta questão. O que é impossível é a existência de sindicatos reformistas independentes ou semi-independentes. É perfeitamente possível a existência de sindicatos revolucionários, que não somente não sejam agentes da política imperialista mas que também se coloquem como tarefa a destruição do capitalismo dominante. Na era da decadência imperialista, os sindicatos somente podem ser independentes na medida em que sejam conscientes de ser, na prática, os organismos da revolução proletária. Nesse sentido, o programa de transição adotado pelo último congresso da IV Internacional não é apenas um programa para a atividade do partido, mas, em traços gerais, é o programa para a atividade dos sindicatos.

O desenvolvimento dos países atrasados define-se por seu caráter combinado. Em outras palavras: a última palavra em tecnologia, economia e política imperialista combinam-se, nesses países, com o primitivismo e o atraso tradicionais. O cumprimento dessa lei pode ser observado nas esferas mais diversas do desenvolvimento dos países coloniais e semicoloniais, inclusive na do movimento sindical. O capitalismo imperialista opera aqui de maneira mais cínica e explícita. Transporta para um terreno virgem os métodos mais aperfeiçoados de sua tirânica dominação.

No último período pode-se notar no movimento sindical mundial uma virada à direita e a supressão da democracia interna. Na Inglaterra foi esmagado o Movimento da Minoria dos sindicatos (não sem a intervenção de Moscou); os dirigentes sindicais são hoje, especialmente no terreno da política exterior, fiéis agentes do Partido Conservador. Na França não havia condições para a existência independente de sindicatos stalinistas; uniram-se aos chamados



anarco-sindicalistas sob a direção de Jouhaux, e o resultado dessa unificação não foi uma virada geral à esquerda, mas sim à direita. A direção da CGT é o agente mais direto e aberto do capitalismo imperialista francês.

Nos Estados Unidos, o movimento sindical passou nos últimos anos, por seu período mais tempestuoso. O crescimento do CIO (Congresso de Organizações Industriais) é uma evidência irrefutável da existência de tendências revolucionárias nas massas operárias. No entanto é significativo e muito importante assinalar o fato de que a nova organização sindical "de esquerda", nem bem se fundou, caiu no férreo abraço do estado imperialista. A luta nas altas esferas entre a velha e a nova federação (3) reduz-se, em grande medida, à luta pela simpatia e o apoio de Roosevelt e seu gabinete.

Não menos significativo, se bem que num sentido diferente, é o desenvolvimento ou degeneração dos sindicatos na Espanha. Nos sindicatos socialistas todos os dirigentes, que em alguma medida representavam a independência do movimento sindical, foram afastados. Quanto aos sindicatos anarco-sindicalistas, transformaram-se em instrumentos da burguesia republicana. Seus dirigentes converteram-se em ministros burgueses conservadores. Que essa metamorfose tivesse acontecido em condições de guerra civil não atenua sua significação. A guerra não é mais que uma continuação da política. Acelera processos, deixa à mostra seus traços essenciais, destroem o corrompido, o falso, o equívoco e deixa o explícito, o essencial. A virada à esquerda dos sindicatos deve-se à agudização das contradições de classe e internacionais. Os dirigentes do movimento sindical sentiram, entenderam (ou os fizeram entender), que não é momento de brincar com a oposição. Todo movimento de oposição dentro do movimento sindical, especialmente nas altas esferas, ameaça provocar uma tempestuosa mobilização das massas e criar dificuldades ao imperialismo nacional. Daí a virada à direita e a supressão da democracia operária nos sindicatos, a evolução para um regime totalitário, característica fundamental do período.

Deveríamos também considerar a Holanda, onde não apenas o movimento sindical reformista era o mais seguro suporte do capitalismo imperialista, como também a chamada organização anarco-sindicalista estava na realidade sob o controle do governo imperialista. O secretário dessa organização, Sneevliet, apesar de sua simpatia platônica pela IV Internacional, estava muito preocupado, como deputado do parlamento holandês, em que a cólera do governo não caísse sobre sua organização sindical.

Nos Estados Unidos, o Departamento do Trabalho, com sua burocracia esquerdista, tinha como tarefa a subordinação do movimento sindical ao estado democrático, e é preciso dizer que até agora a realizou com êxito.

A nacionalização das estradas de ferro e dos campos petrolíferos no México não tem, certamente, nada a ver com o socialismo. É uma medida de capitalismo de estado, num país atrasado, que busca desse modo defender-se, por um lado do imperialismo estrangeiro e por outro de seu próprio proletariado. A administração das estradas de ferro, campos petrolíferos etc., sob controle das organizações operárias, não tem nada a ver com o controle operário da indústria, porque em última instância a administração se faz por meio da burocracia trabalhista, que é independente dos operários, mas que depende totalmente do estado burguês. Essa medida tem, por parte da classe dominante, o objetivo de disciplinar a classe operária fazendo-a trabalhar mais a serviço dos "interesses comuns" do Estado, que superficialmente parecem coincidir com os da própria classe operária. Na realidade, a tarefa da burguesia consiste em liquidar os sindicatos como organismos da luta de classes e substituí-los pela burocracia, como organismos de dominação dos operários pelo estado burguês. Em tais condições, a tarefa da vanguarda revolucionária consiste em empreender a luta pela total independência

dos sindicatos e pela criação de um verdadeiro controle operário sobre a atual burocracia sindical, que foi transformada em administração das estradas de ferro, das empresas petrolíferas e outras.

Os acontecimentos dos últimos tempos (antes da guerra) demonstraram muito claramente que o anarquismo, que em teoria não é mais que um liberalismo levado às últimas conseqüências, não era na prática mais que propaganda pacífica dentro da república democrática, cuja proteção necessitava. Se deixarmos de lado os atos de terrorismo individual etc., o anarquismo, como movimento de massa e de ação política, não exerceu mais que uma atividade propagandística sob a proteção da legalidade. Em situações de crise os anarquistas sempre fazem o contrário do que pregam em tempos de paz. Isso o próprio Marx já havia assinalado, referindo-se à Comuna de Paris. E se repetiu em muito maior escala na experiência da Revolução Espanhola.

Os sindicatos democráticos, no velho sentido do termo - de organismos no quadro dos quais lutavam no seio da mesma organização de massas, mais ou menos livremente, diferentes tendências -, já não podem mais existir. Do mesmo modo que não se pode voltar ao estado democrático burguês, tampouco é possível voltar à velha democracia operária. O destino de uma reflete o da outra. Na realidade, a independência de classe dos sindicatos quanto às suas relações com o Estado burguês somente pode garanti-la, nas condições atuais, uma direção revolucionária, isto é, a da IV Internacional. Naturalmente, essa direção deve e pode ser racional e assegurar aos sindicatos o máximo de democracia concebível sob as condições concretas atuais. Mas sem a direção política da IV Internacional a independência dos sindicatos é impossível.

Agosto-1940\* Fonte: Trotsky - escritos sobre sindicato. São Paulo, Kairós, 1ª edição, 1978.

#### NOTAS DOS EDITORES:

(1) Bonapartismo. Forma de dominação assumida pelo Estado burguês, definida pela primeira vez por Marx em O 18 Brumário de Luiz Bonaparte. As condições sociais para o surgimento do Estado bonapartista são: a) equilíbrio entre as várias forças sociais, em especial entre as diversas frações da burguesia, incapazes de exercer uma dominação hegemônica (crise de hegemonia); b) ascenso do movimento de massas, em contraste com a relativa desorganização política do proletariado; c) surgimento de uma classe-apoio, formada por algum estrato da pequena burguesia, que serve de base social para o poder de Estado, embora este continue atendendo aos interesses históricos da classe dominante; d) formação de um aparelho de Estado centralizado, burocrático e repressivo, sendo que o poder assume a forma de liderança carismática e personalizada na figura de um "Bonaparte", que surge, na aparência, como árbitro equidistante entre as várias classes. Apesar de o modelo estar baseado na situação política francesa de meados do século XIX, o bonapartismo reaparecerá, segundo Trotsky, com muita freqüência, após a I Guerra Mundial - já na fase imperialista - em vários países atrasados e semicoloniais, incluindo-se os da América Latina, onde assumirá formas nacionais específicas, com a presença de traços concretos do nacionalismo burguês.

(2) Ultimatista. O vício político de lançar bandeiras, programas e posições para as massas como se fossem ultimatum, ou seja, de forma peremptória, de "pegar

ou largar", sem considerar o nível de compreensão dos operários ou suas expectativas sobre o assunto.

(3) A Velha Federação e a Nova. A velha Federação Operária Americana (AFL, American Federation of Labor) e o recém-fundado Congresso de Organizações Industriais (CIO, Congress of Industrial Organizations).

Publicamos baixo também dois textos do terceiro Congresso da Internacional Comunista – 1 sobre as Cooperativas e outro sobre a Juventude.

## TESES SOBRE A AÇÃO DOS COMUNISTAS NAS COOPERATIVAS

- 1) À época da revolução proletária, as cooperativas revolucionárias devem ter dois objetivos: a) ajudar os trabalhadores em sua luta para a conquista do poder político; b) onde esse poder já estiver conquistado, ajudar os trabalhadores a organizar a sociedade socialista.
- 2) 2) As antigas cooperativas trilhavam a via do reformismo e evitavam por todos os meios a luta revolucionária sob todas as suas formas. Elas pregavam a idéia de uma entrada gradual no "socialismo", sem passar pela ditadura do proletariado.

As antigas cooperativas pregam a neutralidade política, ainda que, na realidade, escondam sob esta insígnia sua subordinação à política da burguesia imperialista.

Seu internacionalismo existe apenas nas palavras. Na verdade, elas substituem a solidariedade internacional dos trabalhadores pela colaboração da classe operária com a burguesia de cada país.

Por toda essa política, as antigas cooperativas, longe de concorrer para o desenvolvimento da revolução, entravam-na e, longe de ajudar o proletariado em sua luta, atrapalham-no.

- 3) As diversas formas de cooperativas não podem, em nenhum nível, servir aos objetivos revolucionários do proletariado. As mais convenientes para isso são as cooperativas de consumo. Mas, mesmo entre essas últimas, são muitas as que agrupam elementos burgueses. Essas cooperativas não estarão nunca ao lado dos operários em sua luta revolucionária. Só a cooperação operária nas cidades e no campo pode ter esse caráter.
- 4) 4) A tarefa dos comunistas no movimento cooperativo consiste no que segue: 1) propagar as idéias comunistas; 2) fazer da cooperação um instrumento de luta da classe pela revolução, sem destacar as diversas cooperativas de seu agrupamento central.

Em todas as cooperativas, os comunistas devem estar organizados em frações, propondo-se a formar em cada país um centro da cooperação comunista.

Esses agrupamentos e seu centro devem ter uma ligação estreita com o Partido Comunista e seus representantes na cooperativa. O centro deve, igualmente, elaborar os

princípios da tática comunista no movimento cooperativo nacional, dirigir e organizar esse movimento.

5) Os objetivos práticos que atualmente deve se propor à cooperação revolucionária do Ocidente surgirão ao longo do trabalho. Mas, desde agora, pode-se indicar, entre eles:

- a) propagar, por documentos e discursos, as idéias comunistas, levar uma campanha para livrar as cooperativas da direção e da influência da burguesia e dos oportunistas;
  - b) aproximar as cooperativas do Partidos Comunistas, dos sindicatos revolucionários. Fazer as cooperativas participarem da luta política, direta e indiretamente, tomando parte nas demonstrações e campanhas políticas do proletariado. Sustentar materialmente os Partidos Comunistas e sua imprensa. Sustentar materialmente os operários em greve ou vítimas de locaute;
  - e) combater a política imperialista da burguesia, em particular a intervenção dos negócios da Rússia Soviética e outros países;
  - d) criar relações não somente de pensamento, de organização, mas também de negócios, entre as cooperativas operárias dos diferentes países;
  - e) exigir a conclusão imediata dos tratados de comércio e reatamento de relações comerciais com a Rússia e as outras Repúblicas Soviéticas;
  - f) participar o mais amplamente possível nas trocas comerciais com essas Repúblicas;
  - g) participar da exploração das riquezas naturais das Repúblicas Soviéticas, encarregando-se de concessões sobre seu território.
- 6) Após o triunfo da revolução proletária, as cooperativas devem se desenvolver plenamente.

Desde já o exemplo da Rússia Soviética permite esboçar alguns traços característicos:

- a) as cooperativas de consumo deverão se encarregar da distribuição dos produtos, segundo os planos do governo proletário. Essa função dará às cooperativas um impulso inusitado até então;
- b) as cooperativas devem servir de laço orgânico entre as explorações isoladas dos pequenos produtores (camponeses e artesãos) e os serviços econômicos do Estado proletário. Esses últimos, por intermédio das cooperativas, dirigirão o trabalho de suas pequenas explorações de acordo com um plano conjunto. Em particular as cooperativas de consumo recolherão os gêneros alimentícios e as matérias-primas dos pequenos produtores para repassá-los aos consumidores e ao Estado;
- c) as cooperativas de produção podem agrupar pequenos produtores nas fábricas ou grande explorações comuns permitindo o uso de máquinas e procedimentos técnicos aperfeiçoados. Elas darão à pequena produção a base técnica que permitirá edificar sob esse fundamento a produção socialista, o que permitirá aos pequenos produtores se desembaraçarem de sua mentalidade individualista para desenvolver neles o espírito coletivista.

7) Levando em conta o papel imenso que as cooperativas devem desempenhar durante a revolução proletária, o Terceiro Congresso da Internacional Comunista lembra aos partidos, grupos e organizações comunistas, que eles devem continuar a trabalhar energicamente para propagar o ideal da cooperação, dos grupamentos de cooperativas em um instrumento da luta de classes, e formar um front único das cooperativas com os sindicatos revolucionários.

O Congresso encarrega o Comitê Executivo da Internacional de formar uma seção cooperativa encarregada de colocar em prática o programa acima indicado. Na medida das necessidades, essa seção deverá convocar conferências e congressos para realizar a missão revolucionária das cooperativas.

Resolução do III Congresso da Internacional Comunista sobre a Ação das Cooperativas

O III Congresso da Internacional encarrega o Comitê Executivo de criar uma seção cooperativa que deverá preparar, segundo as necessidades, a convocação de consultas,

conferências e congressos cooperativos internacionais, para realizar na Internacional os objetivos determinados nas teses.

A seção deverá, por outro lado, seguir os seguintes objetivos práticos:

- a) Reforçar atividade cooperativa dos trabalhadores do campo e da indústria, constituindo cooperativas de artesãos semiproletários, levando os trabalhadores a procurarem a direção e a melhoria em comum de sua exploração;
- b) Levar a luta pela remessa às cooperativas da repartição de víveres e objetos de consumo em todo o país;
- c) Levar a propaganda dos princípios e dos métodos da cooperação revolucionária e dirigir a atividade da cooperação proletária para o apoio material da classe operária combatente;
- d) Favorecer o estabelecimento de relações comerciais e financeiras internacionais entre cooperativas operárias e organizar sua produção comum.

## RESOLUÇÃO SOBRE A INTERNACIONAL COMUNISTA E O MOVIMENTO DA JUVENTUDE COMUNISTA

1. O movimento da juventude socialista nasceu sob a pressão da exploração capitalista da juventude trabalhadora e do sistema ilimitado do militarismo burguês. Ele nasceu como reação às tentativas de envenenamento da juventude trabalhadora pelas idéias burguesas nacionalistas e contra a negligência e o esquecimento pelo qual se tornaram culpados o partido social-democrata e os sindicatos na maioria dos países diante das exigências econômicas, políticas e espirituais da juventude.

Em quase todos os países, as organizações da juventude socialista foram criadas sem a participação dos partidos social-democratas e dos sindicatos, que se tornaram cada vez mais oportunistas e reformistas, e em alguns países essas organizações se formaram mesmo contra a vontade desses partidos e sindicatos. Esses viram como um grande perigo o aparecimento das juventudes socialistas revolucionárias independentes e tentaram reprimir esse movimento mudando-lhe o caráter e impondo-lhe sua política, exercendo sobre ele uma tutela burocrática e tentando privá-lo de sua independência.

2. De outro lado, a guerra imperialista e a atitude tomada na maior parte dos países pelos partidos social-democratas veio a aumentar o abismo entre os partidos social-democratas e as juventudes internacionais e revolucionárias e acelerar o conflito. A situação da juventude trabalhadora piorou durante a guerra por causa da mobilização, da exploração reforçada nas indústrias militares e por causa da militarização no front. A melhor parte da juventude socialista tomou posição resoluta contra a guerra e o nacionalismo, se separou do partidos social-democratas e começou uma ação política própria (Conferências Internacionais da Juventude em Berna, em 1915, em Léna em 1916).

Em seu combate contra a guerra, os melhores grupos revolucionários dos operários adultos sustentaram as juventudes socialistas que se tornaram um ponto de concentração das forças revolucionárias. Elas assumiram assim as funções dos partidos revolucionários que faltavam. Elas se tornaram a vanguarda no combate revolucionário e tomaram a forma de organizações políticas independentes.

3. Com o aparecimento da Internacional Comunista e de Partidos Comunistas nos diferentes países, o papel das juventudes revolucionárias em todo o movimento do proletariado se modificou. Por sua situação econômica, e graças a traços psicológicos particulares, a juventude operária é mais acessível aos ideais comunistas e apresenta um entusiasmo revolucionário maior que seus irmãos mais velhos, os operários. Todavia, são os Partidos Comunistas que assumem o papel de vanguarda que era desempenhado pelos jovens no que se refere à ação política independente e à direção política. Se a organização das juventudes comunista continuassem a existir como organizações independentes do ponto de vista político e



desempenhando um papel dirigente, teríamos dois partidos comunistas concorrentes que se distinguiriam entre si apenas pela idade de seus membros.

4. O papel atual da juventude consiste em que ela deve reunir os jovens operários, educá-los no espírito comunista para as primeiras filas da batalha comunista. Passou o tempo em que a juventude poderia se limitar a um bom trabalho de pequenos grupos de propaganda, compostos de poucos membros. Existe hoje, além da agitação e da propaganda, levadas com perseverança e com novos métodos, um meio de conquistar as amplas massas de jovens operários; trata-se de provocar e dirigir os combates econômicos.

As organizações da juventude devem alargar e reforçar o trabalho de educação não se conformando com sua nova missão. O princípio fundamental da educação comunista no movimento da juventude consiste na participação ativa em todas as lutas revolucionárias, participação que deve estar estreitamente ligada à escola marxista.

Um outro dever importante das juventudes à época atual é destruir a ideologia centrista e social-patriota entre a juventude operária e desembaraçá-la dos tutores e chefes social-democratas. Ao mesmo tempo, elas devem fazer tudo para ativar o processo de rejuvenescimento resultante do movimento de massas, delegando-o rapidamente, nos Partidos Comunistas, aos seus membros mais velhos.

A grande diferença fundamental que existe entre as juventudes comunistas e as juventudes centristas e social-patriotas se torna aparente pela participação ativa em todos os problemas da vida política e nos combates e ações revolucionárias, e também pela colaboração na construção dos Partidos Comunistas.

5. As relações entre as juventudes e os Partidos Comunistas diferem radicalmente daquelas que existem entre as organizações da juventude revolucionária e os partidos social-democratas. A maior uniformidade e a centralização mais estrita são necessárias na luta comum pela realização rápida da revolução proletária. A direção política não pode pertencer senão à Internacional. É dever das organizações da juventude comunista se subordinar a esta direção política, ao programa, à tática e às diretrizes e se incorporar ao front revolucionário comum. Dados os diferentes níveis de desenvolvimento revolucionário dos Partidos Comunistas, é necessário que em casos excepcionais a aplicação desse princípio esteja subordinada a uma decisão especial do Comitê Executivo da Internacional Comunista e da Internacional da Juventude, levando em conta as condições particulares. As juventudes comunistas, que começaram a organizar suas fileiras segundo as regras da centralização mais estrita, deverão se submeter à disciplina de ferro da Internacional Comunista. As juventudes devem se ocupar de todas as questões políticas e táticas nas organizações, tomando posição e no interior dos Partidos Comunistas de seu país, devem sempre agir, não contra esses partidos, mas no sentido das decisões tomadas por eles. Em caso de graves dissensões entre os Partidos Comunistas e as juventudes, elas devem fazer valer seu direito de apelação ao Comitê Executivo da Internacional Comunista. O abandono de sua independência política não significa a abnegação total de sua independência orgânica, que é preciso conservar por razões de educação.

Como para uma perfeita direção da luta revolucionária é necessário o máximo de centralização e unidade, nos países onde a evolução histórica colocou a juventude na dependência do partido, essas relações devem ser mantidas a título de regra; as divergências entre os dois órgãos são resolvidas pelo Comitê Executivo da Internacional Comunista da Juventude.

- Assim como no passado hoje, com o avolumar da crise de superprodução a burguesia faz coro com o anarquismo (corrente política estranha e daninha ao movimento revolucionário). Diante da crise e barbárie, a juventude esta totalmente sem perspectiva, a revolta é o que existe, tendência a negar tudo, de rebelar contra tudo e todos, neste particular, encontram nas tendências anarquistas

de negar tudo inclusive e principalmente a organização política e a construção do Partido Revolucionário um apoio e lavar de alma. Negar a construção do Partido Revolucionário, único capaz de armar a militância e o movimento com programa, de tornar possível uma política independente com relação a burguesia, idéias capaz de contrapor aos aparatos burgueses e toda superestrutura, capaz de, com o programa e a luta independente transformar a classe em si em classe para si, se qualificando para por abaixo e regime burguês. A burguesia bate palma e abre caminho para esta corrente política, que auxiliam na corrupção e degeneração da juventude, sabem os burgueses que sem partido revolucionário, sem teoria revolucionária não haverá movimento revolucionário.

- À Juventude está colocado o grandioso papel de romper as amarras da crise de superprodução e atraso político. Se formar nos clássicos do Marxismo e na tarefa histórica de construção do partido Revolucionário, se fundir com as massas operárias, transformando-se em revolucionários, em verdadeiros Marxistas no seio das massas em luta.

## A questão Agrária

A estrutura agrária brasileira, atualmente reflete uma posição bastante clara: grande concentração da propriedade rural, ocupação de vastas glebas nas regiões menos habitadas por grupos de capital estrangeiros. Já as terras aproveitáveis (a área aproveitável total é de cerca de 371 milhões de hectares, sendo que destas 273 milhões estão nas mãos de latifundiários, sobrando 86 milhões inexplorados. Em decorrência disso, temos ociosidade de terra agricultáveis (na maioria das vezes por motivos de especulação) conflitos de terras entre posseiros, grileiros, atingindo um grau de violência muito elevado, pobreza, miséria no meio rural e por fim, o êxodo rural e subemprego, deslocando o problema social daí decorrente para as cidades (contradição cidade x campo).

O Brasil assim como o desenvolvimento clássico do capitalismo se deu o fenômeno da contradição entre cidade e campo. Grandes somas de trabalhadores a partir da década de 60 se dirigiram para as grandes cidades atendendo o chamado por intermédios dos meios de comunicações burgueses em prol de mão de obra barata e de implementação do exercito de reserva (de desempregados) e por parte dos camponeses pobres, as péssimas condições de trabalho e de sobrevivência e a busca de melhores condições de vida nas grandes cidades. Um deslocamento desigual, porem combinado com as necessidades de mão de obra barata para as multinacionais.

Vejamos alguns dados da concentração de terras e a presença imperialista no campo brasileiro.

Apenas 1% dos 4,8 milhões de estabelecimentos controlam quase a metade de todas as terras legalizadas no Brasil. Ou seja, 40 mil grandes proprietários controlam mais de 400 milhões de hectares. E esta concentração vem aumentando. De 1966 a 1992, as propriedades com menos de cem hectares diminuíram em 15% enquanto que, no mesmo período, as propriedades com mais de mil hectares aumentaram 55%.

Segundo os levantamentos da própria ONU, o Brasil é o segundo país do mundo com maior concentração de propriedade de terra, só perde para o Paraguai. O índice Gini no Paraguai é de 0,880; no Brasil é de 0,856. Este índice mede estatisticamente o grau de concentração da propriedade da terra.

Dezoito grandes grupos industriais como a Votorantim, Belgo-Mineira e Mannesmann detêm quase 11 milhões de hectares, mas utilizam produtivamente menos de 2 milhões de hectares. Os 15 maiores grupos financeiros, entre os quais o Bradesco, Itaú, Real, Safra e

Bozano Simonsen são donos de quase 5 milhões de hectares. E 13 grupos agropecuários como a Cotriguaçu, a Ingeco, Moraes Madeireira, Madeireira São João, Madeirex, Cebrin e outros dominam mais de seis milhões de hectares, dos quais utilizam menos de um milhão.

No total, esses 46 grupos são proprietários de 22 milhões de hectares, dos quais apenas 3,7 milhões são efetivamente ocupados. Além disso, dados do Incra/IBGE estimam que cerca de 30 milhões de hectares pertencem às empresas estrangeiras no país.

População 166,1 milhões (estimativa 2000)

População urbana 78%. Expectativa de vida 64,3 anos

Na fase imperialista do capitalismo as reformas democráticas como a reforma agrária passou a ser tarefa da aliança operária camponesa e da revolução agrária (Proletária, Ditadura do Proletariado). Sem a revolução proletária a reforma que é possível é as demagogias que fizeram a própria Ditadura Militar, Sarney, FHC e que também esta fazendo Lula, distribuir lotes das chamadas terras improdutivas, mesmo assim sem as mínimas condições de trabalho e cultivo. Sem mexer com os grandes latifúndios da grande burguesia rural e com os latifúndios em mãos das empresas imperialistas.

A política imperialista para os países coloniais e semicoloniais como o Brasil se dá, com o imperialismo se apoiando nos setores atrasados da nossa burguesia (oligarquia agrária) e hora no setor avançado na maioria das vezes impondo aliança entre as partes e às vezes jogando um setor contra o outro de forma que o império funciona como se fosse um árbitro de nossa economia e desenvolvimento.

## A necessidade do Partido Revolucionário

A luta de classes é dinâmica e dialética

O paciente está enfermo, definhando, agonizando, ao respirar introduz mais violência, guerra, morte, desemprego, fome e miséria. Não morre, e ainda confunde muita gente, como se estivesse na juventude de sua forma. Por quê?

A estrutura, base material desta sociedade caduca produziu e ainda produz uma superestrutura que alimenta os velhos de desânimo e da impossibilidade de mudança, corrompem os operários e os lutadores, os embebedam com a passividade religiosa e os conceitos da democracia burguesa, desorientam os jovens, corrompendo-os com consumismo, drogas, necessidades, fome e violência. Esta estrutura criou à sua imagem e semelhança uma superestrutura com todos os tipos de instrumentos: os parlamentos, as leis, as igrejas, os ensinamentos nas escolas oficiais, os meios de comunicações nas mãos da classe dominante, centenas de partidos burgueses que dão sustentáculo à permanência no poder desta classe de capitalistas e burgueses com seu regime de exploração. Os explorados, o operariado em geral, ainda não foram capazes de construir uma ferramenta em escala nacional e internacional, uma superestrutura capaz de concorrer com as idéias burguesas, desmascará-las, orientando as massas oprimidas, velhos, moços e jovens no sentido da necessidade e dos métodos de por abaixo o sistema de exploração capitalista e sua propriedade privada dos meios de produção. Esta superestrutura capaz de produzir idéias de classe, que vá de encontro ao conjunto dos oprimidos, é a construção do Partido Revolucionário Internacionalista e Marxista, que por causa deste fenômeno, os trabalhadores desenvolvem a luta instintiva e defensiva sem, no entanto, colocar na ordem do dia a necessidade de por fim ao sistema pelo processo revolucionário.

## O PARTIDO OPERÁRIO:

O surpreendente é a existência de numerosos partidos que se reivindicam da classe operária e até da revolução a ponto de tornar impossível, para muitos, reconhecer qual deles afinal é o verdadeiramente revolucionário.

Os partidos expressam seus objetivos no seu programa, que é o documento fundamental, que condiciona sua conduta diária e sua forma organizativa. Não é raro chocar-se com grupos que se auto-intitulam partidos e que, no entanto, não têm programa, limitam-se a fazer declarações vagas. Estes grupos acabam, geralmente, na aventura. O partido revolucionário é aquele que em seu programa expressa os objetivos históricos do proletariado (destruição do capitalismo, da propriedade burguesa privada e estruturação da ditadura do proletariado) e não unicamente os imediatos (melhores condições de vida e de trabalho), coisa que inclusive os partidos burgueses podem fazer. Pode haver muitos outros partidos formados nos meios operários, mas que não são revolucionários, que se apóiam nos setores atrasados das massas, que expressam interesses puramente econômicos (coisa que os partidos burgueses também podem fazer) que transmitem a ideologia de outras classes sociais.

O partido operário é a vanguarda revolucionária da classe e agrupa os elementos mais avançados, mais valentes, mais sacrificados, mais inteligentes. Atua como Estado Maior dos explorados.

A Construção do Partido é a construção do Programa e a construção do partido e do programa é a construção dialética do militante (quadro). Na fusão da teoria e da prática. Este ponto da transformação do militante inicial em um revolucionário, forjado na teoria e na prática entre as massas é exatamente o empecilho que tem travancado a construção dos Partidos Revolucionários no mundo inteiro. Geralmente os iniciantes desta construção vêm da pequena burguesia, estudantes, professores e intelectuais. Constituem agrupamentos chamados partidos operários ou revolucionários mas são incapazes de dialogar com o operariado. Não contam em suas fileiras com sequer um operário. Então a fusão da teoria e da prática não se completa, ao contrário se dá o seu inverso e a ausência da inter-relação com a classe instintivamente comunista (operariado moderno) faz com que os pontos principistas inicialmente defendidos sejam abandonados e a democracia formal então se encarrega de

destruir toda conduta socialista, vacilam de um lado para o outro, torna-se partido com uma política centrista até atingir um alto grau de burocratização que os leva finalmente para o colo da burguesia.

]Para ser militante do partido operário deve-se preencher três requisitos:

A – conhecer e estar de acordo com seu programa;

B – pertencer a uma de suas células (só assim pode participar da atividade política interna e ser controlado e orientado pela organização);

C – Contribuir com o financiamento das atividades partidárias por meio do pagamento pontual das cotizações.

O partido operário, diferentemente do sindicato, agrupa unicamente a uma minoria dos proletários que estão de acordo com seus objetivos, não é à toa que é sua vanguarda. Estes elementos são selecionados pela compreensão do programa e pelas provas de fidelidade aos princípios e à organização partidária. No entanto, é de interesse do partido contar com um considerável número de militantes que permita penetrar nas massas.

O núcleo fundamental do partido é a célula por fábrica, que é formada por militantes de um determinado lugar de trabalho.

Junto a estas células se encontram as células de rua, de bairro, de colégios, etc.

A norma organizativa básica do partido operário é o centralismo democrático, que não tem aplicação no campo sindical. Deve observar-se a mais ampla democracia interna, o direito de discussão de todos os problemas e divergências com a direção, o que permite fixar a linha político-partidária, em última instância, pela militância de base, mas, o partido operário não é um clube de discussão e, sim, ao contrário, uma organização principalmente executiva. Está imposta, pois, a necessidade de que na atuação exterior se observe uma granítica unidade e se leve até as massas uma única linha política. A ampla democracia existe para tornar possível e eficaz a atuação unitária no exterior (como partido programa), nisto consiste o centralismo democrático. Tal norma organizativa seria inconcebível se não se conseguisse que os setores minoritários, divergentes com a direção, se



submetessem às decisões da maioria. A discussão interna acaba com as reuniões nacionais em que os problemas em disputa são submetidos ao voto dos delegados das organizações de base.

O partido operário, diferentemente do sindicato, é uma organização ideologicamente homogênea, porque para ingressar nele é preciso estar de acordo com o seu programa, com seus estatutos e com as resoluções de seus congressos e reuniões nacionais.

O partido operário enquadra parte de suas atividades dentro das normas da clandestinidade, isto inclusive dentro do país mais democrático do mundo. Não se trata de jogar todos na clandestinidade, e sim de uma norma surgida da evidência de que o partido operário procura destruir o regime imperante. Certos aspectos da propaganda, das comunicações, devem desenvolver-se longe da observação dos organismos de repressão do Estado burguês. Em outros países, onde as manifestações do pensamento proletário são perseguidas, toda a atividade partidária é clandestina; entretanto, devem ser esgotados todos os recursos para aproveitar qualquer oportunidade de legalidade. Pode-se dizer que o partido operário combina as atividades legais e clandestinas.

## TESES SOBRE A ESTRUTURA, OS MÉTODOS E A AÇÃO DOS PARTIDOS COMUNISTAS

3.º Congresso da III Terceira Internacional

### 1. Generalidades

1. A organização do Partido deve se adaptar às condições e aos objetivos de sua atividade. O Partido Comunista deve ser a vanguarda, o exército dirigente do proletariado, durante todas as fases de sua luta de classes revolucionária, e durante o período de transição em direção à realização do socialismo, primeiro degrau da sociedade comunista.

2. Não pode haver nele uma forma de organização imutável e absolutamente conveniente para todos os partidos comunistas. As condições da luta proletária se transformam constantemente e, conforme essas transformações, as organizações da vanguarda do proletariado devem também procurar constantemente formas novas e adequadas. As particularidades históricas de cada país determinam também formas especiais de organização para os diferentes países.

Sobre esta base deve se desenvolver a organização dos Partidos Comunistas e não tender à formação de algum novo partido modelo no lugar daquele já existente ou procurar uma forma de organização absolutamente correta ou com estatutos ideais.

3. A maioria dos Partidos Comunistas, assim como a Internacional Comunista e o conjunto do proletariado revolucionário do mundo inteiro, concordam, nas condições de sua luta, que

devem lutar contra a burguesia dominante. A vitória sobre ela, a conquista do poder arrancado à burguesia, constitui para esses partidos e para sua Internacional o objetivo principal.

O essencial portanto, para o trabalho de organização dos Partidos Comunistas nos países capitalistas, é definir uma organização que torne possível a vitória da revolução proletária sobre as classes possuidoras e que a assegure.

4. Nas ações comuns, é indispensável para o sucesso ter uma direção, isto é necessário sobretudo em função dos grandes combates da história mundial. A organização de Partidos Comunistas é a organização da direção comunista da revolução proletária.

Para bem guiar as massas, o Partido tem necessidade de uma boa direção. A tarefa essencial de organização que se impõe a nós é a seguinte: formação, organização e educação de um Partido Comunista puro e realmente dirigente para guiar o movimento revolucionário proletário.

5. A direção da luta social-revolucionária supõe, nos Partidos Comunistas e em seus órgãos dirigentes, a combinação do maior poder de ataque e da mais perfeita adaptação às condições cambiantes da luta.

Uma boa direção supõe, além do mais, a ligação da maneira mais absoluta e mais estreita com as massas proletárias. Sem essa Ligação, o Comitê diretor não guiará jamais as massas, só poderá, no melhor dos casos, segui-las.

Essas relações orgânicas devem ser obtidas nas organizações do Partido Comunista pelo centralismo democrático.

## 2. O Centralismo Democrático

6. O centralismo democrático na organização do Partido Comunista deve ser uma verdadeira síntese, uma fusão da centralização e da democracia operária. Essa fusão só pode ser obtida por uma atividade comum permanente, por uma luta igualmente comum e permanente do conjunto do Partido.

A centralização no Partido Comunista não deve ser formal e mecânica; deve ser uma centralização da atividade comunista; isto é, a formação de uma direção poderosa, pronta para o ataque e ao mesmo tempo capaz de adaptação.

Uma centralização formal ou mecânica será apenas a centralização do "poder" nas mãos de uma burocracia para dominar os outros membros do partido ou as massas do proletariado revolucionário exteriores ao partido. Mas só os inimigos do comunismo podem pretender que, por essas funções de direção da luta proletária e pela centralização dessa direção, o Partido Comunista queira dominar o proletariado revolucionário. Isso é uma mentira e, além do mais, no interior do Partido a luta pela dominação ou um antagonismo de autoridades é incompatível com os princípios adotados pela Internacional Comunista relativamente ao centralismo democrático.

Nas organizações do velho movimento operário não-revolucionário, se desenvolveu um dualismo da mesma natureza que nas organizações do Estado burguês. Falamos do dualismo entre a burocracia e o "povo". Sob a influência burguesa, as funções se isolaram e a comunidade do trabalho foi substituída por uma democracia puramente formal, e a própria organização se dividiu em funcionários ativos e numa massa passiva. O movimento operário revolucionário herda do meio burguês, até um certo ponto, inevitavelmente, esta tendência ao formalismo e ao dualismo.

O Partido Comunista deve superar radicalmente esses antagonismos por um trabalho sistemático, político e de organização pelas melhorias e revisões repetidas.

7. Um grande Partido Socialista, transformando-se em Partido Comunista, não deve se limitar a concentrar em sua direção central a função de autoridade, deixando subsistir para o resto o antigo estado de coisas. Se a centralização não deve ser letra morta, mas se transformar em fato real é necessário que sua realização se cumpra de maneira que ela seja, para os membros do partido, um reforço e um desenvolvimento, realmente justificados, de sua atividade e de sua combatividade comum. De outro modo, ele aparecerá para as massas como simples burocratização do Partido e provocará assim uma oposição a toda centralização, toda direção e toda disciplina estrita. O anarquismo é antípoda do burocratismo.

Uma democracia puramente formal no Partido não pode descartar nem as tendências burocráticas, nem as tendências anárquicas, pois é precisamente sobre a base desta democracia que a anarquia e a burocracia se desenvolveram no movimento operário. Por esta razão, a centralização, isto é, o esforço para obter uma direção forte, não pode ter sucesso se se tentar obtê-la no terreno da democracia formal. É então indispensável, antes de tudo, desenvolver e manter contato vivo e relações mútuas entre o Partido e as massas do proletariado que lhe pertencem (grifo nosso).

- **A defesa do Centralismo democrático significa a defesa do programa no sentido de transformá-lo em ação destas. O centralismo democrático é o instrumento de construção programática, bem como sua negação na construção do Partido Revolucionário ou de esquerda como quer os radicais Petistas, significa a construção do partido policlassista (burguês) ou na melhor das hipóteses pequeno burguês, sem programa ou melhor: acabam chamando de programa pontos conjunturais, fogem como o diabo (se é que existe), dos objetivos históricos da classe operária e do movimento revolucionário Internacional.**
- **O Centralismo Democrático é a síntese da aplicação da Democracia operária no interior do Partido, sem este se dá a vigência da democracia forma e assim o princípio da propriedade privada. Socialismo! Há que Socialismo!**

### 3. O Dever do Trabalho dos Comunistas

8. O Partido Comunista deve ser uma escola de trabalho do marxismo revolucionário. É pelo trabalho cotidiano comum nas organizações do Partido que se estreitarão os laços entre os diferentes grupos e os diferentes membros.

Nos Partidos Comunistas legais, falta ainda hoje a participação regular da maioria dos membros no trabalho político cotidiano. É o seu maior defeito e a causa de uma incerteza perpétua de seu desenvolvimento.

9. O perigo que sempre ameaça um Partido operário que ensaia seus primeiros passos em direção à transformação comunista é o de se contentar com a aceitação de um programa comunista e substituir sua propaganda e sua doutrina precedente por aquela do comunismo e de somente substituir os funcionários hostis a esta doutrina. Mas a adoção de um programa comunista é apenas a vontade de ser comunista. Se a isso não se acrescentarem ações comunistas e se, na organização do trabalho político, a passividade da massa dos membros for mantida, o Partido não cumprirá a mínima parte do que promete ao proletariado pela aceitação de um programa comunista. A primeira condição de uma realização séria desse programa é, pois, o exercício de todos os membros no trabalho cotidiano permanente.

A arte da organização comunista consiste em utilizar tudo e todos na luta proletária de classes, em repartir racionalmente entre todos os membros do Partido o trabalho político e, por seu intermédio, levar as grandes massas do proletariado ao movimento revolucionário, a manter firmemente em suas mãos a direção do conjunto do movimento, não pela força do poder, mas pela força da autoridade, isto é, aquela da energia, da experiência, da capacidade e da tolerância.

10. Todo Partido Comunista deve, então, em seus esforços para ter apenas membros verdadeiramente ativos, exigir de cada um dos que figuram em suas fileiras que coloque à disposição de seu partido sua força e seu tempo, na medida em que possa dispor, nas circunstâncias dadas, e sempre consagrar ao partido o melhor de si. Para ser membro do Partido Comunista, é necessário, de maneira geral, além da convicção comunista, cumprir também as formalidades da inscrição, primeiro como candidato e, em seguida, como membro. É necessário pagar regularmente as cotizações estabelecidas, a assinatura do jornal do Partido etc. Mas o mais importante é a participação de cada um no trabalho político cotidiano.

11. Todo membro do Partido deve, de maneira geral, em vista do trabalho político cotidiano, ser incorporado num pequeno grupo de trabalho: num comitê, numa comissão, grupo de estudos, fração ou núcleo. Apenas dessa maneira o trabalho político pode ser repartido, dirigido e cumprido regularmente.

Não é preciso dizer que é necessário participar das reuniões gerais das organizações locais. É mau, nas condições legais, procurar substituir essas reuniões periódicas por representações locais; é preciso, ao contrário, que todos os membros sejam obrigados a assistir regularmente a essas reuniões. Mas isso não é suficiente. A preparação regular dessas reuniões impõe um trabalho feito em pequenos grupos ou por camaradas especialmente encarregados, assim como a preparação da utilização eficaz das reuniões gerais dos operários, manifestações e ações de massas do proletariado. As tarefas múltiplas desta atividade só podem ser tentadas e realizadas com intensidade por pequenos grupos. Sem esse trabalho constante, ainda que medíocre, do conjunto dos membros, repartido entre os pequenos grupos operários, os esforços mais zelosos na luta de classes do proletariado só

podem tornar vãs todas as tentativas para influenciar essas lutas; elas não podem levar à concentração necessária de todas as forças revolucionárias num Partido Comunista unido e capaz de agir.

12. É preciso fundar núcleos comunistas para o trabalho cotidiano nos diferentes domínios da atividade política do Partido: para a agitação a domicílio, para os estudos do Partido, para o serviço de imprensa, distribuição de literatura, serviços dos novos, contatos etc.

Os núcleos comunistas são grupos para o trabalho comunista cotidiano nas empresas, fábricas, sindicatos, associações proletárias, unidades militares etc., em todos os lugares onde há alguns membros ou candidatos ao Partido Comunista. Se houver vários deles numa mesma empresa ou sindicato, o núcleo se tornará uma fração cujo trabalho será dirigido pelo grupo do núcleo.

Se for preciso formar primeiramente uma fração mais vasta e de oposição geral, ou se for preciso simplesmente fazer parte de uma organização já existente, os comunistas deverão se esforçar para obter a direção para seu núcleo.

A fundação de um núcleo comunista e a ação pública na qualidade de comunista estão subordinadas à observação escrupulosa e à análise dos perigos e vantagens que apresenta a situação particular em foco.

13. É uma tarefa especialmente difícil para um Partido de massas comunista estabelecer o dever geral do trabalho no Partido e a organização desses pequenos grupos de trabalho. E certamente essa tarefa não será cumprida numa noite, pois ela exige perseverança infatigável, reflexão madura e muita energia.

O que é particularmente importante é que esta organização seja feita desde o início com a maior atenção e após madura reflexão. Será fácil repartir o trabalho em cada organização se todos os membros seguirem um esquema formal em pequenos núcleos e convidar esses núcleos a atuarem na vida cotidiana do Partido. Um tal início será pior do que a inação. Provocará logo a desconfiança e o afastamento dos membros do Partido contra essa importante transformação.

É necessário recomendar que os dirigentes do Partido elaborem, após consulta aprofundada com os organizadores assíduos, as primeiras linhas diretrizes dessa transformação. Os organizadores devem ser ao mesmo tempo comunistas absolutamente convencidos e zelosos e estar extremamente esclarecidos sobre a situação do movimento nos principais centros do país. Após, os organizadores ou os comitês de organização, que receberem as instruções necessárias, devem se dedicar a preparar regularmente o trabalho no próprio local, devem escolher e designar os chefes de grupos e tomar as primeiras medidas para essa transformação. Em seguida, deve-se colocar as tarefas definidas e concretas para as organizações, os grupos de operários, núcleos e os diferentes membros. Isso deve ser feito de tal maneira que essas tarefas apareçam para eles como úteis, desejáveis e práticas. Se necessário, pode-se mostrar com exemplos práticos como se executam as tarefas. Assim procedendo, eles compreenderão contra quais erros deverão se guardar de maneira especial.

14. É necessário realizar esse novo modo de organização, passo a passo, na vida. Eis porque não é necessário fundar muitos núcleos novos ou grupos de operários nas organizações locais. Em primeiro lugar, é preciso se assegurar, com base nos resultados de



uma incursão prática, que os núcleos formados nas diferentes usinas e fábricas mais importantes funcionam regularmente e que os grupos operários indispensáveis sejam criados nos outros domínios da atividade do Partido e que eles se consolidem em certo nível (por exemplo, no serviço de informação, de ligação, na agitação a domicílio, movimento de mulheres, distribuição de panfletos, imprensa, movimento dos desempregados etc.). Em todo caso, não se pode destruir o quadro da antiga organização antes que a nova esteja estabelecida.

Mas durante todo esse trabalho a tarefa fundamental de organização comunista deve ser conduzida da forma mais enérgica possível em todos os lugares. Isso exige grandes esforços não apenas da parte das organizações ilegais. Até que ela seja realidade, até que haja uma vasta rede de núcleos, frações e grupos operários em todos os pontos vitais da luta de classe proletária, até que cada membro do partido poderoso e consciente de seus objetivos tome parte no trabalho revolucionário cotidiano e que este ato de participação seja para os membros uma questão de hábito natural, até esse momento, o partido não deve permitir nenhum descanso nesses esforços para a execução dessa tarefa.

15. Esta tarefa fundamental de organização obriga os órgãos dirigentes a guiar continuamente e a influenciar sistematicamente o trabalho do Partido e fazê-lo de uma forma completa e sem intermediários. Resulta daí, para os camaradas que estão à frente das organizações do partido, a obrigação de empreender os trabalhos mais diversos. O órgão central dirigente do Partido Comunista deve não somente velar para que todos os camaradas estejam ocupados, mas também deve ir em sua ajuda, dirigir seu trabalho, segundo um plano ordenado e com conhecimento prático, orientando-os no caminho correto em todas as condições e circunstâncias especiais. Em sua própria atividade, o centro deve igualmente se esforçar para encontrar os erros cometidos e, baseando-se na experiência adquirida, procurar sempre melhorar seus métodos de trabalho, não perdendo de vista o objetivo da luta.

16. Nosso trabalho político geral é a luta prática ou teórica ou a preparação dessa luta. A especialização desse trabalho foi muito deficiente até o presente. Há domínios muito importantes sobre os quais o Partido até agora fez apenas esforços acidentais, por exemplo, quase nada foi feito pelos Partidos legais contra a polícia política. A instrução dos camaradas do Partido se faz, de modo geral, de maneira acidental e secundária e de uma maneira superficial, de tal modo que a maior parte das decisões mais importantes do Partido, assim como o programa e as resoluções da Internacional Comunista são desconhecidos das grandes camadas dos membros do Partido. O trabalho de instrução deve ser ordenado e aprofundado sem cessar por todo o Sistema das organizações do Partido, todos os grupos de trabalho, a fim de obter por esses esforços sistemáticos um nível cada vez mais elevado de especialização.

17. A prestação de contas é um dever dos mais indispensáveis para as organizações comunistas. Ela se impõe também a todas as organizações e órgãos do Partido, assim como a cada membro individualmente. A prestação de contas deve ser feita regularmente. Nessas ocasiões, é preciso fazer relatórios sobre o cumprimento de missões especiais confiadas pelo Partido. É importante fazer essas prestações de contas de forma sistemática, a ponto de esse procedimento se enraizar no movimento comunista como uma de suas melhores tradições.

18. O Partido deve fazer regularmente um relatório à direção da Internacional Comunista. As diferentes organizações do partido devem fazer seu relatório ao Comitê imediatamente superior (por exemplo, relatório mensal da organização local ao respectivo Comitê do Partido).

Cada núcleo, fração e grupo aberto deve fazer um relatório ao órgão do Partido sob cuja direção efetiva se encontra. Os membros individualmente, que publicam um semanário, no núcleo ou no grupo de trabalho ( e mesmo a seu superior hierárquico) ao qual ele pertence, relativamente ao cumprimento de missões especiais, devem endereçar seu relatório a quem o encarregou da tarefa.

Este tipo de prestação de contas deve acontecer na primeira oportunidade, oralmente se o Partido ou o mandante não exigirem relatório escrito. Os relatórios devem ser concisos e conter os fatos. O órgão que o recebe assume a responsabilidade de sua conservação e seu conteúdo só será publicado se não houver perigo. Ele é igualmente responsável pela comunicação dos relatórios importantes ao órgão dirigente do Partido sem devolução.

19. Não é necessário dizer que esses relatórios do Partido não se devem limitar a dar conhecimento do que o relator fez, mas também conter comunicações a respeito das circunstâncias observadas durante sua atividade e que possam ser importantes para nossa luta. Devem mencionar particularmente as observações que possam ocasionar uma mudança ou melhoria de nossa tática futura. É necessário também propor neles as melhorias e as necessidades que se fizerem sentir no decorrer da atividade.

Em todos os núcleos, frações e grupos de trabalho comunistas, os relatórios recebidos por essas organizações ou a serem feitos por elas devem se tornar um hábito.

Nos núcleos e grupos de trabalho, deve-se velar para que os membros individualmente ou os grupos recebam regularmente a missão especial de observar e relatar o que acontece nas organizações do adversário e particularmente nas organizações operárias pequeno-burguesas e nos Partidos "Socialistas".

#### 4. Propaganda e Agitação

20. Nossa tarefa mais importante antes do levante revolucionário declarado é a propaganda e a agitação revolucionária. Esta atividade e sua organização é conduzida frequentemente ainda da antiga maneira formalista. Em manifestações ocasionais, reuniões de massas e sem cuidado com o conteúdo revolucionário concreto dos discursos e panfletos.

A propaganda e a agitação comunista deve, antes de tudo, se enraizar nos meios mais profundos do proletariado. Elas devem ser engendradas pela vida concreta dos operários, seus interesses comuns, particularmente por suas lutas e esforços.

O que dá mais força à propaganda comunista é seu conteúdo revolucionário. De acordo com esse ponto de vista, é preciso considerar sempre o mais atentamente possível as palavras de ordem e a atitude a tomar nas questões concretas em situações diversas. A fim de que o Partido possa tomar sempre uma posição justa, é necessário dar um curso de instrução prolongada não somente aos propagandistas e agitadores, ministrado por profissionais, mas também aos outros membros.

21. As principais formas de propaganda e agitação são: conversas pessoais, participação nos combates dos movimentos operários - sindicais e políticos, ação pela imprensa e a literatura do partido. Cada membro de um Partido legal ou ilegal deve, de uma ou de outra forma, participar regularmente dessa atividade.

A propaganda pessoal verbal deve ser conduzida em primeiro lugar à maneira de agitação a domicílio organizada sistematicamente e confiada a grupos constituídos especialmente para esse fim. Nenhuma casa na área de influência da organização local do Partido deve ficar de fora dessa agitação. Nas cidades mais importantes uma agitação de rua, especialmente organizada, com distribuição de folhetos e cartazes, pode dar bons resultados. Também nas usinas e fábricas deve-se organizar uma agitação pessoal regular, conduzida pelos núcleos e frações do Partido e acompanhada da distribuição de literatura.

Nos países onde a população reprime as minorias nacionais, o dever do Partido é prestar toda atenção à agitação e propaganda e à agitação nas camadas proletárias dessas minorias. A agitação e a propaganda deverão naturalmente ser conduzidas na língua das minorias nacionais respectivas. Para atingir esse objetivo, o Partido deverá criar as organizações apropriadas.

22. Quando a propaganda comunista se faz nos países capitalistas em que a maioria do proletariado não tem ainda nenhuma inclinação revolucionária consciente, é preciso encontrar métodos de ação cada vez mais perfeitos para ir ao encontro da compreensão do operário ainda não-revolucionário, mas começando a sê-lo, e para abrir-lhe as portas do movimento revolucionário. A propaganda comunista deve se servir de seus princípios nas diferentes situações para se sustentar no espírito do operário, durante sua luta interior contra as tradições e tendências burguesas, mas que são para ele um elemento de progresso revolucionário.

Ao mesmo tempo a propaganda comunista não deve se limitar aos pedidos ou esperanças das massas proletárias tais como são hoje, isto é, restritas e indecisas. Os germes revolucionários desses pedidos e esperanças formam apenas ponto de partida de que precisamos para influenciá-las. Pois é somente nessa combinação que se pode explicar o comunismo ao proletariado de uma maneira mais compreensível.

23. É preciso levar a agitação comunista entre as massas proletárias, de tal maneira que os proletários militantes reconheçam nossa organização comunista como a que deve dirigir leal e corajosamente, com previdência e energia, seu próprio movimento em direção a um objetivo comum.

Para isso, os comunistas devem tomar parte em todas as lutas espontâneas e movimentos da classe operária e assumir como sua a missão de salvaguardar os interesses dos operários em todos os seus conflitos com os capitalistas a respeito da jornada de trabalho etc. Os comunistas devem ocupar-se energeticamente das questões concretas da vida dos operários, ajudá-los a se desembaraçar dessas questões, chamar sua atenção para os casos de abusos mais importantes, ajudá-los a formular exatamente e de forma prática suas reivindicações aos capitalistas e, ao mesmo tempo, desenvolver entre eles o espírito de solidariedade e a consciência da comunidade de interesse dos operários de todos os países como uma classe unida que constitui parte do exército mundial do proletariado.

Apenas participando desse trabalho miúdo e cotidiano absolutamente necessário, jogando todo seu espírito de sacrifício nos combates do proletariado, o 'Partido Comunista' pode se transformar em verdadeiro Partido Comunista. Apenas por esse trabalho os comunistas se distinguirão desses partidos socialistas de mera propaganda e alistamento que já tiveram sua época e cuja atividade consiste apenas em reuniões, discursos sobre as reformas e a exploração das possibilidades parlamentares. A participação consciente e devotada de toda a massa dos membros de um partido na escola das lutas e contendas

cotidianas entre os explorados e os exploradores é a premissa indispensável não somente de conquista, mas, numa medida mais larga, da realização da ditadura do proletariado. Somente se colocando à frente das massas operárias em suas guerrilhas constantes contra o ataque do capital o Partido Comunista pode se tornar a vanguarda da classe operária, aprender sistematicamente a dirigir de fato o proletariado e adquirir os meios de preparar conscientemente a derrota da burguesia.

24. Os comunistas devem estar mobilizados em grande número para participar do movimento dos operários, sobretudo durante as greves e os locautes e reuniões de repercussão massiva.

Os comunistas cometem uma falta muito grave se acatam o programa comunista e na batalha revolucionária final assumem uma atitude passiva e negligente ou mesmo hostil em relação às lutas cotidianas que os operários travam pelas melhorias, ainda que pouco importantes, de suas condições de trabalho. Por miúdas e modestas que sejam as reivindicações pelas quais os operários se batem hoje contra os capitalistas, os comunistas não devem jamais se furtar ao combate. Nessa atividade de agitação, não se deve fazer crer que os comunistas são instigadores cegos de greves estúpidas e outras ações insensatas, mas devemos merecer dos operários militantes a reputação de sermos os melhores companheiros de luta.

25. A prática do movimento sindical mostrou que os núcleos e frações comunistas são, muito frequentemente, confusos e só sabem o que fazer diante das questões mais simples. É fácil, ainda que estéril, pregar sempre os princípios gerais do comunismo para cair na via do sindicalismo vulgar nas questões concretas. Com tais ações, facilita-se o jogo dos dirigentes da Internacional Amarela de Amsterdã.

Os comunistas devem, ao contrário, determinar sua atitude segundo os dados materiais de cada questão que se coloca. Por exemplo, em vez de se opor por princípio a todo contrato de salário do trabalho operário, eles devem, antes de tudo, levar diretamente a lula pelas modificações materiais do texto desses contratos, apoiados pelos chefes de Amsterdã. É verdade que é preciso condenar e combater resolutamente todos os entraves que impedem os operários de se colocarem em luta. Não se deve esquecer que é justamente esse o objetivo dos capitalistas e seus cúmplices de Amsterdã: amarrar as mãos dos operários através de cada contrato de salário. Por isso é evidente que o dever comunista é expor esse objetivo aos operários. Mas, em geral, o melhor meio para que os comunistas se contraporem a esse objetivo é propor um salário que não esmague os operários.

Essa mesma atitude é, por exemplo, muito útil em relação às caixas de assistência e às instituições de seguro dos sindicatos operários. A coleta de fundos para a luta e a distribuição de subvenções em tempo de greve pelas caixas mutuais não são ações más em si mesmas, e se opor, em princípio, a esse gênero de atividade será algo deslocado. Somente é preciso dizer que essas coletas de dinheiro e esse meio de dispensá-lo, que estão de acordo com as recomendações dos chefes de Amsterdã, estão em contradição com os interesses das classes revolucionárias. Com relação às caixas sindicais, de hospital etc., é preciso que os comunistas exijam a supressão das cotizações especiais e, igualmente, a supressão de todas as condições de obrigação em caixas voluntárias. Mas se nós proibirmos os membros de dar dinheiro para ajudar as organizações de assistência aos doentes, a parcela desses membros que desejam continuar a assegurar por seus donativos a ajuda combinada com essas instituições não nos compreenderá se os proibirmos sem qualquer explicação. É preciso livrar essas pessoas, pela propaganda pessoal intensiva, de sua tendência pequeno-burguesa.

26. Não há nada a esperar de conversas com os chefes dos sindicatos e dos diferentes partidos operários social-democratas e pequeno-burgueses. Contra isso deve-se organizar a luta com toda a energia, mas o único meio seguro e vitorioso de combatê-los consiste em desligar deles seus adeptos e mostrar aos operários o serviço de escravos cegos que seus chefes social-traidores prestam ao capitalismo. Deve-se, portanto, sempre que possível, colocar primeiro esses chefes numa situação em que eles sejam obrigados a se desmascarar e atacá-los, após esses preparativos, 4a forma mais enérgica.

Não é suficiente jogar no rosto dos chefes de Amsterdã a injúria de "amarelos". Seu caráter de "amarelos" deve ser mostrado detalhadamente com exemplos práticos. Sua atividade nas uniões operárias, no Bureau Internacional de Trabalho da Liga das Nações, nos ministérios e administrações burguesas, suas palavras mentirosas nos discursos pronunciados nas conferências e parlamentos, as passagens essenciais de seus numerosos artigos pacificadores nas centenas de jornais e revistas, mas sobretudo na maneira hesitante e oscilante de conduzir quando se trata de preparar e conduzir os menores movimentos salariais e as lutas operárias tudo isso oferece ocasião de expor a conduta desleal e traidora dos chefes de Amsterdã e chamá-los de "amarelos". Pode-se fazê-lo apresentando proposições, moções e discursos.

É preciso que os núcleos e frações do partido façam sistematicamente os ataques práticos. Os comunistas não devem se deixar frear pelas explicações da burocracia sindical inferior que procura se defender de sua fraqueza - que aparece por vezes, apesar de toda a sua boa vontade - rejeitando a censura sobre os estatutos, as decisões das conferências e as ordens recebidas de seus comitês centrais. Os comunistas devem constantemente exigir dessa burocracia inferior respostas claras e indagar o que faz para afastar os obstáculos que ela alega existir e se está pronta para lutar para sua destruição.

27. As frações e os grupos de operários devem se preparar cuidadosamente para a participação dos comunistas nas assembléias e conferências das organizações sindicais. Devem, por exemplo, elaborar suas próprias proposições, escolher seus relatores e oradores para sua defesa, propor como candidatos os camaradas capazes, experimentados e enérgicos etc.

As organizações comunistas devem, igualmente, através de seus grupos operários, se preparar cuidadosamente para as eleições, demonstrações, festas políticas, operárias etc., organizadas pelos partidos inimigos. Mesmo quando se tratar de assembléias gerais organizadas pelos próprios comunistas, os grupos operários comunistas devem, no maior número possível, agir segundo um plano único, tanto antes como durante as assembléias, a fim de estarem seguros de aproveitar plenamente essas assembléias do ponto de vista da organização.

28. Os comunistas devem também sempre tentar atrair para a esfera de influência do partido os operários não organizados e inconscientes. Nossos núcleos e frações devem fazer tudo para que surja o movimento entre os operários, para fazê-los entrar nos sindicatos e ler nosso jornal. Podemos nos servir igualmente de outras uniões operárias na qualidade de intermediários para propagar nossa influência (por exemplo, as sociedades de ensino e os círculos de estudos, as sociedades esportivas, teatrais, uniões de consumidores, organizações de vítimas da guerra etc.).



Nos locais onde o Partido Comunista é obrigado a agir ilegalmente, tais uniões operárias podem, com a aprovação e sob o controle do órgão do partido dirigente, ser formadas fora do partido, pela iniciativa dos seus membros (Associações de Simpatizantes). As organizações comunistas da Juventude e Mulheres podem também, graças a seus cursos, conferências, excursões, festas, piqueniques de domingos etc., despertar em muitos operários, até agora indiferentes às questões políticas, o interesse por sua organização comum e, em seguida, fazê-los participar de um trabalho útil para nosso partido (por exemplo, a distribuição de folhetos, proclamações e outros, distribuição de jornais do partido, livros etc.). Pela participação ativa nos movimentos comuns, os operários se livrarão mais facilmente de suas tendências pequeno-burguesas.

29. Para conquistar as camadas semiproletárias da massa operária e torná-las simpatizantes do proletariado revolucionário, os comunistas devem se valer sobretudo da contradição de seus interesses, socialmente opostos aos dos grandes proprietários, dos capitalistas e do Estado capitalista. Eles devem, através de conversas contínuas, desembaraçar essas camadas intermediárias de sua desconfiança para com a revolução proletária. Para chegar a esse resultado, será preciso por vezes conduzir essa propaganda durante um certo tempo. É preciso testemunhar um interesse sensível por suas exigências de vida, é preciso organizar bureaux de informações gratuitas para eles e ir em sua ajuda para superar as pequenas dificuldades das quais não podem sair sozinhos. É preciso levá-los às instituições especiais que servirão para instruí-los gratuitamente etc. Todas essas medidas poderão aumentar a confiança no movimento comunista. Ao mesmo tempo, é preciso ser muito prudente e agir infatigavelmente contra as organizações e pessoas hostis que têm autoridade em um dado lugar ou que possuem uma influência sobre os pequenos camponeses, artesãos e outros elementos semiproletários. É preciso caracterizar os inimigos mais próximos, aqueles que os explorados conhecem como seus opressores por sua própria experiência, é preciso caracterizá-los como os representantes dos crimes capitalistas em sua totalidade. Os propagandistas e agitadores comunistas devem utilizar ao extremo, e de forma compreensível para todos, todos os elementos e fatos cotidianos que colocam a burocracia de Estado em conflito direto com o ideal da democracia pequeno-burguesa e o "Estado de direito".

Todas as organizações do campo devem repartir entre seus membros as tarefas de agitação a domicílio que devem desenvolver na esfera de sua atividade em todas as cidades, cortes municipais e fazendas e casas separadas.

30. Para a propaganda no exército e na frota do Estado capitalista, será preciso procurar em cada país os métodos mais apropriados. A agitação antimilitarista no sentido pacifista é má, pois ela não pode senão encorajar a burguesia em seu desejo de desarmar o proletariado. O proletariado rejeita a princípio e combate da maneira mais enérgica todas as instituições militaristas do Estado burguês e da classe burguesa em geral. Por outro lado, o proletariado aproveita-se dessas instituições (exército, sociedades de preparação militar, milícia de defesa civil etc.) para exercitar militarmente os operários para as lutas revolucionárias. A agitação ostensiva não deve ser dirigida contra a formação militar da juventude operária, mas contra as arbitrariedades dos oficiais. O proletariado deve utilizar da forma mais enérgica possível todas as possibilidades de se apossar das armas.

O antagonismo de classes que se manifesta nos privilégios materiais dos oficiais e no mau tratamento dispensado aos soldados deve tornar-se claro para esse últimos. Por outro lado, na agitação entre os soldados, é preciso esclarecer como todo seu futuro está estreitamente ligado à sorte da classe explorada. No período avançado da fermentação

revolucionária, a agitação a favor da eleição democrática dos comandos pelos soldados e pelos marinheiros e a favor da formação de sovietes de soldados pode ser muito eficaz para minar as bases da dominação da classe capitalista.

A máxima atenção e energia são necessárias na agitação contra as tropas especiais que a burguesia arma para a guerra civil e, em particular, contra seus bandos de voluntários armados. A decomposição social deve ser demonstrada sistematicamente e no tempo hábil nos locais onde essa decomposição social e seu meio corrompido o permitem. Quando esses bandos ou tropas possuem um caráter de classe uniformemente burguês como, por exemplo, nas tropas compostas exclusivamente de oficiais, é preciso desmascará-los para o conjunto da população, torná-los desprezíveis e odiosos, de forma a provocar sua dissolução interior seguida do isolamento.

## 5. Organização das Lutas Políticas

31. Para um Partido Comunista, não há momento em que a organização do Partido possa ficar inativa. A utilização orgânica de toda situação política e econômica e de toda modificação dessa situação deve ser levada ao nível de uma estratégia e de uma tática organizada.

Se o Partido é ainda frágil, ele tem, entretanto condições de aproveitar os eventos políticos ou grandes greves que abalam toda a vida econômica para levar uma ação de propaganda radical sistemática e metodicamente organizada. Uma vez que um Partido tomou sua decisão numa situação desse gênero, ele deve pôr em movimento para esta campanha, com toda a energia, todos os seus membros e todos os setores do seu movimento.

Em primeiro lugar, será preciso utilizar todas as ligações que o Partido tenha criado para o trabalho de seus núcleos e seus grupos de propaganda para organizar reuniões nos principais centros políticos ou grevistas, reuniões nas quais os oradores do Partido deverão mostrar aos assistentes que os princípios comunistas são o meio para sair das dificuldades da luta. Grupos de trabalho especiais deverão preparar nos mínimos detalhes todas essas reuniões. Se não for possível organizar reuniões por si, os camaradas devidamente preparados deverão se apresentar como os principais oradores nas reuniões gerais dos grevistas ou dos proletários, levando o combate sob qualquer forma que se apresente.

Se há possibilidade de ganhar a maioria, ou pelo menos grande parte da reunião, para nossos princípios, esses deverão ser formulados em proposições e resoluções bem redigidas e corretamente justificadas. Uma vez apresentadas, será necessário fazer com que sejam admitidas pelo menos por fortes minorias em todas as reuniões que acontecerem com a mesma finalidade na localidade em questão ou em outras. Assim obteremos a concentração das camadas proletárias em movimento que no momento sofrem somente nossa influência moral, e nós as faremos aceitar a nova direção.

Após essas reuniões, os grupos de trabalho que participaram de sua preparação e sua utilização deverão se reencontrar não apenas para fazer um relatório ao Comitê Diretor do Partido, mas também para tirar das experiências e erros eventualmente cometidos os ensinamentos necessários à atividade ulterior.

Segundo as situações, as palavras de ordem práticas deverão ser levadas ao conhecimento das massas operárias interessadas, por meio de cartazes e folhetos, ou panfletos detalhados, remetidos diretamente aos elementos em luta e nos quais o comunismo

esteja aclarado pelas divisas adaptadas à situação. Para distribuir os panfletos, são necessários grupos especialmente organizados; esses grupos deverão ser unidos e escolher o momento oportuno para esta operação. A distribuição dos folhetos dentro e diante dos locais de trabalho, nos estabelecimentos públicos, nas habitações comuns dos operários que participam do movimento, nos cruzamentos, nas agências de emprego e nas estações, deverá ser acompanhada tanto quanto possível de uma discussão em termos francos, de forma, a ser entendida pelas massas operárias em movimento. Os panfletos detalhados deverão ser divulgados tanto quanto possível em lugares cobertos, nas oficinas, habitações e, de modo geral, onde se possa esperar uma atenção continuada.

Esta propaganda intensa deve ser apoiada por uma ação paralela em todas as assembléias de sindicatos ou entidades do movimento. Se os comunistas forem os organizadores dessas assembléias, deverão providenciar oradores e relatores preparados para tanto. Os jornais do Partido devem constantemente colocar à disposição do movimento a maior porção de suas colunas e seus melhores argumentos, o conjunto do aparelho partidário deverá, durante todo o tempo que durar o movimento, estar inteiramente, e sem descanso, a serviço da idéia geral que o anima.

32. As manifestações e as ações demonstrativas exigem uma direção muito devotada e muito ágil, que tenha sempre em mira o objetivo dessas ações e esteja a qualquer momento em condições de perceber se a manifestação obteve seu maior efeito ou se, na situação dada, é possível intensificá-la, alargando-a para realizar uma ação de massas sob a forma de greves demonstrativas e em seguida greves de massas. As manifestações pacifistas durante a guerra nos ensinaram que, mesmo após o esmagamento desse tipo de manifestação, um verdadeiro Partido proletário de luta, mesmo ilegal, não deve hesitar nem parar quando se trata de um grande objetivo, despertando necessariamente nas massas um interesse crescente.

As manifestações de rua encontram mais apoio nos estabelecimentos maiores. Tão logo esteja criado um certo estado de espírito comum, por meio do trabalho preparatório metódico de nossos núcleos e frações, seguido de uma propaganda oral ou por panfletos, os homens de confiança do nosso Partido nas empresas, os líderes de núcleos e frações, deverão ser convocados pelo Comitê Diretor para uma conferência ou discutirão a operação conveniente para o dia seguinte, o momento exato de realizar, o caráter das palavras de ordem, as perspectivas da ação, sua intensificação e o momento da cessação e da sua dissolução. Um grupo de funcionários munidos de instruções precisas e especialistas em questões de organização deverá constituir o eixo da manifestação da partida do local de trabalho ao deslocamento do movimento de massas. A fim de que esses funcionários mantenham o contato vivo entre eles e possam receber constantemente as diretrizes políticas necessárias a cada momento, trabalhadores responsáveis do Partido devem participar metódicamente, entre as massas, da manifestação. Esta direção política e organizada da manifestação constitui a condição mais favorável para a renovação e eventualmente para a intensificação da ação e sua transformação em grandes ações de massa.

33. Os Partidos Comunistas que já desfrutam de uma certa solidez interior, que dispõem de um grupo de funcionários provados e de um número considerável de partidários nas massas, devem fazer tudo para destruir, através de grandes campanhas, a influência dos líderes socialistas-traidores e colocar a maioria dos operários sob direção comunista. As campanhas devem ser organizadas diferentemente segundo o que as lutas atuais permitem ao Partido Comunista agir como guia do proletariado e de se colocar à frente do movimento onde reine uma estagnação momentânea. A composição do Partido será também um elemento determinante para os métodos de organização das ações.

É assim que, para ganhar, mais do que isso não era possível nas diferentes circunscrições, as camadas socialmente decisivas do proletariado, o Partido Comunista Unificado da Alemanha, como jovem Partido de massas, recorreu ao meio da "carta aberta". A fim de desmascarar os chefes socialistas-traidores, o Partido Comunista se dirigiu, no momento em que a miséria e os antagonismos de classe se agravavam, às outras organizações do proletariado para exigir delas uma resposta clara diante do proletariado para a questão de saber se eles estavam dispostos, com suas organizações aparentemente tão poderosas, a empreender a luta comum em acordo com o Partido Comunista, pelas reivindicações mínimas, por um miserável pedaço de pão, contra a miséria evidente do proletariado.

Tão logo o Partido Comunista comece uma campanha semelhante, ele deve tomar todas as medidas para provocar um eco para sua ação nas mais amplas camadas das massas proletárias. Todas as frações profissionais e todos os funcionários sindicais do Partido devem, em todas as reuniões dos operários, por empresa ou sindicato, em todas as reuniões públicas em geral, colocar em discussão as reivindicações do proletariado.

Em todos os lugares onde nossas frações e núcleos desejem obter para nossas reivindicações a aprovação das massas, folhetos, panfletos e cartazes deverão ser distribuídos com habilidade a fim de excitar a opinião. A imprensa de nosso Partido, durante as semanas que durar a campanha, deve esclarecer o movimento, ora brevemente, ora com mais detalhes, mas sempre sob aspectos novos. As organizações deverão prover a imprensa de informações correntes relativas ao movimento e zelar energicamente para que os redatores não se descuidem dessa campanha do Partido. As frações do Partido no Parlamento e instituições municipais deverão também se colocar sistematicamente a serviço dessas lutas. Elas deverão provocar a discussão pelas proposições correspondentes nas assembléias deliberativas, seguindo as orientações do Partido. Os deputados deverão agir e se sentir como membros das massas combatentes, como seus porta-vozes no campo de seus inimigos de classe, como funcionários responsáveis e como trabalhadores do Partido.

Assim que a ação concentrada organizada e coerente de todos os membros do Partido tiver provocado um número de ordens e do dia de aprovação sempre maior e aumentando sem cessar ao longo de algumas semanas, o Partido se encontrará diante dessa grave questão: organizar, concentrar organicamente as massas que aderem às nossas palavras de ordem.

Se o movimento tomar um caráter sindical, é preciso, antes de tudo, se aplicar em aumentar nossa influência nos sindicatos, prescrevendo às nossas frações comunistas atacar, após boa preparação, diretamente a direção sindical local para derrotá-la ou levar a luta organizada com base nas palavras de ordem do nosso Partido.

Onde houver comitês ou conselhos de fábrica ou outras instituições análogas, será preciso agir de maneira que essas instituições participem da luta. Uma vez que um certo número de organizações locais sejam ganhas para essa luta sob a direção comunista em função dos interesses vitais do proletariado, essas organizações, cujas reuniões gerais forem decididas no mesmo sentido, enviarão seus delegados. A nova direção assim consolidada sob a influência comunista ganha, por esta concentração de grupos ativos do proletariado organizado, uma nova forma de ataque, que deve ser utilizada para empurrar para a frente a

direção dos Partidos Socialistas e dos sindicatos, ou, pelo menos, para anulá-las a partir de agora organicamente.

Nas regiões onde nosso Partido dispõe de suas melhores organizações e onde ele encontrou as mais numerosas aprovações para suas palavras de ordem, é preciso, com uma pressão organizada sobre os sovietes locais, concentrar todas as lutas econômicas isoladas que acontecem nessa região e também os movimentos desenvolvidos por outros grupos e transformá-las numa ampla luta única, ultrapassando, daí por diante, o limite dos interesses profissionais particulares e perseguindo algumas reivindicações elementares comuns, a fim de realizar essas reivindicações com a ajuda das forças reunidas de todas as organizações da região.

Num semelhante movimento, o Partido Comunista será o verdadeiro guia do proletariado pronto para a luta, enquanto a burocracia sindical e os Partidos Socialistas que se opuserem a um movimento organizado com um tal acordo serão batidos não somente pela perda de toda autoridade política ou moral mas, também, pela destruição efetiva de sua organização.

34. Se o Partido Comunista for obrigado a assumir a direção das massas num momento em que os antagonismos políticos e econômicos estiverem superexcitados e provocarem novos movimentos e novas lutas, pode-se renunciar a estabelecer reivindicações particulares e dirigir apelos simples e concisos diretamente aos membros dos Partidos Socialistas e sindicatos, convidando-os a não fugir da luta contra os patrões, apesar dos conselhos de seus chefes burocratas, dada a miséria e a opressão crescente, para evitar a ruína completa. Os órgãos dos Partidos devem sempre mostrar e acentuar durante esse movimento que os comunistas estão prontos a participar na condição de chefes das lutas atuais ou futuras dos proletários reduzidos à miséria e que acorrerão em socorro de todos os oprimidos, desde que isso seja possível na situação. Será necessário provar cotidianamente que o proletariado não poderá subsistir sem essas lutas e nenhuma das antigas organizações procura evitar ou impedir essa situação.

As frações sindicais e profissionais devem sempre apelar para o espírito de combate de seus camaradas comunistas nas reuniões, fazendo-os compreender claramente que não se pode hesitar nunca. Mas o essencial, durante uma campanha desse gênero, é a concentração e a unificação orgânica das lutas e dos movimentos. Não somente os núcleos e as frações comunistas das empresas e sindicatos levados à luta devem constantemente manter entre eles o contato mais estreito mas, também, as direções devem imediatamente colocar à disposição dos movimentos que se produzem os funcionários e os militantes ativos do Partido, encarregados, de acordo com os militantes do movimento, de generalizar, ampliar e intensificar, ao mesmo tempo que dirigir, todos esses movimentos. A principal tarefa da organização consiste em ressaltar o que há de comum entre essas diferentes lutas para poder assim chegar, em caso de necessidade, a uma luta geral pelos meios políticos.

Durante a generalização e intensificação das lutas será necessário criar órgãos únicos de direção. Nos casos de alguns sindicatos, em que o comitê de greve burocrático venha a faltar com sua tarefa, será preciso que os comunistas obtenham a tempo, exercendo a pressão necessária, a substituição desses burocratas por comunistas que assumam a direção firme e decidida desta luta. Desde que se consiga combinar várias lutas, será preciso instituir uma direção comum para o conjunto da ação, e então os comunistas deverão, sempre que possível, assumir essa direção. Esta unidade de direção pode ser facilmente obtida se for feita



uma preparação apropriada pela fração comunista nos sindicatos ou nas empresas, pelos sovietes de usinas, pelas assembléias plenárias desses sovietes, mas mais particularmente pelas assembléias gerais de grevistas.

Se o movimento, seguido de sua generalização e da entrada em ação dos organismos patronais e das autoridades públicas, assumir um caráter político, será preciso começar imediatamente a propaganda e a preparação administrativa com vistas à eleição possível e verdadeiramente necessária dos sovietes operários; ao longo desse trabalho, todos os órgãos do Partido devem ressaltar com a máxima intensidade a idéia de que apenas por órgãos semelhantes da classe operária, saídos diretamente de suas lutas, se dará a verdadeira libertação do proletariado com o desprezo que convém votar à burocracia sindical e seus auxiliares do Partido Socialista.

35. Os Partidos Comunistas já suficientemente fortes, e em particular os grandes partidos de massas, devem através de medidas tomadas previamente, estar sempre prontos para grandes ações políticas. Ao longo dessas ações demonstrativas e das lutas econômicas, bem como ao longo das ações parciais, é preciso utilizar sempre, da maneira mais enérgica, as experiências de organização fornecidas por esses movimentos para um contato mais firme com as grandes massas. As lições de todos os novos grandes movimentos devem ser discutidas e estudadas com cuidado nas conferências ampliadas de funcionários, dirigentes e militantes responsáveis do Partido com os delegados das usinas, a fim de estabelecer relações cada vez mais estreitas e mais seguras, através dos delegados de usinas.) A melhor garantia que as ações políticas de massas não serão empresas prematuras e só o serão na medida permitida pelas circunstâncias e pela influência atual do Partido, consiste nas relações de confiança entre funcionários e militantes responsáveis do Partido e os delegados de usinas.

Sem esse contato estreito entre o Partido e as massas proletárias, trabalhando entre as grandes e médias empresas, o Partido Comunista não conseguirá realizar grandes ações de massas e movimentos verdadeiramente revolucionários. Se, na Itália, o levante incontestavelmente revolucionário do ano passado, que encontrou sua expressão mais forte na ocupação das usinas, fracassou foi certamente por uma parte, por causa da traição da burocracia sindical e pela insuficiência da direção política do Partido mas, também, porque não havia entre o Partido e as usinas uma ligação intimamente organizada por meio de delegados de usinas politicamente informados e se interessando pela vida do Partido. O movimento dos mineiros ingleses deste ano foi, sem dúvida, extraordinariamente, ele também, vítima desse mesmo defeito que diminuiu seu valor político.

## 6. A Imprensa do Partido

36. A imprensa comunista deve ser desenvolvida e melhorada pelo Partido com uma energia infatigável.

Nenhum jornal poderá ser reconhecido como órgão comunista se não estiver submetido às diretrizes do Partido. Esse princípio deve ser aplicado também para as produções literárias como livros, brochuras, escritos periódicos etc., levando em consideração seu caráter científico, de propaganda ou outro.

O Partido deve se esforçar para ter bons jornais antes de ter muitos. Todo Partido Comunista deve ter um órgão central, sempre que possível diário.

37. Um jornal comunista não deve jamais se tornar uma empresa capitalista como são os jornais burgueses pretensamente "Socialistas". Nosso jornal deve ser independente das instituições de crédito capitalistas. A organização ágil da publicidade por anúncios, que pode melhorar consideravelmente as condições de existência do nosso jornal, não deve ficar na dependência das grandes empresas de publicidade. Logo, uma atitude inflexível em todas as questões sociais proletárias dará aos jornais de nosso Partido de massas uma força e uma consideração absolutas. Nosso jornal não deve servir para satisfazer o gosto sensacionalista nem a diversão de um público variado. Ele não deve fazer concessões à crítica dos literatos pequeno-burgueses ou aos virtuosos do jornalismo para criar uma clientela de salão.

38. Um jornal comunista deve, antes de tudo, defender Os interesses dos operários oprimidos e lutadores. Deve ser nosso melhor propagandista e agitador, o propagandista dirigente da revolução proletária.

Nosso jornal tem por tarefa reunir as experiências adquiridas nas atividades de todos os membros do Partido e fazer disso um guia político para revisão e melhoria dos métodos de ação comunista. Essas experiências devem ser trocadas nas reuniões de redatores de todo o país, reuniões que procurem criar a maior unidade de tom e tendência no conjunto da imprensa do Partido. Assim, essa imprensa, como qualquer jornal em particular, será o melhor organizador do nosso trabalho revolucionário.

Sem esse trabalho consciente de organização e de coordenação dos jornais comunistas, e em particular do órgão central, colocar em prática a centralização democrática e uma sadia divisão do trabalho no interior do partido e, por consequência, também o cumprimento da missão histórica possível.

39. O jornal comunista deve tentar ser uma empresa comunista, isto é, uma organização proletária de combate, uma associação de operários revolucionários, de todos os que escrevem regularmente para o jornal, que o compõem, imprimem, administram, distribuem, reúnem o material de informação, discutem e elaboram nos núcleos, enfim, que agem cotidianamente para distribuí-lo etc...

Para fazer do jornal uma verdadeira organização de combate, uma poderosa e viva associação de trabalhadores comunistas, impõem-se várias medidas práticas.

Todo comunista se liga estreitamente a seu jornal, trabalhando e se sacrificando por ele. Ele é sua arma cotidiana que, para servir, deve se transformar cada vez mais forte e afiado. Somente graças aos sacrifícios financeiros e materiais, o jornal comunista conseguirá se manter. Os membros do Partido devem constantemente fornecer os meios necessários para sua organização e para sua melhoria, até que ele seja distribuído nos grandes partidos legais e sólido o suficiente para organização do movimento comunista.

Não é suficiente ser um agitador e um recrutador zeloso para o jornal, é preciso também se transformar em colaborador útil. É preciso informar o mais rápido possível tudo o que mereça ser observado, do ponto de vista social e econômico, na fração sindical e nos núcleos, do acidente de trabalho à reunião profissional, dos maus-tratos dispensados aos jovens aprendizes até o relatório comercial da empresa. As frações sindicais devem informar sobre as reuniões e sobre as decisões e medidas mais importantes tomadas por essas reuniões, pelos secretariados das Uniões, assim como sobre as atividades dos nosso adversários. A vida pública das reuniões e da rua oferece aos militantes atentos do Partido ocasião de observar

com senso crítico os detalhes, cuja utilização pelos jornais tornará clara aos mais indiferentes nossa atitude em relação às exigências da vida.

A comissão de redação deve tratar com o maior carinho e zelo essas informações sobre a vida dos operários e suas organizações e utilizá-las como breves comunicações, dando a nosso jornal o caráter de uma verdadeira comunidade de trabalho, viva e forte, ou para, à luz desses exemplos práticos da vida cotidiana dos operários, tornar compreensíveis os ensinamentos do comunismo, o que constitui a via mais rápida para chegar a tornar viva e íntima a idéia do comunismo entre as grandes massas operárias. Na medida do possível, a comissão de redação deverá estar à disposição dos operários que venham a visitar nosso jornal nas horas mais favoráveis do dia, para acolher suas necessidades e suas queixas relativas à miséria de sua existência, para anotá-las com cuidado e servir-se delas para dar vida ao jornal. Certamente, na sociedade capitalista, nenhum dos nossos jornais se transformará numa verdadeira associação de trabalho comunista. Pode-se, entretanto, mesmo nas condições mais difíceis, organizar um jornal revolucionário operário partindo desse ponto de vista. Isto está provado pelo exemplo do Pravda, de nossos camaradas russos, durante os anos de 1912-1913. Esse jornal se constitui realmente numa organização permanente e ativa dos operários revolucionários conscientes nos centros mais importantes do Império russo. Esses camaradas redigiam, editavam e distribuíam conjuntamente o jornal; a maioria entre eles economizando o dinheiro necessário para as despesas pelo trabalho e pelo salário de seu trabalho. O jornal, por seu turno, pôde lhes dar o que eles desejavam, o que eles tinham necessidade nos momentos de luta e que hoje lhes serve ainda no trabalho e na luta. Tal jornal, com efeito, pode ser para os membros do Partido e para todos os operários revolucionários o que eles chamam "nosso jornal".

40. O elemento essencial da atividade da imprensa de combate comunista é a participação direta nas campanhas conduzidas pelo Partido. Se, em certo momento, a atividade do Partido estiver concentrada em determinada campanha, o jornal do Partido deve colocar a serviço dessa campanha todas as suas colunas, suas rubricas e não apenas os artigos de fundo. A redação deve encontrar, em todos os domínios, material para empreender essa campanha e alimentá-la da forma mais conveniente.

41. O recrutamento para nosso jornal deve ser seguido conforme um sistema estabelecido. Antes de mais nada, é preciso utilizar todas as situações nas quais os operários estejam vivamente integrados no movimento, e nas quais a vida política e social esteja mais agitada, seguida de algum evento político e econômico. Assim, depois de cada greve ou locaute, durante os quais o jornal defendeu franca e energicamente os interesses dos operários em luta, deve-se organizar, imediatamente após o fim da greve, um trabalho de recrutamento homem a homem entre os que tenham participado da greve. Não apenas as frações comunistas dos sindicatos e das profissões envolvidas no movimento grevista devem levar a propaganda do jornal em seu meio através de listas e assinaturas mas, também, na medida do possível, deve-se procurar as listas dos operários que tenham feito a greve, bem como seus endereços, a fim de que os grupos especiais encarregados dos interesses do jornal possam levar uma agitação a domicílio.

Do mesmo modo, após toda campanha política eleitoral pela qual seja despertado o interesse das massas operárias, deve ser levada uma campanha de agitação a domicílio, de casa em casa, pelos grupos de trabalhadores especialmente incumbidos desta tarefa nos diferentes bairros operários.

Durante as épocas de crise política ou econômica latentes cujos efeitos se façam sentir nas massas operárias sob a forma de aumento de preços, de desemprego e outras misérias, deve-se tentar, após uma propaganda hábil contra essa situação, obter, se possível, por intermédio das frações sindicais, grandes listas de operários organizados nos sindicatos, a fim de que o grupo especial do jornal possa continuar sistematicamente a agitação a domicílio. A última semana do mês é a mais conveniente para o trabalho de recrutamento. Toda organização local que deixe passar esta última semana do mês, ainda que isso aconteça uma vez por ano, sem prosseguir na propaganda em favor da imprensa, comete um ato culposo na extensão do movimento comunista. O grupo especial encarregado dos interesses do jornal não deve deixar passar nenhuma reunião pública de operários, nenhuma grande manifestação sem, desde o início, e também durante os intervalos e ao final, agir da maneira mais ativa para obter assinaturas para nosso jornal. As frações sindicais devem cumprir esta tarefa também em todas as reuniões de seus sindicatos, nos núcleos e frações sindicais nas reuniões por categoria.

42. Nosso jornal deve ser constantemente defendido pelos membros do Partido contra todos os seus inimigos.

Todos os membros devem levar uma luta impiedosa contra a imprensa capitalista, revelar sua venalidade, suas mentiras, sua vileza reticente e suas intrigas.

A imprensa social-democrata e socialista independente deve ser vencida e desmascarada em sua atitude traidora pelos exemplos da vida cotidiana, através de ataques contínuos, mas sem se envolver em pequenas polêmicas de fração. As frações sindicais e outras devem se aplicar organizadamente a subtrair à influência perturbadora e paralisante dos jornais social-democratas aos membros dos sindicatos e de outras associações operárias. O trabalho de assinaturas para o nosso jornal, assim como a agitação a domicílio ou nas empresas, deve igualmente ser dirigido com habilidade contra a imprensa dos socialistas traidores.

## 7. A Estrutura do Conjunto do Partido

43. Para a ampliação e consolidação do Partido, não se deverá estabelecer divisões segundo um esquema formal, geográfico, será preciso, sobretudo, levar em conta a estrutura econômica e política real das regiões em questão e dos meios técnicos de comunicação. A base desse trabalho deve ser nas capitais e nos centros proletários da grande indústria.

No momento de organização de um novo Partido, constatam-se frequentemente, desde o início, os esforços que tendem a estender o tecido das organizações do Partido sobre todo o país. Apesar das forças muito limitadas à disposição dos organizadores, isso se aplica, na maioria das vezes, a dispersá-lo aos quatro ventos. A força de atração e o crescimento do Partido ficam assim enfraquecidos. Ao cabo de alguns anos chega-se, é verdade, a ter todo um sistema de bureaux muito vasto, mas o mais comum é o Partido não conseguir se fixar firmemente em nenhuma das cidades industriais mais importantes do país.

44. Para dar ao Partido a maior centralização possível, é preciso tão-somente decompor sua direção como um todo numa hierarquia, comportando numerosos graus completamente subordinados uns aos outros. É preciso se aplicar a construir em todo centro econômico, político ou de comunicação, uma malha que se estenda sobre a larga periferia desta cidade e sobre a região econômica ou política dependente. O Comitê do Partido, que é nesta cidade co-

mo a cabeça de um corpo, dirige o trabalho do Partido na região e exerce sua direção política, deve se apoiar, com o mais estreito contato, nas massas comunistas da sede.

Os organizadores nomeados pelas conferências das regiões ou pelo Congresso Regional do Partido e confirmados pela direção central devem participar regularmente da vida do Partido na sede de sua região. O Comitê Regional do Partido deve constantemente ser reforçado por trabalhadores escolhidos entre os membros da sede, de sorte que se estabeleça um contato vivo e estreito entre o comitê político do Partido dirigente da região e as massas comunistas de sua sede. Logo que chegue a um certo estado de organização, é preciso que o Comitê da região seja ao mesmo tempo a direção política da sede desta região. De sorte que os comitês dirigentes do Partido nessas organizações regionais, de acordo com o Comitê Central, tenham o papel de órgãos verdadeiramente dirigentes nas organizações do Partido. A extensão de uma circunscrição política do Partido não deve naturalmente ser determinada pela extensão material da região. O que é preciso considerar, antes de tudo, é a possibilidade dos Comitês regionais do Partido dirigirem concentricamente todas as organizações locais da região. Quando isso não for possível, é preciso repartir a região e fundar um novo Comitê regional do Partido.

Naturalmente, nos grandes países, o Partido tem de alguns órgãos de ligação entre a direção central e as diferentes direções regionais (direção provincial, direção departamental etc.) e entre a direção regional e as diferentes organizações locais (direção de circunscrição e de cantão). Em algumas circunstâncias, pode ser útil dar a um ou a outro desses órgãos intermediários um papel dirigente; por exemplo, numa grande cidade contando com um número considerável de membros. De modo geral, esse tipo de descentralização deve ser evitado.

45. As grandes unidades do Partido (circunscrições) são constituídas pelas organizações locais do Partido: pelos "grupos locais" do campo e das pequenas cidades e pelos "distritos" ou "raio" dos diferentes bairros das grandes cidades.

Uma organização local do Partido que, nas condições legais, não está em condições de manter reuniões gerais de seus membros, deve ser dissolvido ou dividido.

Nas organizações locais do Partido, os membros devem ser repartidos em função do trabalho cotidiano do Partido em diferentes grupos de trabalho. Nas organizações maiores, talvez seja útil reunir os grupos de trabalho em diferentes grupos coletivos. Num mesmo grupo coletivo é preciso, geralmente, incluir todos os membros que, em seu local de trabalho ou na vida cotidiana, se encontrem e mantenham contato entre si. O grupo coletivo tem por tarefa distribuir o trabalho geral do Partido entre os diferentes grupos de trabalho, receber os relatórios, formar os candidatos para o Partido em seu meio etc.

46. O Partido, em seu conjunto, está sob a direção da Internacional Comunista. As diretrizes e as resoluções da direção internacional nas questões que interessam aos partidos são endereçadas: 1) ou à direção central geral do Partido; ou 2) por intermédio da direção central, ou comitê dirigente tal ou qual ação especial; ou, enfim, 3) a todas as organizações do Partido.

As diretrizes e as decisões da Internacional são obrigatórias para o Partido e, também, não é preciso dizer, para cada um de seus membros.

47. O Comitê Central do Partido (conselho central ou comissão) é responsável perante o Congresso do Partido e perante a direção da Internacional Comunista. O Comitê Central



reduzido, bem como o Comitê completo ou ampliado, o conselho ou a comissão são eleitos, em regra geral, pelo congresso do Partido. Se o congresso do Partido julgar necessário, poderá encarregar a direção central para eleger uma direção limitada composta pelo Bureau político e pelo Bureau de organização. A política e os negócios correntes do Partido são dirigidos, sob a responsabilidade da direção limitada, por esses dois Bureaux. A direção reduzida convoca regularmente reuniões gerais do Comitê Diretor para tomar decisões de grande importância e alto porte. A fim de tomar conhecimento da situação política geral com a seriedade necessária e conhecer exatamente a capacidade de ação do Partido, de ter sobre isso uma visão exata e clara, é indispensável nas eleições da direção central do Partido, considerar as proposições apresentadas pelas diferentes regiões do país. Pela mesma razão, as opiniões táticas divergentes de caráter sério não devem ser relegadas nas eleições para a direção central. Ao contrário, é preciso agir de maneira que as opiniões divergentes estejam representadas no Comitê Diretor pelos seus melhores defensores. A direção reduzida deve, entretanto ser coerente com essas concepções e para ser firme e segura não deve se basear somente em sua autoridade, mas também em uma maioria sólida evidente e numerosa no conjunto do Comitê Diretor.

Graças a uma constituição bastante ampla de sua direção central, o grande Partido legal terá logo seu Comitê Central sobre a melhor das bases: uma disciplina firme e a confiança absoluta dos membros; além do mais, ele poderá assim combater e sanar os males e fraquezas que possam surgir entre os funcionários; poderá evitar igualmente a acumulação desses tipos de infecções no Partido e a necessidade de uma operação talvez catastrófica que se imporá em seguida ao congresso.

48. Cada Comitê do Partido deve estabelecer em seu interior uma divisão do trabalho eficaz, a fim de poder conduzir efetivamente o trabalho político nos diferentes domínios. Em relação a isso, pode ser necessário instituir, para alguns domínios, direções especiais (por exemplo, para a propaganda, para o serviço do jornal, para a luta sindical, para a agitação nas campanhas, para a agitação entre as mulheres, para a ligação, para a assistência revolucionária etc.). As diferentes direções especiais estão submetidas ou à direção central, ou ao Comitê Regional do Partido. O controle da atividade, assim como a boa composição de todos os comitês subordinados, pertencem ao Comitê Regional do Partido e, em último lugar, à direção central. Os membros empregados no trabalho político do Partido, assim como os parlamentares, são diretamente subordinados ao Comitê Diretor. Pode ser útil alterar de tempos em tempos as ocupações e o trabalho dos camaradas funcionários do Partido (por exemplo, os redatores, os propagandistas, os organizadores etc.) sem dificultar muito seu funcionamento. Os redatores e os propagandistas devem participar, durante um período prolongado, da ação política regular do Partido em um dos grupos especiais de trabalho.

49. A direção central do Partido, assim como a da Internacional Comunista, têm o direito de exigir a qualquer momento informações completas de todas as organizações comunistas, de seus comitês e seus diferentes membros. Os representantes e os delegados da direção central devem ser admitidos em todas as reuniões e em todas as assembleias com voz consultiva e com direito de veto. A direção central do Partido deve constantemente ter à sua disposição delegados (comissários) a fim de poder instruir e informar as diferentes direções regionais ou departamentais, não somente por circulares sobre a política e a organização ou por correspondências, mas também oralmente, diretamente. Uma comissão de revisão, composta por camaradas provados e instruídos, deve funcionar próxima a cada direção regional: esta comissão deve exercer o controle sobre o caixa e a contabilidade e fazer relatórios regulares ao comitê ampliado (conselhos ou comissões).

Toda organização e todo órgão do Partido, assim como todo membro, tem o direito de comunicar a qualquer momento e diretamente à direção central do Partido ou a Internacional seus desejos, iniciativas, observações ou reivindicações.

50. As diretrizes e as decisões dos órgãos dirigentes do Partido são obrigatórias para as organizações subordinadas e para os diferentes membros.

A responsabilidade dos órgãos dirigentes e seu dever de se proteger contra os atrasos e abusos de parte das organizações dirigentes só podem ser determinados formalmente e em parte. Quanto menor sua responsabilidade formal, por exemplo, nos Partidos ilegais, mais devem procurar conhecer a opinião dos demais membros do Partido, procurar informações sólidas e regulares e só tomar decisões após reflexão madura e séria.

Os membros do Partido devem, em sua ação pública, agir sempre como membros disciplinados de uma organização combatente. Sempre que surgirem divergências de opinião sobre a maneira mais correta de agir, deve-se decidir sobre essas divergências, sempre que possível, antes da ação, no interior das organizações do Partido e somente agir após ter tomado essa decisão. A fim de que toda decisão do Partido seja aplicada com energia por todas as organizações e todos os membros é preciso, sempre que possível, chamar as massas do Partido para a discussão e decisão das diferentes questões. As organizações e as instâncias do Partido têm o dever de decidir de que forma e em que medida tal ou qual questão pode ser discutida pelos diferentes camaradas diante da opinião pública do partido (na imprensa, nas brochuras). Mas, mesmo que esta decisão da organização ou da direção esteja errada, segundo o ponto de vista de alguns camaradas, estes não devem jamais esquecer em sua ação pública que a pior infração disciplinar e a falta mais grave que se pode cometer durante a luta é romper a unidade na luta comum ou enfraquecê-la.

É dever supremo de todo membro do Partido defender contra todos a Internacional Comunista. Aquele que esquece isso e que, ao contrário, ataca publicamente o Partido ou a Internacional Comunista deve ser tratado como um adversário do Partido.

As decisões da Internacional Comunista devem ser aplicadas sem demora pelos Partidos afiliados, mesmo no caso de alteração dos estatutos e decisões do Partido, conforme os próprios estatutos.

## 8. A Combinação de Trabalho Legal com Trabalho Ilegal

52. As variações funcionais podem acontecer segundo as diferentes fases da revolução na vida corrente de um Partido Comunista. Mas, no fundo, não há diferença essencial na estrutura que devem se esforçar para obter um partido legal e um partido ilegal.

O Partido deve se organizar de tal maneira que possa se adaptar prontamente às modificações das condições da luta.

O Partido Comunista deve se transformar numa organização de combate capaz, de uma parte, de evitar, em campo aberto, um inimigo com forças superiores concentradas sobre um ponto e, de outra parte, de utilizar as dificuldades deste inimigo para atacá-lo onde ele se encontra. Seria um grande erro preparar-se exclusivamente para os levantes e os combates de rua ou para os períodos de maior opressão. Os comunistas devem cumprir seu trabalho re-

volucionário preparatório em todas as situações e estar sempre prontos para a luta, pois é praticamente impossível prever a alternância dos períodos de ação e de calma; é possível aproveitar esta previsão para reorganizar o Partido, porque a mudança muito rápida de atitude provoca surpresa.

53. Os Partidos Comunistas legais dos países capitalistas em geral ainda não compreenderam suficientemente como sua tarefa de preparação para os levantes revolucionários, para o combate pelas armas e, em geral, para a luta ilegal. Frequentemente se constrói a organização do Partido tendo em mira uma ação legal prolongada e segundo as exigências das tarefas legais cotidianas.

Nos Partidos ilegais, ao contrário, frequentemente não se compreende que é necessário utilizar as possibilidades da ação legal e construir o Partido de tal sorte que tenha uma ligação viva com as massas revolucionárias. Os esforços do Partido têm a tendência de se transformar num trabalho de Sísifo ou numa conspiração impotente.

Esses dois erros, tanto aquele do Partido ilegal como o do Partido legal, são graves. Todo Partido Comunista legal deve saber se preparar, da maneira mais enérgica, para a necessidade de uma existência clandestina e estar particularmente armado para os levantes revolucionários. E, de outra parte, cada Partido Comunista ilegal deve saber utilizar todas as possibilidades do movimento operário legal para se transformar, por um trabalho político intenso, no organizador e verdadeiro guia das grandes massas revolucionárias. A direção do trabalho legal e do trabalho ilegal deve estar constantemente nas mãos da direção central do Partido.

54. Nos Partidos legais, assim como nos ilegais, o trabalho ilegal é frequentemente conhecido como a fundação e a manutenção de uma organização fechada, exclusivamente militar e isolada do resto da política e da organização do Partido. Esta concepção é completamente equivocada. No período pré-revolucionário, a formação da nossa organização de combate deve ser principalmente o resultado do conjunto da ação comunista do Partido. O Partido em seu conjunto deve se transformar numa organização de combate para a revolução.

As organizações revolucionárias isoladas de caráter militar, nascidas prematuramente antes da revolução, mostram muito facilmente uma tendência à dissolução e à desmoralização, pois falta no Partido um trabalho imediatamente útil.

55. Para um Partido ilegal, é evidentemente da mais alta importância evitar que seus membros e órgãos sejam descobertos; é preciso, portanto, evitar que eles sejam fichados pelas imprudências na distribuição dos materiais e no recolhimento das cotizações. Um Partido ilegal não deve se servir na mesma medida que um Partido legal das formas abertas de organização para seus fins conspirativos; ele deve, entretanto, se aplicar a poder fazê-lo cada vez mais.

Todas as medidas deverão ser tomadas para impedir os elementos duvidosos e pouco seguros de penetrar no Partido. Os meios a serem empregados com essa finalidade dependem do caráter do Partido, legal ou ilegal, perseguido ou tolerado, em via de crescimento ou estagnado. Um meio que em algumas circunstâncias pode ser eficaz é o sistema de candidatura. As pessoas que procuram ser admitidas no Partido o são na qualidade de candidatos, mediante apresentação de dois membros do Partido e segundo a forma como cumpra as tarefas que lhes forem confiadas elas serão ou não admitidas.

A burguesia infiltrará inevitavelmente provocadores e agentes nas organizações ilegais. É preciso levar contra eles uma luta constante e minuciosa: um dos melhores métodos consiste em combinar a ação legal com a ação ilegal. Um trabalho revolucionário legal de uma certa duração é o melhor meio de perceber o grau de confiança que cada um merece, sua consciência, sua coragem, energia, pontualidade; é possível saber assim quem pode ser encarregado de um trabalho ilegal que corresponda ao máximo de sua capacidade.

Um Partido ilegal deve se preparar cada vez mais contra qualquer surpresa (por exemplo, colocando em segurança os endereços dos contatos; destruindo, em regra geral, as cartas; conservando em local abrigado os documentos necessários; instruindo conspirativamente os agentes de ligação etc.).

56. Nosso trabalho político geral deve ser repartido de maneira que mesmo antes do levante revolucionário aberto se desenvolvam e se fortaleçam as raízes de uma organização de combate que corresponda às exigências desta fase. É particularmente importante que em sua ação a direção do Partido Comunista tenha sempre em vista essas exigências, que tente, na medida do possível, representá-las em primeiro lugar. Certamente não se pode fazer dela uma idéia exata e clara, mas isso não é razão para negligenciar o ponto essencial da direção da organização comunista.

Se uma mudança funcional sobrevier no Partido Comunista no momento do levante revolucionário declarado, o Partido melhor organizado poderá se encontrar diante de problemas extremamente difíceis e complicados. Pode acontecer de se ver obrigado, num intervalo de alguns dias, a mobilizar o Partido para uma luta armada; mobilizar não somente o Partido, mas também as reservas, organizar os simpatizantes e toda a retaguarda, isto é, as massas revolucionárias não organizadas. Talvez não seja a questão de formar um exército vermelho regular. Nós devemos vencer sem exército previamente construído, somente com as massas colocadas sob a direção do Partido. Porém, se o nosso Partido não estiver preparado previamente por sua organização, a luta mais heróica não servirá para nada.

57. Nas situações revolucionárias, observou-se várias vezes que as direções centrais revolucionárias não se mostraram à altura de sua tarefa. Organizado em nível inferior, o proletariado pôde mostrar qualidades magníficas durante a revolução; mas, em seu Estado-maior, a desordem, o caos e a impotência reinam na maior parte das vezes. Chega a faltar a mais elementar divisão do trabalho, o serviço de informação é frequentemente péssimo e apresenta mais inconvenientes que utilidade; o serviço de ligação não merece nenhuma confiança. Quando há necessidade de correio secreto, transporte, abrigos, gráfica clandestina, eles são obtidos por um acaso feliz. Toda provocação por parte do inimigo organizado tem chance de dar certo.

Não será de outra forma se o Partido revolucionário não estiver devidamente preparado. Assim, por exemplo, a vigilância e a descoberta da polícia política exigem uma experiência especial; um aparelho para a ligação secreta só poderá funcionar pronta e seguramente se existir um longo treinamento. Em todos os domínios da atividade revolucionária especial, qualquer Partido Comunista legal deve fazer preparações secretas, por mínimas que sejam.

Em grande parte, neste domínio também, o aparelho necessário pode ser desenvolvido por uma ação legal, se se cuidar, durante o funcionamento deste aparelho, para que ele possa imediatamente se transformar em aparelho ilegal. Assim, por exemplo, a organização encarregada da distribuição, perfeitamente regulada, dos panfletos legais, publicações e cartas

pode ser transformada em aparelho secreto de ligação (serviço de correio secreto, alojamentos secretos, transportes conspirativos etc.).

58. O organizador comunista deve enxergar adiante todo membro do Partido e todo militante revolucionário em seu papel histórico futuro de soldado de nossa organização de combate, durante a época da revolução. Assim ele pode se aplicar, melhor e antecipadamente, no núcleo do qual faz parte, ao trabalho correspondente a seu posto e a seu serviço futuros. Sua ação atual deve, todavia, constituir um serviço útil em si e necessário à luta presente, e não somente um exercício que o operário prático não compreenderá imediatamente; mas esta atividade é em parte também um exercício, tendo em vista as exigências mais essenciais da luta final de amanhã.

### As Tendências do Movimento de esquerda no Brasil

- PT : De esgotamento com a experiência em relação ao governo (contraditório, ver texto sobre o assunto acima).
- PSTU: Partido de conteúdo pequeno burguês (radicalismo pequeno burguês) – estratégia é o Governo dos Trabalhadores saído do voto. Não tem programa, somente pontos conjunturais, é regido pelo Centralismo burocrático (poder da Direção e a democracia formal).
- Dissidentes do PT: Em prol da formação de outro Partido pequeno burguês, em contraposição ao Centralismo burguês do PT e ao Centralismo Burocrático do PSTU se dirigiu para as posições próximas do Anarquismo Senhorial, rejeitando qualquer forma de centralismo, o que equivale a construção de um partido sem programa e sem democracia operária, com pontos conjunturais, concluindo também com a democracia formal e o partido burguês, policlassista da propriedade privada.
- Uma centena de Organizações que se dizem Marxistas, mas que não tem e são incapazes de penetrar no Movimento Operário, exercitam o Centralismo burocrático, também e de certa maneira a democracia formal o que acabam por este motivo negando os princípios programáticos inicialmente defendidos e se enveredando para a propriedade privada.
- Uma necessidade histórica da Construção de um Partido Operário Marxista, que por sua vez só pode ser internacionalista, regido pelo Centralismo Democrático (democracia operária), partido programa direcionado pela estratégia de Revolução e Ditadura do Proletariado (Socialismo rumo ao Comunismo) e que haverá de penetrar no movimento operário realizando a fusão da teoria com a prática e o desafio de transformar o programa em ação das massas.

Operários, diaristas, donas de casa, assalariados em geral, estudantes, professores, autônomos, desempregados, subempregados, jovens, e velhos, todos, todos os oprimidos do Brasil e do Mundo. Unamos no Programa da construção do Partido Revolucionário, necessidade histórica para livrarmos a nós, nossos filhos, netos, bisnetos e toda geração posterior, da catástrofe da barbárie capitalista. Unamos no projeto programa de expropriar a burguesia (coletivizar os meios de produção), com a estratégia da Ditadura do Proletariado, regido pela Democracia Operária (Centralismo Democrático) no Partido, pelas decisões



soberanas nas Assembléias Gerais dos oprimidos no Movimento de Massa (luta de classe) e no poder Governamental também na fase mais acirrada da luta de classe rumo a Revolução mundial e ao Comunismo.

São Paulo fevereiro de 2004.

POM (Partido Operário Marxista)

**Correspondência**  
**Caixa Postal n.º 140**  
**CEP 09910-970**  
**Diadema, São Paulo**